villiers de l'isle-adam

OS CONTOS CRUÉIS

8

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

OS CONTOS CRUÉIS

EDITORIAL ESTAMPA

Título do original

CONTES CRUELS

Tradução de
Fernanda Barão

ÍNDICE

VERA

À Senhora condessa de Osmoy.

A forma do corpo é-lhe mais **essencial** do que a sua substância.

A Fisiologia moderna (1)

O Amor é mais forte do que a Morte (2), disse Salomão. É verdade, o seu misterioso poder é ilimitado.

Era ao cair de uma tarde de Outono destes últimos anos, em Paris. Alguns carros com as luzes acesas rodavam em direcção ao sombrio arrabalde de Saint-Germain, vagarosos, passada a hora do Bois. Um deles parou à entrada de uma grande moradia senhorial, circundada por jardins seculares. Sobre o frontão, o escudo de pedra, com as armas da antiga família dos condes de Athol, e que são: **em fundo azul, estrela ralada de prata**, com a divisa «PALLIDA VICTRIX», sob a coroa envolvida em arminho com o gorro do príncipe. Os pesados batentes abriram-se. Um homem de trinta e cinco anos, de luto, rosto mortalmente pálido, desceu. No átrio, taciturnos servidores erguiam tochas. Sem os ver, o homem transpôs os degraus e entrou. Era o conde de Athol (3).

Cambaleante, subiu a branca escadaria que levava ao quarto onde, nessa mesma manhã, deitara num caixão de veludo e envolvera em violetas, ondas de batista, a rainha das suas volúpias, a sua pálida esposa, Vera, o seu desespero.

Em cima, a porta rodou, suave, sobre o tapete; afastou o cortinado.

Todos os objectos estavam no lugar onde a condessa os deixara na véspera. A Morte, súbita, fulminara. Na última noite, a sua bem-amada tinha flutuado em tão

profundas alegrias, tinha-se perdido numa união tão terna e excepcional que o seu coração, deliciosamente despedaçado tinha desfalecido: os lábios tinham-se bruscamente humedecido com uma púrpura mortal. Mal tivera tempo de dar ao esposo um beijo de adeus sorrindo, sem uma palavra. E logo após, os cílios, longos, como véus de luto, cobriram a belíssima noite dos seus olhos.

Passara a inominável jornada.

Pelo meio-dia, o conde de Athol, depois da terrível cerimónia no jazigo familiar, despedira no cemitério o negro acompanhamento. Depois, encerrando-se, só, com a sepulta, entre as quatro paredes de mármore, fechara sobre si a porta de ferro do mausoléu. Ardia incenso num tripé, diante do caixão; uma coroa luminosa de lâmpadas, à cabeceira da jovem defunta, rutilava.

Ele, de pé, meditativo, com o sentimento único de uma ternura sem esperança, ali permanecera todo o dia. Pelas seis horas, ao crepúsculo, saíra do local sagrado. Ao tornar a fechar o sepulcro, retirara da fechadura a chave de prata e, subindo ao último degrau da entrada, lançara-a suvemente para o interior do túmulo. Atirara-a sobre as lajes interiores através da rosácea que encimava o pórtico. — Porquê?... Em consequência de qualquer resolução misteriosa de não mais voltar.

E agora revia o quarto viúvo.

As vidraças, por trás do seu imenso revestimento da caxemira malva, orlado de ouro, estavam abertas; um último raio de sol iluminava, numa moldura de madeira antiga, o grande retrato da falecida. O conde olhou à sua volta: o vestido atirado, na véspera, sobre uma poltrona; em cima do fogão, as jóias, o colar de pérolas, o leque meio fechado, os pesados frascos de perfume que **Ela** não mais aspiraria. Sobre o leito de ébano, de colunas torneadas, que continuava desfeito, junto do travesseiro onde o lugar da cabeça adorada e divina era ainda visível no meio das rendas, divisou o lenço avermelhado pelas gotas de sangue

onde a sua jovem alma palpitara por um momento; o piano aberto, tendo no suporte uma melodia para sempre inacabada; as flores indianas colhidas por ela na estufa, e que se fanavam em velhas jarras de Saxe; e, junto à cama, sobre uma pele negra, as pequenas chinelas de veludo oriental, sobre as quais uma ridente divisa de Vera brilhava, bordada a pérolas: **Quem vir Vera amá-la-á.** Os pés nus da bem-amada brincavam dentro delas, ontem de manhã, beijados, a cada passo, pela penugem dos cisnes! E ali, ali na sombra, o relógio, cuja mola ele quebrara para que não batesse mais horas.

Assim, ela partira!... Para onde?... Viver, agora? Para quê?... Era impossível, absurdo.

E o conde abismava-se em pensamentos desconhecidos.

Meditava sobre toda a existência passada. Seis meses tinham passado desde o casamento. Não fora no estrangeiro, no baile de uma embaixada, que a vira pela primeira vez?... Fora. Esse instante ressuscitava diante dos seus olhos, muito nítido. Ali surgia ela, radiosa. Nessa noite, os seus olhares tinham-se encontrado. Haviam-se reconhecido, intimamente, de natureza semelhante, e devendo amar-se para sempre.

As frases desanimadoras, os sorrisos que observam, as insinuações, todas as dificuldades que o mundo suscita para retardar a inevitável felicidade dos que se pertencem, tinham-se desvanecido perante a tranquila certeza que tiveram naquele mesmo instante, um do outro.

Vera, cansada dos entediantes elogios da sua roda, viera até ele desde a primeira circunstância contrariante, simplificando assim, de maneira augusta, as tentativas banais em que se perde o tempo precioso da vida.

Oh! Como às primeiras palavras, as vãs apreciações dos indiferentes a seu respeito lhes pareceram uma revoada de pássaros nocturnos, voltando ao mundo das trevas. Que sorriso trocaram! Que beijo inefável!

Todavia a sua natureza era das mais estranhas, na verdade! Eram dois seres dotados de sentidos mara-

vilhosos, mas exclusivamente terrestres. As sensações prolongavam-se neles com uma intensidade inquietante. Eles próprios nelas se perdiam à força de as experimentar. Pelo contrário, certas ideias, por exemplo as da alma, do Infinito, **mesmo de Deus**, estavam como que veladas ao seu entendimento ([4]). A fé de grande número de viventes nas coisas sobrenaturais não era para eles senão um motivo para vagos espantos: noções herméticas com que se não preocupavam, não tendo qualidade para condenar ou justificar. Assim, reconhecendo perfeitamente que o mundo lhes era estranho, tinham-se isolado, logo após a sua união, naquela velha e sombria moradia, onde a espessura dos jardins amortecia os ruídos do exterior.

Aí, os dois amantes amortalharam-se no oceano das alegrias lânguidas e perversas onde o espírito se une à carne misteriosa! Esgotaram a violência dos desejos, os estremecimentos e as carícias desvairadas. Transformaram-se cada um na palpitação do outro. Neles, o espírito penetrava tão bem o corpo, que as suas formas lhes pareciam intelectuais, e que os beijos, elos ardentes, os encadeavam numa fusão ideal. Longo deslumbramento! Sùbitamente, quebrava-se o encanto; o terrível acidente desunia-os; os seus braços tinham-se desenlaçado. Qual fora a sombra que lhe roubara a querida morta? Morta?! Não. Ou será que a alma dos violoncelos é arrastada no grito de uma corda que se parte?

As horas passaram.

O conde olhava, através da vidraça, a noite que avançava nos céus; e a noite parecia-lhe **pessoal**, como uma rainha caminhando, melancólica, para o exílio, o colchete de diamante da sua túnica de luto, Vénus, só, brilhando sobre as árvores, perdida no fundo azul.

— É Vera, pensou ele.

A este nome, pronunciado muito baixo, o conde estremeceu, como um homem que desperta; depois, levantando-se, olhou em volta.

Os objectos, no quarto, estavam agora iluminados pela claridade até então imprecisa, de uma lamparina,

que azulava as trevas, e que a noite, subindo no firmamento, fazia surgir ali, como uma estrela mais. Era a lamparina, odorante de incenso, de um ícone, relicário familiar de Vera. O tríptico, de velha madeira preciosa, estava suspenso pelo seu fio de esparto russo, entre o espelho e o quadro. Um reflexo dos ouros do interior caía, vacilante, sobre o colar, entre as jóias da chaminé.

A auréola da Madona em traje celeste brilhava, circundada pela cruz bizantina cujos traços finos e vermelhos fundidos num reflexo, sombreava com uma tonalidade de sangue o oriente assim iluminado das pérolas. Desde a infância que Vera lamentava, com os seus grandes olhos, o rosto maternal e tão puro da hereditária madona, e, embora impedida pela sua própria natureza, de lhe consagrar mais do que um amor **supersticioso**, oferecia-lho mesmo assim, por vezes, ingénua, pensativamente, quando passava diante da lamparina.

O conde, perante esta visão, ferido por dolorosas recordações até ao mais fundo da alma, ergueu-se, soprou ràpidamente a chama santa, e, às apalpadelas na sombra, estendendo a mão para um cordão, tocou.

Surgiu um servidor: era um velho vestido de negro. Segurava um candeeiro, que pousou diante do retrato da condessa. Quando se voltou, foi com um estremecimento de supersticioso terror que viu o seu senhor de pé e sorrindo como se nada se tivesse passado.

— Raymond, disse tranquilamente o conde, **esta noite estamos exaustos, eu e a condessa**; servirás a ceia pelas dez horas. A propósito: resolvemos isolar-nos mais, aqui, a partir de amanhã. Nenhum dos meus servidores, excepto tu, deve passar a noite nesta casa. Entregar-lhes-ás o salário de três anos, e que se retirem. Em seguida fecharás a tranca do portão, acenderás os castiçais em baixo, na sala de jantar; tu bastar-nos-ás. De futuro não receberemos ninguém.

O velho tremia e olhava-o atentamente.

O conde acendeu um charuto e desceu aos jardins.

O criado pensou primeiramente que o excesso de

dor, o excesso do desespero, desorientara o espírito do seu amo. Conhecia-o desde a infância; compreendeu instantâneamente, que o choque de um despertar demasiado súbito podia ser fatal àquele sonâmbulo. O seu dever, primeiramente, era o respeito por um tal segredo.

Baixou a cabeça. Uma cumplicidade devotada àquele sonho religioso? Obedecer?... Continuar a servi-lo sem pensar na Morte? — Que estranha ideia!... Aguentaria mais de uma noite?... Amanhã, amanhã todavia... Ah! Quem sabia?... Talvez!... Projecto sagrado, afinal! Com que direito reflectia?...

Saiu do quarto, executou as ordens à letra e, nessa mesma noite, começou a insólita existência.

Tratava-se de criar uma terrível miragem.

O embaraço dos primeiros dias depressa se apagou. Raymond, primeiro com espanto, depois com uma espécie de deferência e de ternura esforçara-se tanto por proceder com naturalidade, que, não tinham ainda decorrido três semanas, quando se sentiu, por momentos, ele próprio quase iludido também pela sua boa vontade. A verdadeira esfumava-se! Por vezes, experimentando uma espécie de vertigem, teve necessidade de dizer para consigo que a condessa estava positivamente defunta. Enredava-se neste jogo fúnebre e esquecia a cada instante a realidade ([5]). Depressa se lhe tornou necessário mais de uma reflexão para se convencer e controlar. Viu bem que acabaria por se abandonar por completo ao terrível magnetismo em que o conde impregnava pouco a pouco o ambiente em torno deles. Tinha medo, um medo indeciso, suave.

Com efeito, De Athol vivia absolutamente na inconsciência da morte da sua bem-amada! Não podia deixar de a encontrar sempre presente, de tal modo a forma da jovem se confundia com a sua. Por vezes sentavam-se num banco do jardim, nos dias de sol e ele lia em voz alta, os poemas que ela preferia; outras vezes, à noite, junto à lareira, as duas chávenas de chá sobre a mesinha, conversava com a **ilusão** sorridente, sentada, à vista, na outra poltrona ([6]).

Os dias, as noites, as semanas, voaram. Nem um nem outro sabiam o que estavam a fazer. E passavam-se agora fenómenos estranhos, nos quais se tornava difícil distinguir o ponto em que o imaginário e o real eram idênticos. Uma presença flutuava no ar: uma forma esforçava-se por transparecer, por se recortar no espaço tornado indefinível ([7]).

De Athol vivia duplamente, como que iluminado. Um rosto calmo e pálido, entrevisto como um relâmpago, entre dois batimentos de pálpebras; um débil acorde tocado ao piano, repentinamente ([8]), um beijo que lhe cerrava a boca no momento em que ia falar, afinidades de pensamentos **femininos** que nele despertavam em resposta ao que dizia, um tal descobramento de si próprio, que podia respirar, como que numa névoa fluida, o perfume vertiginosamente suave ([9]) da bem-amada ao pé dele, e à noite, entre a vigília e o sono, ouvir palavras murmuradas muito baixo; tudo o advertia. Era uma negação da Morte elevada, finalmente, a um poder desconhecido.

Uma vez, De Athol sentiu-a e viu-a tão bem junto dele que a tomou nos seus braços; mas este gesto dissipou-a ([10]).

— Criança!, murmurou, sorrindo.

E voltou a adormecer como um amante amuado pelo gesto esquivo da companheira ridente e ensonada.

No dia do aniversário **dela**, pôs, por brincadeira, uma perpétua no ramo que lançou no travesseiro de Vera.

— Já que ela se julga morta, disse.

Graças à profunda e todo-poderosa vontade do senhor De Athol, que à força de amor forjava a vida e a presença de sua mulher na solitária moradia ([11]), aquela existência acabara por adquirir um encanto sombrio e persuasivo. O próprio Raymond já não sentia qualquer pavor, tendo-se gradualmente habituado àquelas impressões.

Um vestido de veludo preto entrevisto na curva de uma álea; uma voz alegre que o chamava no salão; um toque de campainha pela manhã ao despertar; como

outrora; tudo isto se lhe tornara familiar: dir-se-ia que a morta brincava fingindo-se invisível, como uma criança. Sentia-se tão amada! Era bem **natural!**

Decorrera um ano.

Na noite do Aniversário, o conde, sentado à lareira, no quarto de Vera, acabara de **lhe** ler uma trova florentina: **Calímaco**. Fechou o livro, e servindo-se de chá disse:

— Douschka, disse lembras-te do Vale das Rosas, das margens do Lahn, do castelo, das Quatro Torres?... Esta história recordou-tos, não é verdade?

Levantou-se e, no espelho azulado, viu-se mais pálido que habitualmente. Retirou uma pulseira de pérolas de uma taça e observou as pérolas atentamente. Não as tirara Vera do braço, há pouco, antes de se despir? As pérolas ainda estavam tépidas e o seu oriente mais suavizado, como que pelo calor da sua carne. E a opala daquele colar siberiano, que amava o belo seio de Vera ao ponto de empalidecer, doentiamente, no seu entrançado de ouro, quando a jovem o esquecia durante algum tempo! Antigamente, por essa razão, a condessa amava aquela pedraria fiel!... Nesta noite, a opala brilhava como se acabasse de ser tirada e como se o requintado magnetismo da bela morta a penetrasse ainda. Ao largar o colar e a pedra preciosa, o conde tocou por acaso no lenço de batista cujas gotas de sangue estavam húmidas e vermelhas como cravos sobre a neve... Ali, no piano, quem virara a página final da melodia de outrora? O quê. A lamparina sagrada reacendera-se, no relicário! Sim, a chama dourada iluminava misticamente o rosto, de olhos fechados, da madona! E estas flores orientais recentemente colhidas, que desabrochavam ali na velhas jarras de Saxe, que mão nelas as colocara? O quarto parecia alegre e dotado de vida, de uma maneira mais significativa e mais intensa que o costume. Mas nada podia surpreender o conde! Aquilo parecia-lhe tão normal que nem sequer prestou atenção às horas que batiam no relógio parado desde há um ano.

Nessa noite, contudo, dir-se-ia que do fundo das

trevas a condessa Vera se esforçava adoràvelmente por regressar àquele quarto embalsamado pelo seu perfume. Deixava nele tanto da sua pessoa! Tudo o que constituíra a sua existência **ali** a atraía. O seu encanto flutuava ali; as demoradas violências feitas pela vontade apaixonada do seu esposo deviam ter desembaraçado os vagos laços do **Invisível** em torno dela!...

Aqui ela era **necessitada**. Tudo o que amava estava aqui.

Ela devia desejar ver-se sorrir naquele espelho misterioso onde tantas vezes admirara o seu rosto lilial! (13) A suave morta, lá em baixo, estremecera certamente, entre as suas violetas, sob as lâmpadas apagadas; a divina morta vibrara, no jazigo, solitária, olhando a chave de prata lançada sobre as lajes. Queria vir para ele, também! (14) E a sua vontade perdia-se na ideia do incenso e do isolamento. A Morte não é uma circunstância definitiva senão para aqueles que acreditam no céu; mas a Morte, e o Céu, e a Vida, não eram para ela o seu abraço? E o beijo solitário do seu esposo atraía os seus lábios, na sombra. E o som passado das melodias, as palavras inebriadas de outrora, os tecidos que cobriam o seu corpo e lhe guardavam o perfume, aquelas pedrarias mágicas que a **queriam**, na sua obscura simpatia, — e sobretudo a imensa e absoluta impressão da sua presença, opinião por fim partilhada pelos próprios objectos, tudo a chamava ali, a atraía ali, desde há muito, e tão insensìvelmente que, enfim curada da Morte adormecida, já nada faltava senão **Ela própria**.

Ah! as Ideias são seres vivos!... O conde escavara no ar a forma do seu amor, e era bem preciso que este vazio fosse preenchido pelo único ser que lhe era homogéneo, de outro modo teria ruído o Universo (15). Nesse momento, a impressão de que **Ela devia estar ali, no quarto**, passou, definitiva, simples, absoluta! Disso estava ele tão tranquilamente certo, como da sua própria existência, e todas as coisas à sua volta, estavam saturadas desta convicção. Via-se! E, **como nada mais faltava senão a própria** Vera, tan-

gível, exterior, **foi imprescindível que ela ali se encontrasse** e que o grande Sonho da Vida e da Morte entreabrisse por um momento, as suas portas infinitas! O caminho da ressurreição era enviado até ela pela fé! Uma fresca gargalhada musical iluminou com a sua alegria o leito nupcial; o conde voltou-se. E ali, diante dos seus olhos, feita de vontade e de recordação, apoiada no cotovelo, fluida, sobre o travesseiro de rendas, com a mão segurando a pesada cabeleira negra, a boca deliciosamente entreaberta, num sorriso sugerindo voluptuosidades paradisíacas, bela de se morrer — enfim — a condessa Vera olhava-o, ainda um pouco adormecida.

— Roger!... disse ela com uma voz longínqua.

Ele chegou-se junto dela. Os seus lábios uniram-se numa alegria divina — esquecedora — imortal!

Aperceberam-se, **então**, de que não eram realmente, senão um **único ser** ([16]).

As horas afloraram num estranho voo este êxtase onde se confundiam, pela primeira vez, a terra e o céu.

Sùbitamente, o conde De Athol estremeceu, como que atingido por uma reminiscência fatal.

— Ah! Agora me lembro!... disse. Que tenho eu? Mas tu estás morta!

No mesmo instante, a esta palavra, a mística lamparina do ícone apagou-se. A pálida madrugada — de uma manhã banal, acinzentada e chuvosa — infiltrou-se no quarto pelos interstícios dos cortinados. As velas empalideceram e apagaram-se, deixando fumegar acremente os seus pavios vermelhos; o fogo desapareceu sob uma camada de cinzas mornas; as flores murcharam e secaram em poucos momentos; o pêndulo do relógio retomou gradualmente a sua imobilidade. A certeza de todos os objectos desvaneceu-se sùbitamente. A opala, morta, já não brilhava; as manchas de sangue tinham também secado, na batista, junto dela; e apagando-se entre os braços desesperados que queriam em vão abraçá-la ainda, a ardente e branca visão ergueu-se no ar e aí se perdeu. Um débil suspiro de adeus, distinto, longínquo, chegou à alma de Roger. O conde ergueu-se;

acabara de verificar que estava só. O seu sonho dissolvera-se repentinamente; com uma única palavra quebrara o magnético fio da teia radiosa. A atmosfera era, agora, a dos defuntos.

Como essas lágrimas de vidro, ilògicamente agregadas, e todavia tão sólidas que um golpe de martelo na sua parte espessa não as quebraria, mas que saem numa súbita e impalpável poeira se partir a extremidade mais fina do que a ponta de uma agulha, tudo desaparecera.

— Oh!, murmurou ele. Então está tudo terminado! — Perdida!... Sòzinha! — Qual é agora o caminho, para chegar junto de ti? Indica-me a via que me pode conduzir até ti!...

Sùbitamente, como uma resposta, um objecto brilhante caiu do leito nupcial, sobre o tapete de pele negra, com um ruído metálico: um raio do horrível dia terrestre iluminou-o!... O abandonado inclinou-se, apanhou-o, e um sublime sorriso incendiou o seu rosto ao reconhecer o objecto: era a chave do túmulo ([17]).

DOIS AUGÚRIOS

Sobretudo, nada de génio!

Divisa moderna.

Jovens de França, almas de pensadores e de escritores, mestres de uma Arte futura, jovens criadores que vindes, a luz estampada na fronte, confiantes na vossa nova fé, firmemente decididos a adoptar, se necessário, e por exemplo, a divisa que agora vos ofereço: «SUPORTAR PARA SUBSISTIR». Vós que, perdidos ainda, sob a luz do candeeiro de estudo, em qualquer quarto frio da capital dissestes para vós mesmos, baixinho: «Ó poderosa imprensa, deixa vir até mim os teus milhares de folhas, nas quais escreverei pensamentos de uma beleza nova!» Vós que tendes a legítima esperança de que vos será permitido utilizá-las para falardes segundo aquilo que é a vossa missão dizer, e não para nelas repisar o que a multidão confusa e demente pretende que se lhe diga, — acreditais, vós os humildes, os pobres, que as vossas páginas de luz, lançadas à Humanidade, pagarão, pelo menos, o preço do vosso pão quotidiano e o óleo das vossas vigílias?

Pois bem, escutai a conversa bizarra e de aparência paradoxal — (embora do mais incontestável dos realismos) — que se estabeleceu, recentemente, entre um certo director de uma dessas gazetas (18) e um dos nossos amigos que, um dia, por curiosidade, se disfarçou de candidato a jornalista. Dado que, mentalmente, tenho a impressão de que esta cena se está sempre a passar e de que todas as outras, deste tipo, não devem ser, no fundo, — tácitas ou faladas, — mais do

que os restos da primeira (a eterna) — vejo-me constrangido, ó vós que estais predestinados a renová-la por vossas próprias mãos, a situá-la no presente do indicativo.

Penetremos neste gabinete, quase sempre de um belo tom esverdeado, onde o director, — um desses homens que designam os honestos burgueses por «matéria pagante» ([19]), — está sentado diante da secretária, um dos cotovelos apoiado no braço da cadeira, o queixo cativo de uma das mãos, parecendo meditar e brincando distraìdamente com a tradicional faca de marfim que segura com a outra mão.

Aparece um contínuo que entrega um cartão de visita ao nosso pensador.

Este agarra nele, lança-lhe uma olhadela distraída, depois soergue as inquietas sobrancelhas e deixa escapar um estremecimento ligeiro, que parece ter o dom de o acalmar:

— Um **«Desconhecido»?**, murmura; — bah! algum Zé Ninguém, dando-se ares de senhor para chegar até mim. Hoje, toda a gente é conhecida e conhecida de toda a gente. — E que aspecto tem esse senhor?

— É um homem novo, senhor.

— Ó diabo! Mande-o entrar.

Passado um instante, surge o nosso jovem amigo.

O director levanta-se, com a sua voz mais insinuante, murmura:

— É realmente a um desconhecido que tenho a honra de falar?

— Nunca teria ousado apresentar-me sem esse título — responde o pretenso plumitivo.

— Queira ter o incómodo de se sentar.

— Venho oferecer-lhe uma pequena crónica de actualidade; Um tanto fresca, naturalmente.

— Não o duvido. Vamos aos factos. O seu preço seria de quanto por linha?

— Digamos, entre três francos e três francos e meio? Não é? — responde gravemente o neófito.

(Sobressalto do director).

— Perdão: o «Montépin», o «Hugo», até mesmo o

«du Terrail», enfim ([20]), não se pagam a essa tarifa — replica.

O jovem levanta-se e, num tom frio, atira:

— Acho que o senhor director se esquece de que sou **to-tal-men-te** desconhecido!

Um silêncio. — Peço-lhe o favor de se voltar a sentar. Os negócios não se tratam assim. Não discordo de que, nos tempos que correm, um desconhecido seja, de facto, uma ave rara; contudo...

— Acrescentarei, caro senhor, — interrompe num tom desprendido o aspirante a escritor — que não possuo, oh! a mais leve sombra de talento. Sou de uma ausência de talento... magistral! Aquilo a que se chama um «cretino», na linguagem vulgar. O meu único talento é ser batido nos arcanos do boxe inglês e irlandês ([21]), que são um tanto complicados. Quanto à literatura declaro-lhe que é para mim letra morta e sepultada numa urna fechada a sete chaves.

— O quê? — exclama o director, trémulo de alegria — pretende não ter talento literário, jovem presunçoso!

— Estou em condições de provar, agora mesmo, a minha imperícia na matéria.

— Ora! é impossível! Está a gabar-se!... — balbucia o director, evidentemente atingido no mais secreto das suas mais velhas esperanças.

— Sou — continua o estranho com um sorriso suave — aquilo a que se pode chamar um pobre escrevinhador, apenas tolerável, dotado de uma ingenuidade de ideias e de uma trivialidade de estilo de primeira ordem. Uma pena banal por excelência.

— Você? Ora, ora! Ah! Se fosse verdade!...

— Caro senhor, juro-lhe que...

— Vá dizer isso a outro! — insiste o director, os olhos humedecidos e um sorriso melancólico.

Depois, fixando o jovem com uma espécie de enternecimento:

— Pois, a juventude é sempre assim. Não duvida de nada ([22]). O fogo sagrado! As ilusões! Uma primeira tentativa e julgam ter atingido a meta!... Nenhum talento, diz? Mas sabe o senhor que é preciso, nos

nossos dias, ser um homem dos mais notáveis para não possuir qualquer talento? Um homem digno de toda a consideração?... que, na maior parte dos casos, isso apenas se consegue pelo preço de mais de cinquenta anos de lutas, de trabalhos, de humilhações e de misérias e que, quando se chega lá, não se passa de um novo rico? Ó juventude! Primavera da vida! **Primavera Della vita!** Mas eu, caro senhor, eu, que lhe falo, há mais de vinte anos que procuro um homem QUE NÃO TENHA TALENTO!... Está a ouvir?... Nunca consegui encontrar um único. Gastei mais de meio milhão nesta caça à ave-rara: deixei-me «embalar» por este louco empreendimento! Que quer! Eu era novo, cândido, arruinei-me. Hoje em dia, toda a gente tem talento, meu caro senhor; e você tal como os outros. Nada de pretensões. Creia, é inútil. Já está fora de moda, é truque, já não pega. Sejamos sensatos.

— Mas senhor, tais suspeitas... Se tivesse talento, não estava aqui!

— E onde estava então?

— A tratar-me, pode acreditar.

Um facto é — gorjeia, então, o director, retomando o tom melífluo com o mesmo fino sorriso — um facto é que o meu paquete — olhe, o engraçado que me entregou o seu cartão (um licenciado em letras, se faz favor, e galardoado como tal — Oh! Como é bela a Ciência! Nos nossos dias ela é o centro de tudo!) — é nem mais nem menos do que o autor de três ou quatro magníficas obras dramáticas e, perdoe-me o termo, «literárias», laureadas, enfim, em vários concursos de Instituto de França, entre centenas de outras, representadas de preferência, naturalmente em vez das suas [23]. Pois bem, o infeliz não quis seguir nenhum tratamento! Assim, como o confessam os seus melhores amigos, não passa, na realidade, de um doido que não conseguiria chegar a nada. Declaram-no, com lágrimas na voz, um bêbedo, um boémio, um proxeneta, um ratoneiro e um **falhado**, acrescentando de olhos erguidos para o céu: «Que pena!» — Meu Deus, sei muito bem que em Paris — onde está estabelecido que toda a gente está desonrada de manhã e à noite reabilitada — isto não traz quaisquer consequências; no fundo, até serve de reclame; mas, por não saber, devido ao seu desajeitado descuido, extrair daí uma fortuna, confesse que é legítimo que o censurem. É portanto por pura humanidade que me digno subtraí-lo, momentâneamente, ao hospício. Voltemos agora ao seu caso: **Desconhecido e sem sombra de talento,** estávamos a dizer? — Não, não posso acreditar. A sua fortuna estava garantida, e a minha também. Oferecer-lhe-ia até seis francos à linha! Vejamos, entre nós, quem me garante a nulidade desse artigo?

— Leia, caro senhor! — articula, com orgulho o jovem tentador.

— Vê-se que saiu ontem da adolescência! — responde, rindo, o director: não lemos senão o que estamos decididos a nunca publicar. Só se imprime um original devidamente ilegível. E, repare, o seu parece, à vista de luneta [24], manchada de uma caligrafia [25] — o que é já bastante mau augúrio. Isso poderia torná-lo suspeito de cuidar o que faz. Ora, qualquer jornalista realmente digno desse grande título, deve escrever ao correr da pena, seja o que for que lhe passe pela cabeça — e, principalmente, sem reler! [26]. Sempre a andar. E com convicções devidas apenas à disposição do momento e à cor do jornal! Em frente! É evidente que um bom jornal diário, sem isto, nunca sairia! Não se pode ter a veleidade, caro senhor, de desperdiçar tempo sobre o que se diz, quando o comboio da província está à espera das nossas pilhas de papel; enfim, isto é evidente! É preciso que o assinante julgue que lê alguma coisa, percebe? E se soubesse como de resto, no fundo, pouco lhe importa!

— Descanse, caro senhor: é o copista...

— Você manda copiar! — Desgraçado! [27]. Está a brincar?

— A minha cópia estava não só ilegível, mas também sobrecarregada de tais erros de ortografia e de francês que, enfim... para o primeiro artigo... pensei...

— Mais um razão para, pelo contrário, o trazer tal

como estava! — Será que o diamante não reconhecerá nunca o seu valor? — Os erros de ortografia, de francês!... Ignora que não se pode conseguir que os revisores os não corrijam — o que tira, frequentemente, todo o sabor a um artigo? Mas aí reside, precisamente a naturalidade, a vibração, o acaso inicial que tanto apreciam os verdadeiros conhecedores. O citadino gosta das gralhas, senhor. Envaidece-se ao descobri-las. Principalmente na província. Incorreu num grande erro. Enfim! E... submeteu essa crónica à apreciação de algum perito?

— Deveria confessá-lo, senhor director? Duvidando de mim próprio, visto que não tenho génio, graças a Deus...

— Diabo. Assim o espero! — interrompe o director, depois de ter lançado um olhar furtivo a um revólver colocado a seu lado.

— Depois de ter procurado o tipo que pudesse representar o boa média das inteligências públicas para esta grande prova, a minha escolha incidiu sobre o meu — (paciência, digo o termo) — «porteiro», um velho comissionário da Auvergne, que embranqueceu a calcorrear as ruas, fatigado pelos sobressaltos nocturnos e que uma excessiva leitura de sobrescritos de cartas tornou literalmente desvairado.

— Oh, oh! — resmunga o director, agora mais atento. — A escolha era feita, com efeito, tão subtil quanto prática e judiciosa. Pois o público extasia-se, note-o bem, perante o Extraordinário! Mas, como não sabe muito bem **em que** consiste, em literatura (terá de perdoar mais uma vez o termo) esse mesmo Extraordinário com que se extasia, segue-se, a meus olhos, que a apreciação de um porteiro deve parecer preferível, em bom jornalismo, à de Dante. E qual foi o veredicto do homem do cordel, se faz favor?

— Exaltado! Encantado! No céu. A tal ponto que me arrebatou a cópia para a reler ele próprio, temendo haver sido enganado pela minha leitura. Foi ele que me forneceu a palavra final.

— O pateta! Em vez de ma dirigir directamente! Repare, foi um pensador que o disse — ou devia tê-lo dito —, o ideal do jornalismo é, em primeiro lugar o **Repórter,** e a seguir o Fruto seco, com as sobrancelhas franzidas (quero dizer, é claro, naturalmente franzidas, frisadas) que insulta de uma maneira grosseira e ao acaso, — e que se bate da mesma forma com os ingénuos que, nem por isso, levantam os ombros —, para fazer consagrar, através da cobardia do público, a sua raivosa mediocridade. Este duo do cantor e do bailarino é a vida de qualquer jornal que se respeite um pouco. Fora os «artigos» destas duas colunas, todos os outros não deveriam compor-se senão de «palavras finais» enfiadas, como pérolas, ao acaso da sorte. O público não lê um jornal para pensar ou reflectir, que diabo! — Lê-se como se come. — Pois bem, decido-me a analisar o seu caso: — sim, vejamos se em si o valor não espera (como disse muito bem já não sei que autor latino) a passagem dos anos...

— Aqui está o manuscrito! — diz o escritor, radiante, estendendo a sua obra com um ar de fatuidade juvenil.

Ao fim de três minutos o director estremece, e depois atira, com desdém, as folhas soltas, para cima da mesa.

— Ora! — geme com um profundo suspiro. — Eu tinha a certeza! Mais uma decepção. Mas já deixei de as contar!...

— O quê? — murmura assustado, o jovem herói.

— Infelizmente, meu nobre amigo, isto está cheio de talento. Sinto muito ter de lho dizer! Isto vale três cêntimos à linha, — e apenas porque é desconhecido. Dentro de oito dias, se eu o publico, será grátis, e, dentro de quinze dias, será você que me pagará, — a não ser que passe a usar um pseudónimo. Mas sim, sim; sejamos finalmente sensatos. Você não é sensato, estou a ver, não poderá sê-lo senão muito dificilmente, pois tem, por infelicidade, aquela qualidade de talento que faz com que seja (desculpe a expressão) um escritor... e não um despudorado incompetente (28), sem consciência nem ideias como estava há pouco a gabar-se de

ser, para assaltar a minha religião, a minha benevolência, o meu cofre e a minha estima.

— Não!... — balbucia, com uma expressão aterrada, o pretenso aspirante à pena quotidiana — deve estar a cometer um erro... Há um mal-entendido. Não leu... com atenção...

— Mas isto empesta a Literatura, de fazer baixar a tiragem até cinco mil em vinte e quatro horas! — exclama o director. A **qualidade** do estilo, digo-lhe eu, basta para constituir talento. Um milhão de penógrafos podem traçar, **num jornal,** a exposição de uma pretensa ideia... Ah, **Black upon white!** Um só escritor lembra-se de enunciar, por sua vez e à sua maneira, a essa ideia **num livro?** tudo o resto é esquecido. Ninguém mais fica! Dir-se-ia um tufão passando sobre a areia (29). — Pois bem, é muito enigmático; mas que fazer? É assim. — Portanto, se você é um escritor, é inimigo nato de qualquer jornal.

«Se ao menos, só tivesse espírito: isso sempre se vende um pouco. Mas o pior é que deixa pressentir **num não sei quê** da sua frase que procura dissimular a inteligência para não assustar o leitor. Que diabo, as pessoas não gostam de ser humilhadas! O impressionante poder do seu estilo natural transparece, mais uma vez, só nesse mesmo esforço, visto que não há ortopedia capaz de curar tão essencial, tão redibitório! — Imprimi-lo? Valia mais copiar o «Anuário Comercial»! seria mais prático. Numa palavra, nisto, você tem o ar, de um senhor que, sabendo que tal mulher, cujo dote ambiciona, tem preferência pelos coxos, finge uma claudicação enganadora para se tornar bem visto pela dama, — ou de um estranho colegial que, para atrair a estima e o respeito dos professores e camaradas, é capaz de pintar o cabelo de branco. — Caro senhor, as poucas páginas que acabo de percorrer bastam-me para saber muito bem com quem estou a lidar. — Hoje, já ninguém é enganado! O público tem o seu instinto, o seu faro, tão seguro como o de um animal. Conhece os seus e nunca se engana. Adivinha-o. Pressente que, conhecendo melhor o valor, a significação real e

oculta dos seus escritos, você dá à sua apreciação, ao seu elogio ou condenação, um valor idêntico ao da poeira das suas botinas; que enfim, as suas vagas e despreocupadas opiniões a seu respeito são, para si, como o grugulejar de um peru ou o ruído do vento através de uma fechadura. O visível esforço que — provàvelmente levado por causa de qualquer desgraça financeira — você aqui cometeu para se nivelar com as suas «ideias» insulta-o horrìvelmente (30). O desajeitado da sua humildade de encomenda tem hesitações assassinas para as prosápias da apática suficiência do público. A sua tremenda chapelada esmaga-lhe o nariz, parecendo pedir-lhe esmola: isto não se perdoa, entre leitor e autor. Só os homens de génio podem permitir-se, nos seus **livros,** essas familiaridades, neste caso toleráveis, pois se, por vezes, agarram o leitor pelos cabelos e lhe sacodem a caixa craniana com um pulso calmo e soberano, é só para o obrigar a erguer a cabeça! — Mas, num **jornal,** caro senhor, tais maneiras estão, pelo menos, deslocadas: comprometem o futuro do pasquim da folha aos olhos do Conselho de Administração. Efectivamente, é este o inconveniente de semelhantes artigos.

«O burguês, ao percorrê-los com o cérebro anuviado pelos negócios, arregala os olhos, e baixinho, trata-o por «poeta», sorri **in petto** e cancela a assinatura, — declarando, em voz alta, que você tem MUITO talento (31). — Demonstra assim, por um lado, que os seus escritos **não o atingiram;** por outro, assassina-o aos olhos dos seus confrades que adivinham tudo, adoptam esse diapasão, embalsamam-no com elogios e, por confiança ou instinto, **nunca o lêem,** porque farejam, em si, uma alma, ou seja, a coisa que mais odeiam no mundo. — E quem paga sou eu!

(Aqui o director cruza os braços, fixando o interlocutor com os olhos baços:)

— Ora essa! Você julga o público imbecil, por acaso? Você é espantoso, palavra de honra! O público é dotado de uma outra forma... de inteligência, diferente da sua, eis tudo.

— Contudo, responde, sorrindo, o literato desmascarado, pareceria ao ouvi-lo, que, de nós dois, o que mais sinceramente ofende o público... não sou eu?

— Sem dúvida, meu jovem amigo! Simplesmente, eu bajulei-o, de uma maneira prática e rentável. De facto, o burguês (inimigo de tudo e de si próprio) retribuir-me-á sempre, individualmente, para satisfazer a sua vilanagem, mas com uma condição! é que eu o deixe acreditar que é do seu vizinho que estou a falar. Que importa o estilo, neste caso? A única divisa que um homem de letras a sério deve adoptar nos nossos dias é esta: SÊ MEDÍOCRE! Foi esta que escolhi. Daí a minha notoriedade... — Ah! — é que, no que respeita à burguesia francesa, já não estamos no tempo do Eustáquio de Saint-Pierre, como sabe! — Progredimos. O Espírito do Homem avança! Hoje, o Terceiro Estado, em peso, não deseja mais nada, e com razão, senão expulsar em paz e à sua vontade as suas flatulências, furúnculos e borborigmas. E como o ouro e o número lhe dão a força dos toiros revoltados contra o pastor, o melhor é **naturalizarmo-nos** nele. — Ora chega você, e pretende fazer-lhe ingurgitar almudes de aloés líquido em conchas de ouro cinzelado. Naturalmente, ele refilará, não sem uma careta, por não gostar que lhe purguem, à força o intelecto! E voltar-se-á para mim, imediatamente, preferindo, ao fim e ao cabo, tornar a beber o vulgar vinho avinagrado da minha velha taça suja por força do hábito, essa segunda natureza. Não, poeta! Hoje, o génio não está na moda! — Os reis, por muito entediantes que sejam, aprovam e honram Shakespeare, Molière, Wagner, Hugo, etc.; as repúblicas baniram Ésquilo, proscreveram o Dante, decapitam André Chénier. Na república, repare, há mais que fazer do que ter génio. Temos demasiados problemas entre mãos, compreende. Mas isso não abole os sentimentos. Concluindo: meu jovem amigo, é triste dizê-lo, mas você está atingido por muito, por um enorme talento. Perdoe-me a minha rude franqueza. A minha intenção não é feri-lo. Certas verdades são duras de ouvir, na sua idade, eu sei-o, mas... coragem! Compreendo,

aprovo até, o incrível esforço que fez, digo-o, na repreensível acção que constitui este artigo; mas... que quer? Este é um esforço estéril: é impossível **tornar-se** um canalha sincero; é precisa vocação. É precisa... unção! É de nascença. Não é necessário que um artigo infame cheire a ânsias de vómito, mas a sinceridade e, principalmente, a inconsciência; senão você torna-se antipático e será descoberto. O melhor é resignar-se. Todavia — se você não é um génio (como espero, sem disso estar certo) — o seu caso não é desesperado. Não trabalhando, talvez você vença. Por exemplo, se quisesse, conscientemente, tornar-se plagiário, isso daria polémica, vendia-se, e você poderia então voltar a vir ter comigo: sem isso, nada se pode fazer. — Repare, eu, eu que lhe falo, digo-lhe entre nós; tenho talento, tal como você. Assim, nunca escrevo no meu jornal; ficaria reduzido, em três dias, à mendicidade. Aliás, tenho razões para não escrever um único livro, para não imprimir a mais breve linha que pudesse fazer pesar no meu futuro a suspeita de uma qualquer capacidade... Atrás de mim só quero... o nada.

— O quê?! Nem sequer dez linhas?... — interrompe o literato, com ar espantado.

— Não. Nada. — Quero vir a ser ministro! — responde, em tom peremptório, o director (32).

— Ah! Isso é diferente.

— E podem dizer, à vontade que isto é um paradoxo! E o que lhe estou a dizer é de tal modo absoluto, do ponto de vista prático, repare... que se a pasta das Belas-Artes por exemplo, dependesse, em França, do sufrágio universal, você seria o primeiro, mesmo encolhendo os ombros, a votar em mim. Claro, claro! Sejamos sensatos, que diabo! Nunca digo nada a brincar. Vá, mesmo assim, deixe-me o manuscrito.

Silêncio.

— Permita, caro senhor — responde então o **Desconhecido,** recuperando o seu trabalho de cima da mesa, nisto está enganado. Em política as minhas ideias não são as mesmas que em jornalismo, e eu não admitiria, na pasta em questão, senão um homem de uma recti-

dão, de uma capacidade, de um conhecimento e de uma dignidade de espírito dos mais raros. Ora, além do jornal que dirige, há em França jornalistas cuja probidade desafia o declínio venal da época, cujo estilo possui um tom puro, cujo verbo é uma **chama clara** (33) e cuja útil crítica rectifica continuamente os juízos inconsiderados da multidão. Afirmo-lhe que, na hipótese de que fala, daria o meu voto, de preferência, a um deles.

— Parece-me que se está a exaltar, meu jovem amigo: a probidade não tem época!

— Nem a parvoíce — responde o literato, com um ligeiro sorriso (34).

— Ora! Quando tiver a minha idade, envergonhar-se-á dessas frases!

— Obrigado por me lembrar a sua idade; ao ouvi-lo, julgá-lo-ia... mais novo.

— O quê?... Está-me a parecer que está a troçar daquilo que digo, procurando encontrar uma pequena falha.

(Aqui o desconhecido levanta-se).

— O Sr. Director demonstrou-me que, procurando uma pequena falha se acaba, por vezes, por encontrar uma grande asneira — responde distraìdamente.

— Que diz?... A sua impertinência diverte-me, mas donde vem essa súbita agressividade?

(Aqui, o jovem peregrino fixa o interlocutor com um olhar de jogador de boxe, tão frio que um ligeiro estremecimento percorre as veias do homem na poltrona).

— Pois seja, serei franco — responde. — O quê?! Acabo de lhe oferecer uma inépcia cem vezes inferior àquelas que publica diàriamente, uma emaranhada crónica suando auto-suficência emproada, cinismo sereno, nulidade sentenciosa, — o ideal no género! Uma pérola, enfim! E eis que em vez de me responder sim ou não, o senhor me cobre de injúrias. Me atira com os mais ridículos epítetos! Me chama, sem mais nem menos, literato, escritor, pensador — que sei eu? Vi chegar a altura em que... sem qualquer provocação da minha parte... (Aqui o nosso amigo olha em redor, baixando

a voz como se temesse espiões)... em que esteve quase a chamar-me «homem de génio». Não o negue: eu via-o chegar a isso. — Caro senhor, não se chama assim homens de génio a pessoas que nada fizeram. Em si, isto não foi uma distracção, mas cálculo malévolo. Você sabe muito bem que uma tal afirmação pode ter como fatais consequências privar um inocente de qualquer ganha-pão, colocá-lo à mercê da exploração e dos fatais risos de toda a gente. Podia recusar o meu artigo, mas não depreciá-lo, declarando-o manchado de génio. Para onde quer que o leve agora? Sim, magoa-me esse procedimento traiçoeiro, confesso. E aviso-o de que se espalhar tão venenosas calúnias a meu respeito, — como não desejo morrer de fome, de miséria e de vergonha sob os meio-sorrisos aprovadores e o piscar de olhos encorajadores no baile de criados em que me encontro na vida — eu saberei arrastá-lo ao duelo, não o duvide, ou a desculpas expressas. — Acabemos. Não me parecendo que estas poucas palavras vão além de uma apresentação imperfeita, entre nós, dos prolegómenos de uma boa amizade nascente, permita que me despeça à inglesa, prevenindo-o (a título gracioso e para seu governo) de que, em esgrima, estudei durante muito tempo a arte de não apanhar **machadadas** e de que, comigo, uma confirmação oficiosa de coragem pode sair cara. — Ao seu dispor.

E, pondo o chapéu, a seguir acendendo um cigarro, o literato retira-se lentamente.

Uma vez só, o director interroga-se, em voz baixa:

— Vou zangar-me? Ora! Sejamos filósofos. Sócrates, tendo ganho o prémio de coragem na batalha de Potideu, fez com que o dessem, por desprezo, ao jovem Alcibíades (35): imitemos este sábio da Grécia. Aliás, este jovem é divertido, o seu ferrão não me desagrada. OUTRORA EU PRÓPRIO O TIVE.

(Aqui, o nosso homem puxa do relógio.)

— Cinco horas!... Vamos lá, sejamos sensatos. Que comerei ao jantar?... Um cherne?... Pois! — Com truta?... Não, Com salmão?... Antes isso. E como sobremesa?...

Então, voltando a agarrar a sua faca de marfim, o director da folha, político, literário, comercial, eleitoral, industrial, financeiro e teatral (36), mergulha de novo nas tortuosas e profundas meditações. E seria impossível penetrar o seu importante objecto, pois, como faz notar, judiciosamente, um velho provérbio moçárabe: «O archote não ilumina a sua base.»

O CONVIVA DAS ÚLTIMAS FESTAS

A Madame Nina de Villard (37)

O Desconhecido, é a parte do leão.
François Arago (38)

O Comendador de pedra pode vir cear connosco; pode mesmo estender-nos a mão! Também não a recusaremos. Talvez seja ele quem tenha frio.

Numa noite de Carnaval do ano de 186... (39), C***, um dos meus amigos, e eu, por uma circunstância devida, em absoluto, aos acasos do tédio «ardente e vago», encontrávamo-nos sós, num camarote, no baile da Ópera.

Havia alguns instantes que admirávamos, através da poeira, o mosaico tumultuoso das máscaras, ululante, sob os lustres, agitando-se ao som do arco sabático de Strauss (40).

Sùbitamente, a porta do camarote abriu-se: com um frufru de sedas, por entre as pesadas cadeiras, aproximaram-se três damas que, depois de terem tirado as máscaras, nos disseram:

— Boas-noites!

Eram três mulheres jovens, de espírito e de beleza excepcionais. Tínhamo-las encontrado algumas vezes no mundo artístico de Paris (41). Chamavam-se: Clio la Cendrée, Antonie Chantilly e Annah Jackson.

— Com que então, uma escapadela, minhas senhoras? — perguntou C***, pedindo-lhes que se sentassem.

— Oh! nós íamos cear sòzinhas, porque as pessoas desta festa, tão horríveis quanto fastidiosas, nos entristeceram a imaginação — disse Clio la Cendrée.

— É verdade, já nos íamos embora, quando os vimos! — disse Antonie Chantilly.

— Portanto, se não tiverem nada melhor para fazer, venham connosco — concluiu Annah Jackson.

— Alegria e luz! Viva! — respondeu tranquilamente C***. — Alguém de entre vós tem qualquer objecção grave contra a Casa Dourada? (42).

— Longe de mim tal ideia! — disse a esplendorosa Annah Jackson, abrindo o leque.

— Então, meu caro, — continuou C***, voltando-se para mim — agarra no teu bloco, reserva o salão vermelho (43) e manda entregar o bilhete pelo criado de miss Jackson: — Parece-me ser este o caminho a seguir, a menos que isso te contrarie.

— Senhor, — disse-me miss Jackson — se está disposto a sacrificar-se ao ponto de tratar disso por nós, encontrará a personagem em questão vestida de pássaro fénix — ou de mosca — preguiçando no átrio. Responde pelo pseudónimo transparente de Baptiste ou de Lapierre. — Quer ter essa bondade? — E volte depressa para nos cortejar continuamente.

Havia já um momento que eu não escutava ninguém. Olhava para um estranho instalado num camarote em frente do nosso: um homem de trinta e cinco ou trinta e seis anos, de uma palidez oriental; segurava um binóculo e dirigia-me um cumprimento.

— Ah! É o meu desconhecido de Wiesbaden! — disse para comigo próprio, depois de pensar um pouco.

Como este cavalheiro me prestara, na Alemanha, um desses ligeiros serviços, cuja troca entre viajantes é permitida pelos costumes (oh! simplesmente a propósito de charutos, creio, a propósito da qualidade de determinados charutos de que me falou na sala de conversação), correspondi ao cumprimento.

Logo a seguir, no átrio, quando procurava com o olhar a fénix em questão, vi aproximar-se o estrangeiro. Dado que o contacto anterior que com ele tivera tinha sido dos mais amáveis, pareceu-me de boa cortesia propor-lhe a nossa assistência para o caso de ele se encontrar demasiado só naquele tumulto.

— E quem devo ter a honra de apresentar à nossa amável companhia? — perguntei-lhe, sorrindo, depois de ele aceitar.

— Barão Von H. — disse-me. — Contudo, dadas as atitudes descuidadas destas senhoras, as dificuldades de pronúncia e esta bela noite de Carnaval, deixe-me tomar, por uma hora, um outro nome, o primeiro que me vier à mente... — Fez uma pausa e acrescentou: — Olhe... (pôs-se a rir) Barão **Saturno** (44), se quiser.

Esta bizarria surpreendeu-me um pouco, mas como se tratava de uma loucura geral, anunciei-o, friamente, às nossas elegantes, segundo o dado mitológico a que aceitava reduzir-se.

A sua fantasia favoreceu-o: toda a gente parecia disposta a acreditar de boa vontade em qualquer rei das **Mil e uma noites,** viajando incógnito. Clio la Cendrée, juntando as mãos, até chegou a murmurar o nome de um tal Jud, então célebre, espécie de criminoso ainda não encontrado e que diversos assassínios tinham, ao que parece, excepcionalmente ilustrado e enriquecido (45).

Uma vez trocados os cumprimentos, fez-se ouvir, entre dois bocejos irresistíveis, a voz sempre atenciosa de Annah Jackson, que sugeriu:

— Se o barão nos fizesse o favor de cear connosco, para haver a desejável simetria...

Ele quis esquivar-se.

— Susannah disse-nos isto como se fosse Don Juan falando à estátua do Comendador — repliquei, gracejando: Estas escocesas são de uma solenidade!

— Devia propor-se ao senhor Saturno que viesse matar o Tempo connosco! — disse C***, que, frio, queria convidar «de uma maneira protocolar».

— Lamento muito ter de recusar! — respondeu o interlocutor. — Lastimemos o facto de uma circunstância de um interesse verdadeiramente **capital** me chamar, esta manhã, muito cedo.

— Um duelo a brincar? Uma variedade de vermute? — perguntou Clio la Cendrée, amuada.

— Não, minha senhora, um... **encontro,** já que se digna consultar-me a esse respeito — disse o barão.

— Bom! Qualquer gracejo de corredores na Ópera, aposto! — exclamou a bela Annah Jackson. — O seu alfaiate, enfatuado no seu fato de cavaleiro, chamou-lhe artista ou demagogo. Caro senhor, tais observações nada pesam: você é estrangeiro, vê-se logo.

— Sou-o mesmo um pouco em toda a parte, minha senhora — respondeu, inclinando-se, o barão Saturno.

— Então! Costuma fazer-se rogado?

— Raramente, garanto-lhe!... — murmurou a singular personagem com o seu ar, ao mesmo tempo o mais galante e o mais equívoco.

Trocámos um olhar, C*** e eu; já não percebíamos nada: que queria dizer aquele cavalheiro? A distracção, contudo, parecia-nos bastante divertida.

Mas, como as crianças que se entusiasmam com o que se lhes recusa, Antonie exclamou:

— Pertence-nos até à aurora, e tomo o seu braço!

O barão rendeu-se; abandonámos a sala.

Fora portanto necessário todo este rol de inconsequências para levar a um belo final; íamos encontrar-nos numa intimidade bastante relativa com um homem sobre que nada sabíamos, excepto que jogara no casino Wiesbaden e que estudara os diversos sabores dos charutos de Havana.

Ah! Que importava. Ou, o mais simples, hoje em dia não é **apertar a mão a toda a gente?** (46)

Na avenida, Clio la Cendrée recostou-se, sorridente, no fundo da caleche e, dirigindo-se ao cocheiro mestiço, que esperava como um escravo, disse:

— Para a Casa Dourada!

Depois, inclinando-se para mim:

— Não conheço o seu amigo; que espécie de homem é? Intriga-me infinitamente. Tem um olhar **esquisito!**

— O nosso **amigo?** — respondi. — Vi-o apenas duas vezes, na temporada passada, na Alemanha.

Fixou-me com um ar espantado.

— O que tem isso? — continuei. — Ele vem cumprimentar-nos ao nosso camarote e você convida-o para cear, apenas por causa de uma apresentação de baile de máscaras! Admitindo que tenha cometido uma imprudência digna de mil mortes, é um pouco tarde para se alarmar no que respeita ao nosso conviva. Se os convidados estiverem amanhã pouco dispostos a continuar o conhecimento, cumprimentar-se-ão como na véspera: é tudo. Uma ceia não significa nada (47).

Não há nada mais divertido do que parecer entender certas susceptibilidades artificiais.

— Como? Não aprofunda um pouco melhor quem são as pessoas? E se fosse um...

— Não lhe declinei já o seu nome? Barão **Saturno?** Ou receia comprometê-lo, minha senhora? — acrescentei, num tom severo.

— Você é um cavalheiro insuportável, sabe!

— Não parece grego (48): portanto a nossa aventura é muito simples. — Um milionário divertido! Não é o ideal?

— Parece-me bastante bem, este senhor **Saturno** — disse C***.

— E, pelo menos na época de Carnaval, um homem muito rico tem sempre direito à nossa estima — concluiu, numa voz calma, a bela Susannah.

Os cavalos partiram; o pesado coche do estrangeiro seguiu-nos. Antonie Chantilly (mais conhecida pelo nome de guerra, um tanto afectado, de Isolda) (49) aceitara a sua misteriosa companhia.

Uma vez instalados no salão vermelho, recomendámos a Joseph que não deixasse aproximar-se de nós nenhum ser vivo, abrindo uma excepção para os mordomos (50), para Joseph, e para o nosso ilustre amigo, o fantástico Dr. Florian Les Églisottes (51), se, por acaso, ele aparecesse, para chupar o seu proverbial caranguejo.

Na chaminé desfazia-se um toro ardente. À nossa volta espalhavam-se insípidos odores de tecidos, de peliças abandonadas, de flores de Inverno. Os clarões dos candelabros abraçavam, numa consola, os baldes prateados onde gelava o triste vinho de Ai. As camé-

lias, cujas corolas inchavam no topo dos caules de arame, transbordavam dos cristais, na mesa.

Lá fora, caía uma chuva triste e fina, semeada de neve; uma noite glacial; ruídos de carros, gritos de mascarados, à saída da Ópera. Eram as alucinações de Gavarni, de Deveria, de Gustave Doré.

Para abafar tais rumores, as cortinas estavam cuidadosamente corridas diante das janelas fechadas.

Os convivas eram, portanto, o barão saxão Von H***, o negligente, e Smyntiano C*** (52) e eu; depois, Annah Jackson, Clio la Cendrée e Antonie.

Durante a ceia, que foi reanimada por faiscantes loucuras, entreguei-me, suavemente, à minha mania da observação, e, devo dizê-lo, não deixei de me aperceber bem depressa que a pessoa à minha frente merecia, de facto, alguma atenção.

Não, não era um folgazão, aquele conviva de passagem!... Sem dúvida, que aos seus traços e porte não faltava de modo nenhum, a distinção conveniente que torna as pessoas toleráveis: o seu sotaque não era nada fastidioso como o de alguns estrangeiros; na verdade, apenas a sua palidez tomava, por intervalos, tonalidades singularmente macilentas, mesmo baças; os lábios eram mais finos que o traço de um pincel; as sobrancelhas permaneciam sempre um pouco franzidas, até quando sorria.

Tendo notado estes pormenores e alguns outros, com a inconsciente atenção de que alguns escritores obrigatòriamente têm de ser dotados, lamentei introduzi-lo, sem mais nem menos, no nosso grupo — e prometi a mim próprio riscá-lo, de madrugada, da nossa lista de convívio habitual. Aqui estou a referir-me a mim e a C***, bem entendido; visto que o feliz acaso que nos concedera, nessa noite a presença das nossas convidadas femininas, levá-las-ia consigo, como visões, no fim da noite.

E de resto, o estrangeiro não tardou em cativar a nossa atenção com uma bizarria especial. A sua conversa, sem ser excepcional pelo valor intrínseco das ideias, mantinha a atenção desperta pelo subentendido

muito vago que a tonalidade da sua voz parecia incutir intencionalmente.

Este pormenor surpreendia-nos tanto mais quanto nos era impossível, ao examinar o que dizia, descobrir qualquer sentido diferente do que uma frase mundana. E, por duas ou três vezes, fez-nos estremecer, a C*** e a mim, pela maneira como sublinhava as suas palavras e pela impressão de intenções ocultas, e absolutamente imprecisas, que elas deixavam em nós.

Sùbitamente, a meio de um acesso de riso, devido a certa facécia de Clio la Cendrée, — e que era, realmente, das mais divertidas! — tive não sei que ideia obscura de ter já visto aquele cavalheiro numa **circunstância completamente diferente** da de Wiesbaden.

De facto! aquela fisionomia possuía uma inesquecível acentuação de traços e a luminosidade do olhar, no momento em que batia as pálpebras, lançava sobre a pele, algo que se assemelhava à sugestão de uma chama interior.

Que circunstância era essa? Era em vão que me esforçava por a clarificar no meu espírito. Acabaria eu por ceder à tentação de enunciar as confusas noções que despertava em mim?

Tinha algo que ver com as reminiscências de um acontecimento daqueles que se vêem nos sonhos.

Onde é que isso se poderia ter passado? Como conciliar as minhas recordações habituais com aquelas intensas ideias longínquas de assassínio, de profundo silêncio, de bruma, de faces aterrorizadas, de chamas e de sangue, que surgia na minha consciência, com uma sensação de **positivismo** insuportável, à vista daquela personagem?

— Ora esta! — balbuciei muito baixo. — Estarei com visões esta noite?

Bebi um copo de champanhe.

As ondas sonoras do sistema nervoso têm destas vibrações misteriosas. Abafam, por assim dizer, pela diversidade dos seus ecos, a análise do choque inicial que as produziu. A memória distingue o meio ambiente

da coisa, e a própria **coisa** afoga-se nessa sensação geral, até permanecer teimosamente indecifrável.

Acontece com isto o mesmo que acontece com aquelas figuras outrora familiares que, ao serem revistas de improviso, perturbam, pela tumultuosa evocação de impressões ainda sonolentas, e que, na altura, é impossível nomear.

Mas as maneiras elevadas, a reserva amável, a estranha dignidade do desconhecido — espécies de véus estendidos sobre a realidade por certo sombria da sua natureza — induziram-me a encarar (de momento, pelo menos), a sua identificação como um facto imaginário, como uma espécie de perversão visual nascida da febre e da noite.

Resolvi portanto mostrar boa cara ao festim, conforme era meu dever e para não estragar o prazer pessoal.

Levantávamo-nos da mesa, movidos por um impulso juvenil — e uma pirotecnia de risos veio confundir com as improvisações harmoniosas tocadas, ao acaso, no piano, por dedos ligeiros.

Então esqueci todas as preocupações. Logo surgiram as cintilações de ditos espirituosos, as fúteis confidências, os beijos vagos (semelhantes ao ruído de flores que as belas distraidamente fazem estalar nas palmas das mãos); logo apareceram as fulgurações de sorrisos e de diamantes: a magia dos profundos espelhos, silenciosamente, até ao infinito, em longas fileiras azuladas, as luzes, os gestos.

C*** e eu abandonámo-nos ao sonho através da conversa.

Os objectos transfiguram-se segundo o magnetismo das pessoas que deles se aproximam, visto que nenhuma coisa possui outro significado, para cada um, que não seja aquele que cada um lhe **pode** dar.

Assim, a modernidade daqueles dourados violentos, daqueles pesados móveis e daqueles cristais compactos, era compensada pelos olhares do meu camarada lírico C*** e pelos meus.

Para nós, aqueles candelabros **eram,** necessàriamente, de um ouro virgem, e as gravações neles feitas eram — com certeza! — assinadas por qualquer um dos Quinze-Vintes autêntico ([53]), ouvires de nascença. Positivamente, aqueles móveis não podiam ter sido feitos senão por um decorador luterano que tivesse enlouquecido, durante o reinado de Luís XIII, devido a terrores religiosos. Donde poderiam ter vindo esses cristais, senão de um vidreiro de Praga, depravado por qualquer paixão pentelisiana? — Os reposteiros de Damasco não eram certamente outra coisa senão as antigas púrpuras, finalmente descobertas em Herculanum, no cofre dos **velaria** sagrados dos templos de Asclépius ou de Palas. A crueza, realmente singular, do tecido explicava-se, no pior dos casos, pela acção corrosiva da terra e da lava e — preciosa imperfeição! — tornava-o único no universo.

Quanto às toalhas, a nossa alma mantinha-se na dúvida quanto à sua origem. Era perfeitamente possível aclamar nelas algumas amostras de buréis lacustres. Pelo menos não desesperávamos de descobrir, nos sinais bordados na trama, indícios de uma proveniência acádia ou troglodita. Talvez estivéssemos em presença das intermináveis peças do sudário de Xisutros ([54]), lavadas e vendidas, a retalho, como toalhas de mesa. — Todavia, depois de as examinarmos, tivemos de nos conformar com a suspeita de nelas existirem inscrições cuneiformes de um pequeno texto redigido na época de Nemrod; Alegrámo-nos antecipadamente com a surpresa e a alegria do senhor Oppert ([55]) quando finalmente tivesse conhecimento desta recente descoberta.

Além disso, a Noite lançava as suas sombras, os seus efeitos estranhos e as suas meia-tintas sobre os objectos, reforçando a boa vontade das nossas convicções e dos nossos sonhos.

O café fumegava nas chávenas transparentes: C*** consumia com esgares deliciados um havano envolvendo-se em flocos de fumo branco, como um semi-deus numa nuvem.

O barão de H***, de olhos semicerrados, estendido

num sofá, numa atitude um tanto vulgar, uma taça de champanhe na pálida mão que pendia sobre o tapete, parecia ouvir, com atenção, os prestigiosos compassos do duo nocturno (de **Tristão e Isolda**, de Wagner), que Susannah tocava, evidenciando as modulações incestuosas (56) com muito sentimento. Antonie e Clio la Cendrée, enlaçadas e radiantes, calavam-se, durante os acordes lentamente executados por aquela boa intérprete.

Junto ao piano, seduzido ao ponto de me sentir disposto a passar a noite em claro, eu escutava-a também. Naquela noite, as nossas três beldades inconstantes tinham escolhido o veludo.

A enternecedora Antonie, de olhos cor de violeta, estava vestida de negro, sem uma única renda. Mas, como a linha de veludo do vestido não era debruada, os seus ombros e colo, de mármore de Carrara verdadeiro, recortavam-se firmemente no tecido.

Trazia um delgado anel de ouro no dedo mínimo e nos seus cabelos castanhos, que caíam até bastante abaixo da cintura em duas tranças entrelaçadas, resplandeciam três flores de safira.

Quanto ao moral, quando, uma noite, uma augusta personagem lhe perguntara se era honesta, Antonie respondera:

«Sim. Meu senhor, visto que honesto, em França, é apenas sinónimo de delicado.»

Clio la Cendrée, uma deliciosa loura de olhos negros — a deusa da Impertinência! — (uma jovem sem ilusões que o príncipe Solt... (57) baptizara, à russa, despejando-lhe espuma de Roederer sobre os cabelos), — trazia um vestido de veludo verde, bem cingido, e um colar de rubis que lhe cobria o peito.

Esta jovem crioula de vinte anos era citada como modelo de todas as virtudes repreensíveis. Teria embriagado os mais austeros filósofos da Grécia e os mais profundos metafísicos da Alemanha. Inúmeros elegantes se tinham apaixonado por ela, a ponto de desembainharem as espadas, a ponto de se empenharem, a ponto de chegarem ao ramo de violetas.

Regressava de Bade, depois de ter deixado quatro ou cinco mil luíses sobre a mesa de jogo, rindo como uma criança.

Quanto ao moral, uma velha dama germânica e, além disso, esquálida, impressionada com tal espectáculo, dissera-lhe, no Casino:

— Tome cuidado, menina. De vez em quando, é preciso comer um bocado de pão e a menina parece esquecer-se disso.

— Minha senhora, — respondera, enrubescendo a bela Clio — obrigada pelo conselho. Em contrapartida, aprenda comigo que, para algumas, o pão nunca passou de um preconceito.

Annah, ou melhor Susannah Jackson, a Circe escocesa (58), dos cabelos mais negros que a noite, dos olhares sibilinos, das breves frases aciduladas, resplandecia, indolentemente, no veludo vermelho.

A esta é melhor não a encontrardes, jovem estrangeiro! Há quem assegure que ela é semelhante às areias movediças; suga, a pouco e pouco, todo o sistema nervoso. Destila o desejo. Uma longa crise doentia, enervante e louca, seria o vosso quinhão. Nas suas recordações, contam-se diversos lutos. O seu tipo de beleza, de que está segura, inflama os simples mortais até ao delírio.

O seu corpo é como um lírio negro, apesar de tudo virginal! — Justifica-lhe o nome que, em hebreu arcaico significa, segundo creio, essa flor.

Por mais requintado que julgueis ser (numa idade talvez ainda um pouco verde, jovem estrangeiro!), se a vossa má estrela permitir que vos cruzeis no caminho com Susannah Jackson, apenas precisamos de imaginar um jovem que, durante vinte anos consecutivos, se tivesse alimentado exclusivamente de ovos e leite e, depois, sùbitamente, sem preâmbulos fúteis, se submetesse a um regime exasperante — (contínuo!) — de condimentos extra-fortes e excitantes, cujo sabor ardente lhe convulsiona o paladar, o destrói e o enlouquece, para obtermos o vosso fiel retrato, quinze dias depois.

Algumas vezes, a sábia feiticeira divertiu-se a arran-

car lágrimas de desespero a velhos lordes experimentados, pois ninguém consegue seduzi-la a não ser pelo prazer. O seu projecto, segundo algumas frases, é ir enterrar-se numa vivenda de milionário, nas margens do Clyde, com um belo adolescente para se distrair, lânguidamente, a matar a vontade.

Quanto ao moral, o escultor C.-B.*** zombava, um dia, do terrível sinalzinho negro que ela possui junto a um dos olhos.

— O artista desconhecido que talhou o seu mármore — dizia ele — menosprezou essa pequena pedra.

— Não diga mal da pequena pedra — respondeu Susannah. — É ela que provoca a queda.

Era uma réplica digna de uma pantera (59).

Cada uma destas mulheres da noite trazia à cintura uma mascarilha verde, vermelha ou negra, com duplas correntes de aço.

Quanto a mim (se é realmente necessário falar deste conviva), trazia também uma máscara. Menos evidente, eis tudo.

Como num espectáculo, quando estamos sentados numa cadeira central, e para não incomodar os vizinhos — por cortesia, resumindo — se assiste a qualquer drama escrito num estilo fatigante, cujo tema nos desagrada, assim vivia eu: por delicadeza (60).

Isto não me impedia de ostentar alegremente uma flor na botoeira, como verdadeiro cavaleiro da ordem da Primavera.

Entretanto, Susannah abandonou o piano. Retirei um ramo de flores de cima da mesa e fui oferecer-lho, acompanhado com um olhar trocista.

— Você é uma **diva**! — disse-lhe. — Use uma destas flores pelo amor dos amantes desconhecidos.

Ela escolheu uma ponta de hortênsia que colocou amàvelmente, no decote.

— Não leio cartas anónimas — respondeu, pousando o resto do meu «selam» (61) sobre o piano.

A profana e brilhante criatura uniu as mãos sobre os ombros de um de nós — provàvelmente para regressar ao seu lugar.

— Ah!, gélida Susannah — disse-lhe C***, rindo — veio ao mundo, ao que parece, com o único fim de fazer recordar que a neve queima.

Era, penso, um daqueles cumprimentos alambicados, que o declinar das ceias inspira e que, quando conseguem ter um sentido bem real, esse mesmo sentido é delgado **como um cabelo**! Nada está mais próximo de uma patetice e, por vezes, a diferença é absolutamente insensível. Ao ouvir esta frase elegíaca, compreendi que a mecha dos cérebros ameaçava ficar reduzida a carvão e que era preciso reagir.

Como, às vezes, uma fagulha é suficiente para reavivar a luz, decidi fazê-la brotar, a qualquer preço, do nosso conviva taciturno.

Nesse momento, entrou Joseph, que nos trazia (extravagância!) ponche gelado, pois tínhamos decidido apanhar uma bebedeira digna de verdadeiros pares do reino.

Havia já um minuto que eu olhava o barão Saturno. Parecia impaciente, inquieto. Vi-o puxar do relógio, dar um brilhante a Antonie e levantar-se.

— Então, senhor de longínquas regiões — exclamei, encavalitado numa cadeira e entre duas fumaças de charuto — não pensa, por certo, deixar-nos antes de uma hora? Passaria por misterioso, o que é de mau gosto, como sabe!

— Peço mil perdões — respondeu — mas trata-se de um dever que não pode ser adiado e que, além disso, não permite qualquer atraso. Queiram receber os meus agradecimentos pelos tão agradáveis momentos que acabo de passar.

— Então, sempre é um duelo? — perguntou, como que inquieta, Antonie.

— Bah! — exclamei, acreditando, efectivamente, nalguma vaga querela de máscaras — tenho a certeza de que está a exagerar a importância do assunto. O seu homem está por aí, caído debaixo de uma mesa qualquer. Antes de realizar o paralelo do quadro de Gérome, no qual teria o papel de vencedor, o de Arlequim (62), mande o criado em seu lugar, ao encontro, para saber

se o esperam: nesse caso, os seus cavalos saberão muito bem recuperar o tempo perdido

— Com certeza! — apoiou C***, tranquilamente. — É melhor cortejar a bela Susannah, que está a desfalecer por sua causa; evitará uma constipação — e consolar-se-á, esbanjando um ou dois milhões. Contemple, escute e decida.

— Meus senhores, confesso que **sou cego e surdo mais frequentemente do que Deus mo permite!** — disse o barão Saturno.

E acentuou esta enormidade ininteligível de forma a mergulhar-nos nas mais absurdas conjecturas. A ponto de me fazer esquecer a fagulha em questão! Olhávamos uns para os outros com um sorriso contrafeito, não sabendo o que pensar daquele «gracejo», quando, sùbitamente, não pude impedir-me de lançar uma exclamação: acabava de me recordar do local onde tinha visto aquele homem pela primeira vez.

E pareceu-me que, bruscamente, os cristais, as figuras, os resposteiros, que o festim da noite se iluminavam com uma claridade malévola, uma claridade vermelha, semelhante a determinados efeitos de teatro, que provinha do nosso conviva.

— Caro senhor — murmurei ao seu ouvido — peço desculpa, se estou enganado... mas — parece-me já ter tido o **prazer** de o encontrar, há cinco ou seis anos, numa grande cidade do Midi — em Lyon, suponho — pelas quatro horas da manhã, numa praça pública.

Saturno ergueu lentamente a cabeça e, observando-me com atenção, disse:

— Ah!, é possível.

— Pois é! — continuei, olhando-o fixamente também. — Espere! Havia até, nessa praça, um objecto dos mais melancólicos, para cujo espectáculo me tinha deixado arrastar por dois estudantes meus amigos — e que prometi a mim próprio não mais tornar a ver.

— Realmente! — disse Saturno. — E qual era esse objecto, se não é indiscrição?

— Por Deus, qualquer coisa como o patíbulo, uma

guilhotina, senhor! Se a memória não me falha. Sim, sim, era a guilhotina. — Agora tenho a certeza!

Estas poucas palavras foram trocadas em voz baixa, muito baixa mesmo, entre mim e o tal cavalheiro. C*** e as senhoras conversavam na penumbra, a alguns passos de nós, junto do piano.

— É isso! Lembro-me — acrescentei, elevando a voz. — Han? Que pensa disto, senhor? Isto é, espero, ter boa memória? Apesar de ter passado ràpidamente à minha frente, o seu coche, por instantes, atrasado do meu, deixou-me entrevê-lo à luz das tochas. A circunstância gravou a **sua** fisionomia no meu espírito. Tinha, então, precisamente, a expressão que agora noto nos seus traços.

— Ah! Ah! — respondeu Saturno. — É verdade. Confesso que isso deve ser, na realidade, da mais surpreendente exactidão.

O riso estridente do cavalheiro fez-me lembrar uma tesoura desbastando (63) os cabelos de alguém.

— Um pormenor, entre outros — continuei — chamou a minha atenção. Vi-o, de longe, descer para o local onde se erguia a máquina... e, — a menos que eu tenha sido enganado por qualquer semelhança...

— Não se enganou, **caro** senhor. Era mesmo eu — respondeu.

Depois destas palavras, senti que a conversa se tornara glacial e que, consequentemente, talvez eu estivesse a faltar à mais estrita delicadeza que um tão estranho tipo de carrasco tinha o direito de exigir de nós. Procurava portanto uma banalidade qualquer que me permitisse mudar o curso dos pensamentos que nos envolviam a ambos, quando a bela Antonie se afastou do piano, dizendo num ar displicente:

— A propósito, senhoras e senhores, sabem que, esta manhã, vai haver uma execução?

— Ah!... — exclamei, insòlitamente perturbado por estas simples palavras.

— É o pobre doutor de la P*** (64) — continuou, tristemente, Antonie; — Tratou-me em tempos. Cá por mim não o censuro senão por se ter defendido perante

os juízes; julgava que ele tinha mais estômago. Quando a sorte está fixada antecipadamente, devemos, quando muito, rir-nos na cara desses fulanos de saias. O senhor de la P*** não se dominou (65).

— O quê?, é hoje?, definitivamente? — perguntei, esforçando-me por dar à voz um tom indiferente.

— Às seis horas, a hora fatal, senhoras e senhores!... — respondeu Antonie. — Ossian, o belo advogado, o favorito do bairro de Saint-Germain, veio anunciar-mo, para me fazer a corte à sua maneira, ontem à noite. Tinha-me esquecido. Consta até que mandaram vir um estrangeiro (!) para ajudar o senhor de Paris, dada a solenidade do processo e a distinção do culpado.

Sem notar o absurdo destas últimas palavras, virei-me para o senhor Saturno. Continuava de pé, diante da porta, envolto numa grande capa negra, o chapéu na mão, com um ar oficial.

O ponche perturbava-me um pouco a mioleira! Para falar verdade, devo dizer que estava com ideias belicosas. Receando ter cometido, ao convidá-lo, aquilo a que se chama, creio, em estilo de Paris, uma «gaffe», a figura daquele intruso (quem quer que ele fosse) tornava-se-me insuportável e só dificilmente continha o meu desejo de lho dar a saber

— Senhor barão — disse-lhe, sorrindo — a partir dos seus singulares subentendidos, quase teríamos o direito de lhe perguntar se não é um pouco como a Lei «que o senhor é surdo e cego tão frequentemente quanto Deus o permite»?

O barão aproximou-se de mim, inclinou-se com um ar divertido e respondeu-me em voz baixa: «Cale-se, por favor, estão aqui senhoras.»

Cumprimentou circularmente e saiu, deixando-me mudo, a tremer um pouco e não podendo acreditar nos meus ouvidos.

Agora, leitor, uma palavra. Quando Stendhal queria escrever uma história de amor um tanto sentimental, tinha o hábito, é sabido, de reler primeiro uma meia dúzia de páginas do Código Penal para — dizia ele — apanhar o tom (66). Quanto a mim, já que tinha metido

na cabeça escrever um certo número de histórias, achara mais prático, após madura reflexão, frequentar tranquilamente, à noite, um dos cafés da travessa Choiseul onde o falecido Sr. X***, antigo executor das altas obras de Paris, vinha, **quase** diàriamente, incógnito, jogar a sua partida de cartas. Era, parecia-me, um homem tão bem educado como qualquer outro; falava com uma voz bastante baixa, mas muito distinta, acompanhada por um sorriso benigno. Eu sentava-me a uma mesa vizinha e ele divertia-me um tanto quando, entusiasmado pelo demónio do jogo, exclamava bruscamente: «Corto!» sem nisso subentender malícia. Foi aí, recordo-me, que escrevi as minhas poéticas inspirações, para me servir de uma expressão burguesa. Sentia-me portanto imunizado contra a forte sensação de horror convencional que causam aos transeuntes os tais cavalheiros de labita.

Por conseguinte, era estranho que me sentisse, naquele momento, sob a impressão de aflição tão intensa, apenas pelo facto de o nosso conviva de acaso ter acabado de declarar ser um deles.

C*** que enquanto trocávamos as últimas palavras se tinha vindo juntar a nós, bateu-me levemente no ombro.

— Estás tonto ou quê? — perguntou-me.

— Deve ter recebido uma grande herança e agora só exerce a profissão enquanto está à espera de um sucessor!... — murmurei, bastante influenciado pelos vapores do ponche.

— Bom! — disse C*** — não vais supor que ele tem realmente alguma coisa a ver com a cerimónia em questão?

— Donde se conclui que tu não apanhaste o sentido da nossa pequena conversa, não é meu caro? — disse-lhe muito baixo: — breve mas instrutiva! — Este cavalheiro não passa de um carrasco! — Belga, provàvelmente. É o exótico de que falava Antonie, ainda há pouco. Sem a sua presença de espírito, talvez tivéssemos resvalado para o campo da inconveniência, o que não deixaria de aterrorizar estas jovens.

— Ora vamos! — exclamou C***: — Um carrasco que é dono de uma carruagem de trinta mil francos? que dá diamantes à senhora que lhe fica mais perto? que ceia na Casa Dourada na véspera de prodigalizar os seus cuidados a um cliente? Desde que bebeste um café em Choiseul, vês carrascos por toda a parte. Bebe um pouco de ponche! O teu Sr. Saturno é um engraçadinho de mau gosto, sabes?

Ao ouvir estas palavras, pareceu-me que a lógica, a fria razão, estava do lado daquele querido poeta. Bastante contrariado, peguei à pressa nas luvas e no chapéu e dirigi-me ràpidamente para a porta, murmurando:

— Está bem.

— Tens razão — disse C***.

— Este pesado sarcasmo já durou demasiado tempo — acrescentei, abrindo a porta do salão. — Se apanho este mistificador fúnebre, juro que...

— Um momento: vamos jogar ao quem **passa primeiro** — disse C***.

Ia responder de forma adequada e desaparecer quando, atrás de mim, uma voz alegre e bem conhecida exclamou, sob o cortinado erguido:

— Inútil! Deixe-se ficar, meu caro amigo.

De facto, o nosso ilustre amigo, o pequeno doutor Florian Les Églisottes, tinha entrado enquanto trocávamos estas últimas impressões: estava diante de mim, com um ar saltitante, dentro do seu sobretudo forrado de pele, coberto de neve.

— Meu caro doutor, — disse-lhe — dentro de um instante estarei à sua disposição, mas...

Reteve-me:

— Quando lhe tiver contado a história do homem que saía deste salão quando cheguei — continuou ele — aposto que já não se preocupará em lhe pedir conta das suas saídas (67). — Aliás, é tarde demais: o carrasco dele já o levou para longe daqui.

Pronunciou estas palavras num tom tão estranho que conseguiu fazer-me deter definitivamente.

— Vejamos a história, doutor — disse, tornando a sentar-me, após um momento. — Mas pense bem, Les Églisottes: é responsável pela minha inacção, e talvez tenha de responder por ela.

O príncipe da Ciência pousou a um canto a bengala de castão de ouro, aflorou, galantemente, com a ponta dos lábios, os dedos das nossas três beldades interditas, deitou um pouco de Madeira num copo, e, no meio do silêncio fantástico provocado pelo incidente — e pela sua entrada pessoal — começou nestes termos:

— Compreendo toda a aventura desta noite. Sinto-me a par de tudo o que se acaba de passar como se tivesse estado convosco!... O que vos aconteceu, sem ser precisamente alarmante, é, contudo, algo que teria podido vir a sê-lo.

— O quê? — disse C***.

— Aquele cavalheiro é realmente, o barão de H***; pertence a uma grande família alemã; é milionário; mas...

O doutor fixou-nos:

— Mas o prodigioso caso de alienação mental de que está atingido, tendo sido verificado pelas Faculdades médicas de Munique e de Berlim, apresenta a mais extraordinária e incurável de todas as monomanias registadas até hoje — acabou o doutor com o mesmo tom que utilizaria na sua aula de fisiologia comparada.

— Um doido! — Que quer dizer com isso, Florian, que significa isto? — murmurou C***, ao mesmo tempo que cerrava a frágil tranca da porta.

Mesmo as senhoras tinham modificado o sorriso perante tal revelação.

Quanto a mim, julgava, positivamente, sonhar, desde havia alguns minutos.

— Um louco!... — exclamou Antonie. — Mas parece-me que essas pessoas estão isoladas, fechadas?

— Julguei ter feito notar que o nosso fidalgo é várias vezes milionário — replicou gravemente Les Églisottes. — É portanto ele que manda encarcerar os outros, quer vos agrade ou não.

— E qual é o seu género de mania? — perguntou

Susannah. — Eu acho-o muito gentil, aquele senhor, previno-vos!

— Bem depressa deixará de ser dessa opinião, minha senhora! — prosseguiu o doutor, acendendo um cigarro.

A lívida madrugada coloria as vidraças, as velas amareleciam, o fogo extinguia-se; o que estávamos a ouvir dava-nos a sensação de um pesadelo. O doutor não era daqueles para quem a mistificação é familiar: o que dizia devia ser tão friamente real como a máquina erguida, lá na praça.

— Ao que parece — continuou entre dois goles de Madeira — mal atingiu a maioridade, esse jovem taciturno embarcou para as Índias Orientais; viajou bastante nas regiões da Ásia. Aí começa o denso mistério que oculta a origem do seu acidente. Assistiu, no decorrer de certas revoltas, no Extremo Oriente, aos rigorosos suplícios que a lei em vigor naquelas paragens inflige aos rebeldes e aos culposos. Ao princípio, deve provàvelmente ter começado a assistir levado por uma simples curiosidade de viajante. Mas, à vista de tais suplícios, dir-se-ia que os instintos de uma crueldade que ultrapassa as capacidades de concepção conhecidas nele se comoveram, perturbando-lhe o cérebro, envenenando-lhe o sangue para, finalmente o transformarem no ser singular que agora é. Imaginem que, à força de ouro, o barão de H*** penetrou nas velhas prisões das principais cidades da Pérsia, da Indochina e do Tibet e que obteve, várias vezes, dos governadores, o privilégio de exercer as horríveis funções de justiceiro, substituindo os executores orientais. — Conhecem o episódio do peso de quarenta libras de olhos arrancados que foram levadas, em duas bandejas de ouro, ao Xá Nasser-Eddin, no dia em que ele fez a sua entrada solene numa cidade revoltada? O barão, vestido segundo a moda local, foi um dos mais ardentes zeladores de toda aquela atrocidade. A execução dos dois chefes da rebelião foi do mais estrito horror. Começaram por ser condenados a serem-lhes arrancados todos os dentes com tenazes, que lhes eram espetados

nos crânios, rapados para esse efeito — e isso de modo a neles formar as inicais persas do glorioso nome do sucessor de Feth-Ali-Xá (68). — Foi ainda o nosso amador que, pela força de um saco de rupias obteve a licença para os executar ele próprio, com o vagaroso mau jeito que o distingue. — Uma simples pergunta: qual é o mais insensato? O que ordena tais suplícios ou quem os executa? — Sentem-se revoltados? Ora! Se o primeiro destes dois homens se dignasse vir a Paris, sentir-nos-íamos muito honrados por poder lançar fogo de artifício e ordenar às bandeiras dos nossos exércitos que se inclinassem à sua passagem — mesmo que tudo isto fosse em nome dos «imortais princípios de 89» (69). Portanto, adiante. — Se formos levados a acreditar nos relatórios dos capitães Hobbs e Egginson, os requintes que a sua monomania crescente lhe sugeriu, nessas ocasiões, ultrapassaram, a toda a altura do Absurdo, os dos Tibérios e Heliogábalos e, todos os que se encontram mencionados nos fastos humanos. Pois — acrescentou o doutor — um louco não pode ser igualado em **perfeição** no ponto em que perde a cabeça.

O doutor Les Églisottes parou e fixou-nos, um a um, com um ar divertido.

Tão atentos estávamos que tínhamos deixado os charutos apagar-se durante o discurso.

— Uma vez de volta à Europa — continuou o doutor — o barão de H***, **requintado e fingindo ao ponto de fazer acreditar na sua cura**, depressa foi retomado pela sua febre infernal. Já só tinha um sonho, um único — mais mórbido, mais gelado que todas as abjectas imaginações do marquês de Sade: — era, muito simplesmente, que lhe atribuíssem a credencial de Executor de sentenças finais — geral para todas as capitais da Europa. Alegava que, as boas tradições e a habilidade estavam periclitantes neste ramo artístico da civilização (70); que havia, como se diz, perigo no adiamento, e, consciente dos serviços prestados no Oriente (escrevia ele nos opúsculos que frequentemente enviou), esperava (se os soberanos se dignassem honrá-lo com a sua confiança), arrancar aos réprobos os

gritos mais modulados que jamais ouvidos de magistrados ouviram debaixo do tecto de uma cela. — (vejam! quando se fala de Luís XVI, diante dele, o seu olhar inflama-se e reflecte um ódio de além-túmulo extraordinário: com efeito, Luís XVI foi o soberano que julgou dever abolir a tortura prévia, e este monarca é o único homem que o senhor de H*** provàvelmente jamais odiou) ([71]).

«Falhou sempre, nos opúsculos, como bem imaginam, e é graças aos esforços dos seus herdeiros que não o internaram, como merecia. De facto, as cláusulas do testamento de seu pai, o falecido barão de H***, obrigam a família a evitar a sua morte civil, por causa dos enormes prejuízos financeiros que tal morte causaria aos parentes desta personagem. Viaja, portanto, em liberdade. Está de boas relações com todos os senhores da Justiça-Capital. A primeira visita, em todas as cidades por onde passa, é para eles. Várias vezes lhes oferece somas astronómicas para o deixarem operar em seu lugar — e creio, entre nós (acrescentou o doutor, piscando o olho), que, na Europa, já corrompeu alguns. «Àqueles estas aventuras, pode-se dizer que a sua loucura é inofensiva, visto que não a pratica senão sobre as pessoas designadas pela Lei. — Para além da sua alienação mental, o barão de H*** tem a fama de homem de costumes pacíficos e, até, afáveis. De tempos a tempos a sua mansuetude ambígua, talvez cause calafrios, como se costuma dizer, àqueles de entre os seus íntimos que estão a par da sua horrível tara, mas é tudo.

«Todavia, ele fala frequentemente do Oriente ([72]) com alguma nostalgia e deve lá voltar sempre que pode. A privação do diploma de Torcinário-Chefe do globo mergulhou-o numa negra melancolia. Imaginem os anelos de Torquemada ou de Arbuez ([73]), dos duques de Alba ou de York. A sua monomania piora de dia para dia. Assim, todas as vezes que vai haver uma execução, ele é disso advertido por emissários secretos — antes dos próprios fidalgos do machado! Ele corre, voa, devora a distância, o seu lugar está reservado

junto à máquina. Lá está, neste momento em que vos falo: não dormiria tranquilo se não tivesse obtido o último olhar do condenado.

«Eis, senhoras e senhoras, o retrato do cavalheiro com quem tivestes a honra de conviver esta noite. Acrescentarei que, saído da sua demência e nas suas relações com a sociedade, é um homem do mundo verdadeiramente irrepreensível e o mais atraente, o mais divertido, o mais... dos conversadores...

— Basta, doutor! Por amor de Deus! — exclamaram Antonie e Clio la Cendrée, a quem o palreio estridente e sardónico do Florian impressionara extraordinàriamente.

— Mas é o sagisbéu da Guilhotina! — murmurou Susannah. — É o **diletante** da Tortura!

— Realmente, se não o conhecesse, doutor... — balbuciou C***.

— Não acreditaria? — interrompeu Les Églisottes. — Eu próprio não acreditei, durante muito tempo; mas, se quiserem, vamos até lá. Trago comigo o meu cartão; poderemos chegar até ele, apesar da barreira da cavalaria. Apenas vos pedirei que observem o seu rosto durante o cumprimento da sentença. É tudo. Depois disso, já não duvidarão.

— Muito obrigado pelo convite! — exclamou C***. — Prefiro acreditá-lo, apesar do absurdo realmente misterioso do facto.

— Ah! Esse vosso barão é um bom tipo!... — continuou o doutor, atacando uma empada de marisco, miraculosamente intacta.

Depois, vendo que nos tínhamos ficado apáticos:

— É preciso que não se espantem nem se perturbem com as minhas confidências a este respeito! — disse. — O que constitui o odioso da coisa, é a **particularidade da** monomania. Quanto ao resto, um doido é um doido, nada mais. Leiam os alienistas: aí encontrarão casos de uma estranheza quase surpreendente; e juro-vos que os acotovelamos a cada instante, sem nada suspeitar.

— Meus caros amigos — concluiu C***, após um

momento de estupefacção geral — eu confesso que não sentiria uma repugnância bem precisa em tocar o meu copo contra aquele que me estendesse o braço secular, como se dizia no tempo em que os braços dos executores podiam ser religiosos (74). Não procuraria tal ocasião, mas se ela se me oferecesse, digo-vos desde já, sem oratória (e Les Églisottes, sobretudo, compreender-me-á) que o aspecto ou até a companhia dos que exercem as funções capitais não conseguiriam impressionar-me de modo algum. Nunca compreendi muito bem os **efeitos** dos melodramas a este respeito.

«Mas a vista de um homem caído em demência, por não poder exercer **legalmente** tal ofício — ah!, isso sim, causa-me certa impressão. E não hesito em o declarar; se há, na humanidade, almas escapadas ao Inferno, o nosso conviva desta noite é uma das piores que alguém pode encontrar. Podem à vontade chamar-lhe louco, isso não explica a sua natureza original. Um carrasco real ser-me-ia indiferente; o nosso horroroso maníaco provoca-me arrepios; um arrepio indefinível.

O silêncio que acolheu as palavras de C*** foi solene como se a Morte tivesse deixado entrever, bruscamente, a sua cabeça calva entre os candelabros.

— Sinto-me um pouco indisposta — disse Clio la Cendrée, numa voz que a sobreexcitação e o frio da aurora, que chegara, entrecortavam. — Não me deixem completamente só. Venham a minha casa. Tratemos de esquecer esta aventura, senhores e amigos; há banhos, cavalos e quartos para dormir. (Ela mal sabia o que dizia). Fica no meio do Bois, estaremos lá em vinte minutos. Compreendam-me, peço-vos. Pensar naquele cavalheiro põe-me quase doente, e, se estivesse sòzinha, teria algum receio de o ver entrar, de repente, com um candeeiro na mão, iluminando o seu morno sorriso que mete medo.

— Aqui temos, certamente, uma noite enigmática! — disse Susannah Jackson.

Les Églisottes limpava os lábios com ar satisfeito, depois de ter terminado a sua empada.

Tocámos; Joseph apareceu. Enquanto fazíamos contas com ele, a escocesa, tocando nas faces com uma pequena borla de cisne, murmurou, tranquilamente, junto a Antonie:

— Não tens nada a dizer a Joseph, pequena Isolda?

— De facto — respondeu a bonita e pálida criatura. — Adivinhaste, louca!

E, voltando-se para o mordomo:

Joseph, continuou, tome este anel: o rubi é um pouco escuro para mim. Não é Susannah? Todos estes brilhantes parecem chorar em volta desta gota de sangue. — Mande vendê-lo hoje e entregue o dinheiro aos pedintes que passam diante da casa.

Joseph pegou no anel, inclinou-se no comprimento sonâmbulo de que só ele tem o segredo e saiu para mandar avançar as carruagens, enquanto as senhoras que acabavam de ajustar o vestuário, se envolviam nos seus compridos dominós negros e recolocavam as máscaras.

Soaram as seis horas.

— Um instante — disse eu, estendendo o dedo para o relógio: está a soar a hora que nos torna a todos um pouco cúmplices da loucura daquele homem. Tenhamos um pouco mais de indulgência. Não seremos nós, neste momento, implìcitamente, duma barbaridade tão reprovável como a dele?

A estas palavras, todos se quedaram de pé, num grande silêncio.

Susannah olhou-me, sob a máscara: tive a sensação dum clarão de aço. Virou a cabeça e entreabriu uma janela, muito depressa.

Batiam as horas, ao longe, em todos os campanários de Paris.

À **sexta** badalada, toda a gente estremeceu profundamente — e eu olhei, pensativo, para a cabeça de um demónio de cobre, de traços crispados, que sustentava as ondas sangrentas dos cortinados vermelhos (75).

IMPACIÊNCIA DA MULTIDÃO [76]

Ao Senhor Victor Hugo [77]

> Caminhante, vai dizer a Lacedemónia que nós estamos aqui, mortos por obedecer às suas santas leis.
>
> **Simonides** [78].

A grande porta de Esparta, com o batente encostado contra a muralha, como um escudo de bronze apoiado ao peito de um guerreiro, abria-se diante de Taygeta. A poeirenta encosta do monte que os fogos frios de um poente dos primeiros dias de Inverno avermelhavam, e a árida vertente atiravam sobre as muralhas da cidade de Hércules a imagem de uma hecatombe sacrificada nas profundezas de um entardecer cruel.

Por cima do portão cívico, o muro erguia-se pesadamente. No terraço do topo, encontrava-se uma multidão que a luminosidade do fim da tarde tornava avermelhada. Os clarões de ferro das armaduras, os elmos, os carros, as pontas das lanças flamejavam com o sangue do astro. Apenas os olhos desta multidão estavam sombrios: lançavam, fixamente, olhares agudos como dardos para o cimo do monte, donde era esperada qualquer grande notícia.

Na antevéspera, os Trezentos tinham partido com o rei. Coroados de flores, preparavam-se para o festim da Pátria. Aqueles que deveriam cear nos infernos, tinham penteado, pela última vez, as suas cabeleiras, no templo de Licurgo. Depois, erguendo os seus escudos, os jovens, seguidos pelos aplausos das mulheres, tinham desaparecido na aurora, cantando versos de Tyrteu... Agora, provàvelmente, as altas ervas do Desfiladeiro afloravam-lhes as pernas nuas, como se a terra

que iam defender quisesse acariciar uma última vez os seus filhos, antes de os voltar a ter no seu seio venerável.

Durante a manhã, os choques de armas, trazidos pelo vento, e o triunfal vociferar, tinham confirmado as narrativas dos pastores desvairados. Os Persas tinham recuado por duas vezes, numa imensa derrota, deixando os dez mil Imortais sem sepultura. A Locrida tinha assistido a estas vitórias! A Tessálida levantava-se. A própria Tebas tinha acordado perante o exemplo. Atenas enviara as suas legiões e armava-se sob as ordens de Milcíades; sete mil soldados reforçavam a falange lacedemónia.

Mas eis que, por entre os cânticos de glória e as preces no templo de Diana, os cinco Éforos, que tinham escutado os mensageiros recém-chegados, se tinham entreolhado. O Senado tinha dado, imediatamente, ordens para a defesa da Cidade. Daí, estas trincheiras cavadas à pressa, pois Esparta, por orgulho, apenas se fortificava habitualmente com os corpos dos seus cidadãos.

Uma sombra tinha dissipado todas as alegrias. Já ninguém acreditava nos discursos dos pastores; as sublimes notícias foram esquecidas, de uma só vez, como se fossem fábulas! Os sacerdotes tinham estremecido gravemente. Braços de augures, iluminados pela chama dos tripés, tinham-se erguido, fazendo votos às divindades infernais! Breves palavras, palavras terríveis, tinham sido murmuradas, imediatamente a seguir. E tinham feito sair as virgens, visto que ia ser pronunciado o nome de um traidor. E as suas vestes longas tinham passado sobre os Ilotas, deitados, bêbedos de vinho negro, atravessados nos degraus dos pórticos, quando elas tinham caminhado sobre eles sem os notar.

Então, ressoou a notícia desesperada.

Fora revelada aos inimigos uma passagem deserta na Fócida. Um pastor mecénio tinha vendido a terra de Helas. Efialtes tinha entregado a Xerxes a mãe pátria. E as cavalarias persas, à frente das quais resplandeciam as armaduras de ouro dos sátrapas, já invadiam

o solo dos deuses, já calcavam aos pés a nutriz dos heróis! Adeus, templos, moradas dos antepassados, sagradas planícies! Eles iam chegar, com cadeias, eles, os efeminados e pálidos, e escolher escravas por entre as tuas filhas, Lacedemónia.

A consternação aumentou com o aspecto da montanha, quando os cidadãos se acercaram da montanha.

O vento lamentava-se sobre as ravinas rochosas, por entre os abetos que se vergavam e estalavam, confundindo os seus ramos nus, semelhantes aos cabelos de uma cabeça inclinada com horror. A Gorgona corria pelas nuvens, cujos véus pareciam modelar-lhe a face. E a multidão, da mesma cor do incêndio, apinhava-se às soleiras das portas, admirando a áspera desolação da terra sob a ameaça do céu. Todavia, esta multidão de bocas severas condenava-se ao silêncio por causa das virgens. Era preciso não lhes agitar o peito, não lhes perturbar o sangue com impressões acusadoras contra um homem de Helas. Pensava-se nas crianças futuras.

A impaciência, a espera desenganada, a incerteza do desastre, aumentavam o peso da angústia. Cada um procurava agravar ainda mais o futuro e a proximidade da destruição parecia iminente.

Por certo, as primeiras frentes dos exércitos iam aparecer no crepúsculo! Alguns imaginavam ver, contra os céus e cortando o horizonte, o reflexo das cavalarias de Xerxes, até do seu próprio carro. Os sacerdotes, com os ouvidos tensos, discerniam clamores vindos do norte — diziam eles —, a despeito do vento dos mares meridionais que lhes assobiava nas capas.

Os balistas rolavam, tomando posição; cada um atava os seus escorpiões e os feixes de dardos caíam junto das rodas. As jovens acendiam braseiros para queimar o pez; os veteranos, protegidos pelas suas armaduras, calculavam, de braços cruzados, o número de inimigos que iriam abater antes de sucumbir; as portas iam ser muradas, pois Esparta não se renderia, mesmo que a tomassem de assalto; fazia-se um cálculo dos víveres, aconselhavam-se as mulheres ao suicídio,

consultavam-se as entranhas abandonadas que fumegavam aqui e além.

Como se devia passar a noite na muralha, prevendo qualquer surpresa dos Persas, Nogaklés, o cozinheiro dos guardas, espécie de magistrado, preparava, na própria fortificação, o alimento público. De pé, junto de uma enorme caldeira, agitava o seu pesado pilão de pedra e, enquanto esmagava distraidamente o cereal dentro do leite salgado, também ele olhava, com ar preocupado, a montanha.

Aguardava-se. Já infames sugestões se erguiam a propósito dos combatentes. O desespero da multidão é calunioso; e os irmãos daqueles que deviam banir Aristides, Temístocles e Milcíades não suportavam, sem fúria, a inquietação. Entretanto, mulheres muito velhas, abanavam a cabeça, enquanto entrançavam as suas grandes cabeleiras brancas. Estavam seguras dos seus filhos e guardavam a feroz tranquilidade das lobas que desmamaram.

Uma brusca obscuridade invadiu o céu; não eram as sombras da noite. Um imenso bando de corvos surgiu, vindo das profundezas do Sul; passou sobre Esparta com gritos de uma alegria terrível; cobriam o espaço, escurecendo a luz. Foram pousar sobre todos os ramos dos bosques sagrados que ladeavam o Taygeta. Ali permaneceram, vigilantes, imóveis, com o bico virado para o norte e os olhos incendiados.

Um clamor de maldição elevou-se, atroador, e lançou-se na sua perseguição. As catapultas rufaram, lançando jactos de pedras, cujos choques ressoaram seguidos de milhares de assobios e crepitaram ao penetrar nas árvores.

Os punhos estendidos, os braços erguidos para o céu, pretendiam assustá-los. Eles permaneceram impassíveis, como se um odor divino de heróis caídos os tivesse fascinado, e não abandonaram os negros ramos, que se dobravam sob o peso deste fardo.

As mães estremeceram, em silêncio, perante esta aparição.

Agora, as virgens inquietavam-se. Tinham-lhes distribuído as lâminas santas, suspensas, havia séculos, nos templos. — «Para quem são estas espadas?» — perguntavam elas. E os seus olhares, ainda suaves, hesitavam entre o brilho dos gládios nus e os olhares mais frios daqueles que as tinham gerado. Sorriam-lhes por respeito, — deixavam-nas na incerteza das vítimas. Dir-lhes-iam no último instante, que aquelas espadas eram para elas.

De repente, as crianças lançaram um grito. Os seus olhos tinham distinguido qualquer coisa, ao longe. Lá no fundo, no cume já azulado do monte deserto, um homem, arrastado pelo vento de uma fuga anterior, descia para a cidade.

Todos os olhares se fixaram sobre aquele homem.

Vinha, de cabeça inclinada, o braço alongado sobre uma espécie de ramo nodoso — cortado ao acaso da aflição, sem dúvida —, que apoiava a sua corrida para a porta espartana.

Agora, que ele atingia a zona em que o sol lançava os últimos raios sobre o centro da montanha, distinguia-se já o seu grande manto, enrolado em torno do corpo; o homem caíra pelo caminho, pois o manto estava completamente sujo de lama, assim como o cajado. Não podia ser um soldado; não tinha escudo.

Um silêncio morno acolheu esta visão.

De que lugar de horror fugia, ele assim? — Mau presságio!

— Aquela corrida não era digna de um homem. Que queria ele?

— Um abrigo?... Perseguiam-no, então? — O inimigo. — Já! — Já!...

No momento em que a oblíqua luz do astro moribundo o atingiu dos pés à cabeça, distinguiram-se as cnémides.

Um vento de furor e de vergonha revolveu os pensamentos. A presença das virgens, que se tornaram sinistras e mais brancas que verdadeiros lírios, foi esquecida.

Um nome, vomitado pelo terror e pelo espanto gerais, ressoou. Era um espartano! Um soldado da cidade

abandonara o seu escudo (79)! Fugia! E os outros? Tinham recuado, também eles, os intrépidos? — E a ansiedade crispava as faces. — A vista daquele homem equivalia à vista da derrota. Ah! Para que ocultar mais tempo a imensa desgraça? Tinham fugido! Todos!... Seguiam-no! Iam surgir de um momento para o outro!... Perseguidos pelos cavaleiros persas! — E, pondo as mãos sobre os olhos, o cozinheiro gritou que os avistava na bruma!...

Um grito dominou todos os rumores. Acabava de ser lançado por um velho e uma mulher enorme. Ambos, escondendo os seus rostos interditos, tinham pronunciado estas palavras horríveis: «Meu filho!»

Então, elevou-se uma tempestade de clamores. Os punhos estenderam-se na direcção do fugitivo.

— Enganas-te. Não é aqui o campo de batalha.

— Não corras tão depressa. Poupa-te.

— Os Persas pagam bem os escudos e as espadas?

— Efialtes está rico.

— Toma cautela à tua direita! Os ossos de Pélope, de Hércules e de Polux estão sob os teus pés. — Imprecações! Vais acordar os manes do antepassado — mas ele orgulhar-se-á de ti!

— Mercúrio emprestou-te as asas dos seus calcanhares! Pelo Styx, ganharás o prémio, nas Olimpíadas!

O soldado parecia não ouvir e continuava a correr para a cidade.

E, como não respondia nem parava, isso exasperou-a. As injúrias tornaram-se terríveis.

E os sacerdotes:

— Cobarde! Estás sujo de lama! Não beijaste a terra natal; mordeste-a!

— Dirige-se para a porta! — Ah! Pelos deuses infernais! — Não passarás!

Milhares de braços se ergueram.

— Para trás! O que te espera é o báratro! — Ou antes... — Para trás! Não queremos o teu sangue nas nossas covas!

— Para o combate! Regressa!

— Teme as sombras dos heróis, à tua volta.

— Os Persas dar-te-ão coroas! E liras! Vai distrair os seus festins, escravo!

A esta frase viram-se as jovens da Lacedemónia inclinar a fronte sobre o peito. Apertando nos braços as espadas usadas pelos reis livres em idades recuadas, choraram em silêncio.

Enriqueciam, com estas lágrimas heróicas o rude punho dos gládios. Compreendiam e votavam-se à morte, pela pátria.

Sùbitamente uma delas aproximou-se, esbelta e pálida, da muralha; afastaram-se para lhe dar passagem. Era aquela que devia um dia ser a esposa do fugitivo.

— Não olhes, Semeis!... — gritaram-lhe as companheiras.

Porém, ela considerou aquele homem e, apanhando uma pedra, atirou-a contra ele.

A pedra atingiu o desgraçado: ergueu os olhos e estacou. Então, um estremecimento pareceu agitá-lo. A cabeça, por um momento erguida, recaiu sobre o peito.

Pareceu pensar. Em quê?

As crianças contemplavam-no; as mães falavam-lhes baixo, apontando-o.

O enorme e belicoso cozinheiro interrompeu o labor e abandonou o pilão. Uma espécie de cólera sagrada fez-lhe esquecer os seus deveres. Afastou-se da caldeira e veio debruçar-se sobre um vão da muralha. Depois, reunindo todas as forças e enchendo as bochechas, o veterano cuspiu na direcção do trânsfuga. E o vento que passava arrastou, cúmplice desta santa indignação, a infame espuma para sobre a fronte do miserável.

Ressoou uma aclamação, aprovadora desta enérgica mostra de furor.

Estavam vingados.

Pensativo, apoiado sobre o cajado, o soldado olhava fixamente a entrada aberta da Cidade.

A um sinal de um chefe, a pesada porta rolou entre ele e o interior das muralhas, e veio encaixar-se entre os dois batentes de granito.

Então diante daquela porta fechada que o pros-

crevia para sempre, o fugitivo caiu para trás, direito, estendido contra a montanha.

No mesmo instante, com o crepúsculo e o empalidecer do sol, os corpos precipitaram-se sobre o homem; foram aplaudidos, desta vez, e o seu véu assassino ocultou-o sùbitamente aos ultrajes da multidão humana.

Depois, veio o orvalho da noite que dissolveu a poeira em volta dele.

De madrugada nada restava do homem senão alguns ossos dispersos.

Assim morreu, com a alma desvairada naquela única glória que os deuses invejam e cerrando piedosamente as pálpebras para que o aspecto da realidade não perturbasse com qualquer tristeza vã a sublime concepção que guardava a Pátria, assim morreu, sem uma palavra, apertando na mão a palma fúnebre e triunfal e apenas isolado da lama natal pela púrpura do seu sangue, o augusto guerreiro eleito mensageiro da Vitória pelos Trezentos, pelas suas feridas mortais, quando, tendo lançado às torrentes das Termópilas o seu escudo e espada, o empurraram em direcção a Esparta, para fora do desfiladeiro, persuadindo-o de que as suas últimas forças deviam ser utilizadas com vista à salvação da República; — assim desapareceu na morte, aclamado ou não por aqueles pelos quais perecia, o ENVIADO DE LEÓNIDAS (80).

OS SALTEADORES

Ao Senhor Henri Roujon (81)

Que é o Terceiro Estado? Nada.
Que devia ser? Tudo.

Sully, — mais tarde Sieyès.

Pibrac, Nayrac (82), duo de subprefeituras gémeas ligadas por um caminho vicinal aberto sob o regime de Orleães, entoavam sob os céus encantados, uma perfeita harmonia de costumes, de negócios, de maneiras de ver.

Como noutros lugares, aqui a municipalidade distinguia-se por paixões; — como em toda a parte, aqui, a burguesia conciliava a estima geral com a sua própria estima. Por conseguinte, todos viviam em paz e alegria nestas localidades afortunadas, quando, numa noite de Outubro, aconteceu que o velho rabequista de Nayrac, encontrando-se quase sem dinheiro, se acercou, na estrada do bedel de Pibrac e, tirando partido da obscuridade, lhe pediu, em tom peremptório, uns tostões.

O homem dos Sinos, no seu pânico, não tendo reconhecido o rabequista, apressou-se a obedecer sem levantar problemas; mas, de regresso a Pibrac, contou a sua aventura de uma maneira tal, que nas imaginações exaltadas pela sua narrativa, o pobre velho menestrel de Nayrac surgiu como um bando de salteadores esfomeados que infestavam o Sul e espalhavam a desolação na estrada pelos seus assassínios, incêndios e depredações.

Sagazes, os burgueses das duas cidades tinham encorajado estes boatos, tanto mais que, na verdade, todo o bom proprietário é levado a exagerar os delitos das pessoas que procedem de forma a fazer supor que

pretendem apoderar-se dos seus capitais. Não tinham, de forma alguma, sido logrados! Tinham ido às fontes. Tinham interrogado o bedel, depois de alguns copos. O bedel abrira-se em confidências — e eles conheciam, agora, melhor do que ele, o fundo da questão!... Todavia, servindo-se da crudelidade das massas, os nossos dignos citadinos guardavam o segredo só para eles, como, aliás, gostam de guardar tudo quanto agarram: tenacidade que, por sinal, é o distintivo das pessoas sensatas e esclarecidas.

Em meados de Novembro seguinte, tendo soado as dez horas da noite na torre da Justiça de Paz de Nayrac, todos regressaram ao lar com um ar mais valentão que de costume e com o chapéu — palavra de honra! — inclinado sobre a orelha, de tal modo que as esposas, saltando-lhes às patilhas, lhes chamaram «mosqueteiros», o que lisonjeou suavemente os corações recíprocos.

— Sabes, Sr.ª N***, amanhã, de manhãzinha, parto.

— Oh! Meu Deus!

— Estamos na época da cobrança: tenho que ir, eu próprio, a casa dos nossos rendeiros...

— Não vais.

— E porque não?

— Os salteadores.

— Ora!... Já passei por outras!

— Não vais!... — concluía cada esposa, como convém entre pessoas que se adivinham.

— Vamos lá, minha filha, vejamos... Prevendo as tuas preocupações e para te tranquilizar, combinámos partir todos juntos, com as nossas caçadeiras, numa grande carroça alugada para este fim. As nossas terras são circunvizinhas e regressaremos à noite. Portanto, seca as tuas lágrimas e, a convite de Morfeu, permite que ate pacificamente sobre a testa as duas extremidades do meu lenço.

— Ah! já que vão todos juntos, parti em boa hora: deves proceder como os outros — murmurou cada esposa, sùbitamente serenada.

A noite foi requintada. Os burgueses sonharam com

assaltos, carnificinas, abordagens, torneios e louros. Por conseguinte, acordaram frescos e bem dispostos, quando o sol despontou alegremente.

— Vamos!... — murmuraram, todos eles, enfiando as meias, após um grande gesto de despreocupação, e de modo a que a frase fosse ouvida pela esposa. — Vamos! Chegou a hora! Só se morre uma vez!

As senhoras, mudas de admiração, olhavam estes modernos paladinos e atafulhavam-lhes as algibeiras de cremes peitorais, por causa do Outono.

Eles, surdos aos soluços, arrancaram-se aos braços que, em vão, pretendiam retê-los...

— Um último beijo!... — disseram, todos eles, cada um no patamar da sua casa.

E chegaram, desembocando das respectivas ruas, à praça principal, onde já alguns de entre eles (os solteiros) esperavam pelos colegas, em volta da carroça, brincando, sob os raios matutinos, com as cargas das caçadeiras — cujas mechas renovavam, franzindo as sobrancelhas.

Soavam as seis horas: o carro pôs-se a caminho, acompanhado pelas notas viris da **Parisiense** (83) entoada pelos catorze proprietários agrícolas que o ocupavam. Entretanto, ao longe, às janelas, mãos febris agitavam lenços entusiásticos, ao mesmo tempo que o cântico heróico ressoava:

Avante, a caminho
Contra os canhões!
Através do ferro, a metralha dos batalhões!

Depois, com o braço direito no ar e com uma espécie de mugido:

A caminho da vitória!

Tudo isto marcado a campasso pelas fortes chicotadas com que o proprietário que conduzia presenteava, gesticulando, os três cavalos.

Foi boa, a jornada.

Os burgueses são alegres foliões, largos em negócios. Mas, no capítulo da honestidade — alto! —. São íntegros ao ponto de mandar enforcar uma criança por causa de uma maçã.

Cada um deles jantou, portanto, em casa do respectivo rendeiro, beliscou o queixo da filha, à sobremesa, embolsou o saquinho com a renda e, depois de trocar com a família alguns provérbios bem sentidos, tais como: «As boas contas fazem os bons amigos», ou «Bom caçador, grande caçada», ou «O trabalho é uma oração», ou «O trabalho é felicidade», ou «Quem paga as dívidas enriquece» e outros ditados do costume, cada proprietário, escapando-se às bênçãos habituais, retomou o seu lugar, cada um por sua vez, na carroça colectora que os foi recolher, de herdade em herdade — e, ao crepúsculo, puseram-se a caminho de Nayrac.

Todavia, uma sombra tinha descido sobre as suas almas! — Com efeito, certas narrativas dos camponeses tinham informado os nossos proprietários de que o rabequista fizera escola. O seu exemplo tinha sido contagioso. O velho celerado procurara reforço, ao que parecia, numa horda de verdadeiros ladrões e — principalmente na época da cobrança — a estrada já não era, de forma nenhuma, segura. De maneira que, apesar dos vapores, depressa dissipados, do clarete, os nossos heróis faziam agora uma pausa à **Parisiense.**

Caía a noite. Os choupos alongavam as suas silhuetas negras sobre a estrada, o vento agitava as sebes. Por entre os mil ruídos da natureza e alternando com o trote regular dos três mecklemburgueses, ouvia-se, ao longe, o uivar de mau augúrio de um cão perdido. Os morcegos esvoaçavam em redor dos nossos pálidos viajantes que o primeiro raio de luar iluminou tristemente... Brrr!... Agora, as espingardas eram apertadas entre os joelhos, com um tremor convulsivo; sem fazer barulho, cada um assegurava-se, de vez em quando, de que o saquinho continuava no sítio devido, junto de si. Ninguém dizia palavra. Que grande angústia, para pessoas honestas!

Sùbitamente, na bifurcação da estrada — ó terror! — surgiram umas figuras assustadoras e contraídas; reluziram as espingardas; ouviu-se um ruído de cascos de cavalos e um terrível **Quem vive?!** ressoou por entre as trevas, pois, neste momento, a lua deslizava entre duas nuvens negras.

Um grande veículo, a abarrotar de homens armados, obstruía a estrada.

Quem eram aqueles homens? — Malfeitores, evidentemente! Bandidos! — Evidentemente!

Pois bem! Não. Era o grupo gémeo dos bons burgueses de Pibrac. Eram os de Pibrac! — Eles tinham tido, exactamente, a mesma ideia que os de Nayrac.

De regresso dos respectivos negócios, os pacíficos proprietários das duas cidades cruzavam-se, muito simplesmente, na estrada, quando voltavam para casa.

Pálidos, avistaram-se. O imenso susto que se causaram recìprocamente, devido à ideia fixa que invadira os seus cérebros, tinha feito aparecer em todas as fisionomias, antes bonacheironas, os verdadeiros instintos — da mesma forma que uma rajada de vento que passa sobre um lago, formando um turbilhão, faz subir as águas do fundo à superfície — de tal modo que era natural que se tomassem, uns aos outros, pelos tais salteadores que, recìprocamente, temiam.

Naquele preciso momento, os seus murmúrios, na obscuridade, desorientaram-nos a tal ponto que, na trémula precipitação dos de Pibrac que procuravam, previdentemente, apoderar-se das respectivas espingardas, o gatilho de uma delas bateu num banco e disparou. O tiro partiu e a bala foi atingir um dos de Nayrac, quebrando-lhe contra o peito uma terrina de excelente pasta de fígado de que ele se servia, maquinalmente, como escudo.

Ah! Aquele tiro! Foi a fagulha fatal que incendeia a pólvora.

O paroxismo do sentimento que experimentaram fê-los entrar em delírio. Principiou, então, uma fuzilaria densa e enlouquecida. O instinto de conservação das respectivas vidas e do respectivo dinheiro cegava-os.

Metiam cartuchos nas espingardas, com a mão trémula e rápida e disparavam para o monte. Os cavalos caíram; uma das carroças voltou-se, vomitando ao acaso feridos e saquinhos. Os feridos, na perturbação do seu pavor, levantaram-se como leões e recomeçaram a disparar uns sobre os outros, sem sequer se poderem reconhecer no meio da fumarada!... No meio desta demência furiosa, não há dúvida de que, caso tivesse caído das estrelas um destacamento de polícias, estes teriam pago com a vida o seu devotamento. — Em resumo: foi um verdadeiro extermínio. O desespero comunicara-lhes a mais mortífera das energias; numa palavra, aquela que distingue a classe das pessoas honradas das outras classes de pessoas, num momento de provocação máxima (84).

Enquanto tudo isto ocorria, os verdadeiros salteadores (ou seja, a meia dúzia de pobres diabos culpados, quando muito, de ter roubado algumas côdeas, alguns pedaços de toucinho ou alguns tostões, tanto para a esquerda como para a direita) tremiam terrìvelmente numa caserna afastada, ao ouvir, trazido pelo vento que vinha dos lados da estrada, o barulho cada vez maior e mais terrível das detonações e dos gritos espavoridos dos burgueses.

Imaginando, na sua surpresa, que se tratava, na realidade, de uma batida monstruosa, organizada contra eles, tinham interrompido a inocente partida de cartas que disputavam junto do pichel do vinho e tinham-se levantado, lívidos, olhando para o chefe. O velho rabequista parecia prestes a desmaiar. As suas pernas compridas vacilavam. Apanhado de surpresa, o bom homem estava apalermado. O que ouvia ultrapassava as suas possibilidades de entendimento.

Contudo, passados alguns minutos de desorientação, e como os tiros continuassem, os bons salteadores viram-no estremecer sùbitamente e colocar um dedo meditativo na ponta do nariz.

Erguendo a cabeça, disse: «Meus filhos, é impossível! Não se trata de nós... Há um mal-entendido... É um

qui pro quo... Corramos com as nossas lanternas surdas, para levar auxílio aos pobres feridos... O barulho vem da estrada principal.»

Assim chegaram, com mil precauções, afastando o mato, ao local do sinistro — cujo horror era, agora, iluminado pelo luar.

O último burguês que ainda sobrevivia, na sua precipitação, ao carregar a arma escaldante, acabava de fazer saltar os próprios miolos, sem querer, por inadvertência.

Ao ver aquele espectáculo formidável, de todos aqueles mortos que juncavam a estrada ensanguentada, os salteadores, consternados, ficaram sem fala, tontos de espanto, não acreditando nos próprios olhos. Uma obscura compreensão do ocorrido começou, então, a penetrar os seus espíritos.

De repente, o chefe assobiou e, a um sinal, as lanternas aproximaram-se em círculo, rodeando o menestrel.

— Ó meus bons amigos! — rosnou ele, numa voz aflitivamente baixa — (e os dentes batiam-lhe, impulsionados por um medo que parecia ainda mais terrífico que o medo anterior), — ó meus amigos!... Apanhemos, depressa, o dinheiro destes dignos burgueses! E alcancemos a fronteira! E fujamos a quatro pernas. E nunca mais ponhamos os pés nesta terra!

E, como os acólitos o considerassem, boquiabertos e com os pensamentos em desordem, ele apontou com um dedo para os cadáveres, acrescentando, com um estremecimento, esta frase absurda — mas electrizante! — e proveniente, com certeza, de uma experiência profunda, de um eterno conhecimento da vitalidade, da **Honra** do Terceiro Estado (85):

— ELES VÃO PROVAR... QUE FOMOS NÓS...

NARRATIVA SOMBRIA, MAIS SOMBRIO NARRADOR

Ao Senhor Coquelin Júnior (86)

Ut declaratio fiat (87).

Naquela noite, estava convidado, com carácter oficial, a participar de uma ceia de autores dramáticos, reunidos para festejar o êxito de um confrade. Era no B*** (88), o restaurante da moda entre os homens da pena.

A ceia foi, de início, naturalmente triste.

Contudo, depois de terem sido ingeridos alguns tragos de Léoville velho, a conversação animou-se. Tanto mais que estávamos a deslizar para o campo dos contínuos duelos, que eram assunto de grande número das conversas parisienses da época. Cada um recordava, com a obrigatória desenvoltura, as valentias pessoais e procurava insinuar, negligentemente, vagas ideias de intimidação, sob a aparência de sábias teorias e piscadelas de olhos entendidas a respeito da esgrima e do tiro. O mais ingénuo, um tanto tocado, parecia absorver-se na combinação de um golpe de cruzado de segunda, que imitava, por cima do prato, com o garfo e a faca.

Sùbitamente, um dos convivas, o senhor D*** (89) (homem conhecedor dos cordelinhos do teatro, uma sumidade quanto ao delineamento de todas as situações dramáticas, aquele, enfim, que entre todos melhor provara saber como «arrancar um êxito»), exclamou:

— Ah! Que diríeis, senhores, se vos tivesse acontecido a minha aventura do outro dia?

— É verdade! — responderam os convivas. — Tu eras testemunha de Saint-Sever.

— Vamos! se nos contasses — mas francamente! — como isso se passou:

— De boa vontade, — respondeu D*** — apesar de ainda sentir um aperto no coração, quando penso nisso.

Após algumas silenciosas baforadas de cigarro, D*** começou nestes termos **(Deixo-lhe, estritamente, a palavra):**

— Na passada quinzena, numa segunda-feira, às sete da manhã, fui acordado por um toque de campainha; até julguei que era Pegallo (90). Entregaram-me um cartão de visita. Li: Raoul de Saint-Sever. — Era o nome do meu melhor camarada de colégio. Havia dez anos que não nos víamos.

Entrou.

Era mesmo ele!

— Há muito tempo que não te aperto a mão — disse-lhe. — Ah! Como me sinto contente por te voltar a ver! Falaremos dos velhos tempos, enquanto almoçamos. Chegaste da Bretanha?

— Estou cá desde ontem — respondeu.

Vesti um robe, servi «Madeira» e, uma vez sentados, continuei:

— Raoul, tens um ar preocupado; um ar pensativo... É habitual?

— Não. É um excesso de emoção.

— De emoção? — Perdeste na Bolsa?

Abanou a cabeça.

— Já ouviste falar de duelos de morte? — perguntou-me, muito simplesmente.

A pergunta surpreendeu-me, confesso; era brusca.

— Que pergunta engraçada! — respondi, para manter conversa.

E olhei para ele.

Ao recordar as suas preferências literárias, julguei que vinha submeter-me o desenlace de uma peça concebida por ele no silêncio da província.

— Se ouvi falar disso! Mas, faz parte da minha

profissão de autor dramático urdir, ajustar e finalizar casos desse género! — Os encontros são mesmo o meu tema e dizem até que sou perito em tal. Então nunca lês os jornais da segunda-feira?

— Pois bem, — disse — trata-se, precisamente, de qualquer coisa no género.

Examinei-o. Raoul parecia pensativo, distraído. Tinha o olhar e a voz tranquilos, normais. Tinha muito de Surville (91), naquele momento... de Surville nos seus bons papéis, até. — Disse para comigo que ele estava sob o ardor da inspiração e que podia ter talento... um talento nascente..., mas, enfim, alguma coisa.

— Depressa, — exclamei com impaciência — a situação! Conta-me a situação! Talvez que, explorando-a...

— A situação? — respondeu Raoul, abrindo muito os olhos. — Mas, é das mais simples. Ontem de manhã, ao chegar ao hotel, encontrei um convite que ali me esperava, para um baile, nessa mesma noite, na Rua de Saint-Honoré, em casa da Sr.ª Fréville. — Devia lá ir. — Então, no decorrer da festa (imagina o que lá se deve ter passado!), vi-me obrigado a atirar a luva à cara de um cavalheiro, diante de toda a gente.

Percebi que estava a representar-me a primeira cena do seu «enredo».

— Oh! Oh! — disse eu. — Como chegas a isso? — Sim, é um princípio. Tem juventude, tem fogo. — Mas, a sequência? O motivo? O arranjo da cena? — A ideia do drama? O conjunto, enfim? — Em linhas gerais!... Vamos! Vamos!

— Tratava-se de um insulto feito a minha mãe, meu amigo — respondeu Raoul, que parecia não me ouvir. — A minha Mãe, — não é um motivo suficiente? (92).

(Aqui, D*** interrompeu-se, olhando para os convivas que não puderam evitar um sorriso a estas últimas palavras.)

— Sorrides, senhores? — disse. — Também eu sorri. O «bato-me pela minha mãe», principalmente, soava-me tão falso e fora de moda que até enjoava. — Era infecto. Estava a ver a coisa em cena! O público abandonaria a sala. Deplorava a inexperiência teatral do pobre Raoul

e ia dissuadi-lo daquilo que eu considerava um plano nado-morto do mais indigesto **cozinhado**, quando ele acrescentou:

— Está lá em baixo Prosper, um amigo da Bretanha: veio de Rennes comigo. — Prosper Vidal; está à minha espera no carro, diante da tua porta. — Em Paris, não conheço ninguém senão a ti. — Vejamos: queres ser a minha segunda testemunha? As testemunhas do meu adversário estarão em minha casa, dentro de uma hora. Se aceitas, veste-te depressa. Temos cinco horas de caminho de ferro, daqui até Erquelines.

Só então me apercebi de que me falava de algo da vida! da vida real! — Fiquei apalermado. Foi só passado algum tempo que lhe tomei a mão. Eu sofria! Vejam: não tenho mais apetite de espada do que qualquer outro; mas parece-me que teria ficado menos emocionado se se tratasse de mim mesmo.

— É verdade! Somos assim!... — exclamaram os convivas, interessados em beneficiar da reflexão.

— Devias ter-me dito isso imediatamente!... — respondi. — Não te farei discursos. Isso é bom para o público. Conta comigo. Desce. Irei ter contigo.

(Aqui, D*** estacou, visìvelmente perturbado pela recordação dos incidentes que acabava de nos relatar).

— Uma vez só, — continuou — fiz o meu plano, enquanto me vestia à pressa. Não se tratava, aqui, de complicar as coisas: a situação (banal, na verdade, para o teatro) parecia-me ultra-suficiente para a existência. E a seu lado **Cerro das Giestas** (93), sem ofensa, desaparecia aos meus olhos, quando pensava que o que se ia jogar era a vida do meu pobre Raoul! — Desci, sem perder um minuto.

A outra testemunha, Prosper Vidal, era um jovem médico, muito comedido nas atitudes e nas palavras; uma cabeça distinta, um tanto positiva, lembrando os antigos Maurice Coste (94). Pareceu-me bastante apropriado para o caso. Vocês estão a ver daqui, não é?

Todos os convivas, muito atentos, fizeram o sinal de cabeça apropriado que esta hábil pergunta pedia.

Terminadas as apresentações, rolamos pela Avenida

Bonne-Nouvelle, onde ficava o hotel de Raoul (perto do Ginásio). — Subi. Encontrámos nos seus aposentos dois cavalheiros abotoados de alto abaixo, formais, ainda que ligeiramente fora de moda, também. (Entre nós, acho que estão um tanto atrasados, na vida real!). — Cumprimentámo-nos. Dez minutos depois, as condições estavam estabelecidas. Pistola, a vinte e cinco passos, à ordem de atirar. Na Bélgica. No dia seguinte. Seis da manhã. Enfim, o que há de mais banal!

— Poderias ter encontrado algo mais original — interrompeu, tentando sorrir, o conviva que se exercitava em botes secretos com o garfo e a faca.

— Meu amigo — retorquiu D***, com amarga ironia — és um espertalhão, tu! Armas em espírito forte! Vês sempre as coisas através de um binóculo de teatro.

Mas, se lá tivesses estado, como eu, terias procurado a simplicidade. Não se tratava, ali, de oferecer, como armas, a faca de cortar papel do **Caso Clemenceau** (95). É preciso compreender que nem tudo é comédia, na vida! Eu, vejam vocês, entusiasmo-me fàcilmente com as coisas verdadeiras, com as coisas naturais!... e que acontecem! Nem tudo está morto em mim, que diabo!... E garanto-vos que «não foi nada engraçado», quando, meia hora mais tarde, tomámos o comboio para Erquelines, com as nossas armas dentro de uma mala. Pulsava-me o coração! palavra de honra! Mais do que me pulsou em qualquer estreia.

Aqui, D*** interrompeu-se, bebeu, de um trago, um grande copo de água: estava lívido.

— Continua! — disseram os convivas.

— Não vos conto a viagem, a fronteira, a alfândega, o hotel e a noite — murmurou D*** com voz rouca.

— Nunca tinha sentido pelo Saint-Sever uma amizade mais real. Não dormi um segundo, apesar da fadiga nervosa que sentia. Chegou, por fim, a madrugada. Eram quatro e meia. Estava bom tempo. Tinha chegado o momento. Levantei-me e atirei água fria por cima da cabeça. Não demorei muito tempo a arranjar-me.

Penetrei no quarto de Raoul. Tinha passado a noite

a escrever. Todos nós imaginámos já cenas destas. Bastava-me recordá-las para ser natural. Dormia junto à mesa, numa poltrona: as velas ainda ardiam. Com o ruído que fiz ao entrar, acordou e olhou para o relógio. Estava à espera disso, conhecia esse efeito teatral. Vi então até que ponto ele é observado.

— Obrigado, meu amigo — disse. — Prosper já está pronto? — Temos uma meia hora de caminho. Creio que é altura de o prevenir.

Alguns instantes mais tarde, descíamos os três e, às cinco horas em ponto, estávamos na estrada para Erquelines. Prosper levava as pistolas. Eu estava positivamente com medo, estão a ouvir? Não coro por isso.

Eles falavam juntos de assuntos de família, como se nada se passasse. Raoul estava soberto, todo de negro, com ar grave e decidido, muito calmo, imponente, à força de tanta naturalidade!... — Uma autoridade, na sua atitude... Oiçam, viram Bocage em Ruão, nas peças do reportório 1830-1840? — Ouve clarões, aí!... Talvez mais belos do que em Paris (96).

— Eia! Eia! — objectou uma voz.

— Oh! Oh! Vais longe!... — interromperam dois ou três convivas.

— Enfim, Raoul exaltava-me, como nunca nada nem ninguém me tinha exaltado — prosseguiu D***, — podem crer. Chegámos ao terreno ao mesmo tempo que os nossos adversários. Eu tinha como que um mau pressentimento.

O adversário era um homem frio, figura de oficial, género filho-família; uma fisionomia à Landrol; — mas menos amplitude no porte (97). Sendo as conversações inúteis, as armas foram carregadas.

— Fui eu quem contou os passos, e tive que conter a alma (como dizem os Árabes) para não deixar ver os meus **à parte.** O melhor a fazer era ser clássico.

Todo o meu desempenho era concordante. Não vacilei. A distância estava finalmente marcada. Voltei ao pé de Raoul. Abracei-o e apertei-lhe a mão. Eu tinha lágrimas nos olhos, não as lágrimas de rigor, mas verdadeiras.

— Então, então, meu bom D***, — disse-me ele — calma. Que é isso?

A estas palavras, olhei-o.

Saint-Sever estava, pura e simplesmente, magnífico. Dir-se-ia que estava em cena! Admirava-o. Julgara até então que tal sangue-frio se encontrava apenas nos palcos.

Os dois adversários vieram colocar-se em frente um do outro, com o pé sobre a marca. Houve então uma espécie de suspensão. O meu coração vibrava! Prosper entregou a Raoul a pistola armada, pronta a ser utilizada; depois, desviando a cabeça num transe terrível, regressei ao primeiro plano, ao lado da vala.

E as aves cantavam! via flores ao pé das árvores! verdadeiras árvores. Nunca Cambon assinou uma manhã mais bela! (98). Que terrível antítese!

— Um!... Dois!... Três!... — gritou Prosper, a intervalos iguais, batendo as palmas.

Eu tinha a cabeça de tal modo perturbada que julguei ouvir as três pancadas de Molière. Uma dupla detonação rebentou, ao mesmo tempo. — Ah! Meu Deus, meu Deus!

D*** interrompeu-se e agarrou a cabeça entre as mãos.

— Ora vamos! Sabemos que tens coração... Acaba! — gritaram, de todos os lados, os convivas, por sua vez, muito emocionados.

— Pois bem! — disse D***. — Raoul caíra na relva, sobre um joelho, depois de ter rodado sobre si mesmo. A bala atingira-o em cheio no coração, aqui! — (E D*** batia no peito.) — Precipitei-me para ele.

— Minha pobre mãe — murmurou.

(D*** fixou os convivas: estes, pessoas de tacto, compreenderam, desta vez, que seria de bastante mau gosto repetir o sorriso da «cruz da minha mãe». O «minha pobre mãe» passou, portanto, como uma folha arrastada pelo vento; a frase vinha realmente a propósito, tornava-se possível.)

— Foi tudo — prosseguiu D***. — O sangue encheu-lhe a boca.

Olhei para o lado do adversário; tinha um ombro despedaçado.

Estavam a tratá-lo.

Agarrei o meu pobre amigo nos braços. Prosper segurava-lhe a cabeça.

— Num minuto — imaginem! — lembrei-me dos nossos bons tempos de infância; os recreios, os risos alegres, os dias de saída, as férias! — Quando brincávamos **a atirar!**...

(Todos os convivas inclinaram a cabeça, para indicar que apreciavam a alusão.)

D***, visìvelmente exaltado, passou a mão pela testa. Continuou, num tom extraordinário, os olhos fixos no vago:

— Era... enfim... como um sonho! — Olhei-o. Ele já não me via: expirava. E tão simples! Tão digno! Nem uma queixa. Sóbrio, enfim. Sentia-me comovido. E duas grandes lágrimas me rolaram pelos olhos! Duas verdadeiras, essas! Sim, senhores, duas lágrimas... Gostaria que Frédérick [99] as tivesse visto. Ele tê-las-ia compreendido! — Balbuciei um adeus ao meu pobre amigo Raoul e estendemo-lo no chão.

Rígido, sem falsa posição — nada de pose! —, VERDADEIRO, como sempre, ali estava! O sangue sobre o fato! Os punhos vermelhos! A testa já muito branca! Os olhos cerrados. Eu não tinha outro pensamento senão este: achava-o **sublime.** Sim, senhores, sublime! É o termo!... — Olhem! — parece-me... que o vejo ainda! Já não dominava a minha admiração! Perdia a cabeça! Já não sabia de que se tratava!!! Confundia! — Aplaudia! Eu... queria... queria chamá-lo...

Aqui, D*** que se entusiasmara ao ponto de gritar, parou de repente, bruscamente: depois, sem transição, com uma voz muito calma e com um sorriso triste, acrescentou:

— Pois! É verdade! — Teria querido chamá-lo... à vida.

(Um murmúrio aprovador acolheu esta frase feliz.)

— Prosper arrastou-me.

(Aqui, D*** ergueu-se, com o olhar fixo; parecia realmente penetrado pela dor; depois, deixando-se cair novamente na cadeira, acrescentou em voz baixa.)

— Enfim! Todos somos mortais! — (A seguir, bebeu um copo de rum que depois poisou ruidosamente sobre a mesa.)

Terminando assim, numa voz entrecortada, D*** acabara por cativar tão profundamente os auditores, tanto pelo lado impressionante da sua história, quanto pela vivacidade da narração que, quando se calou, rebentaram os aplausos. Achei ser meu dever juntar as minhas humildes felicitações às dos seus amigos.

Toda a gente estava comovida. — Muito comovida.

— Êxito **de estima!** — pensei.

— Tem realmente talento, este D***! — murmurava cada um ao ouvido do vizinho.

Todos lhe foram apertar a mão calorosamente. — Eu saí.

Alguns dias mais tarde, encontrei um dos meus amigos, um literato, e narrei-lhe a história de D*** **tal como a ouvira.**

— Pois bem! — perguntei-lhe ao terminar: — Que pensa disto?

— Sim! É quase uma novela! — respondeu, após um silêncio. — Escreve-a, então!

Olhei-o fixamente.

— Sim, — disse-lhe — **agora** posso escrevê-la: está completa.

O INTERSIGNO

Ao senhor abade Victor de Villiers de l'Isle-Adam (100)

Attende, homo, quid fuisti ante ortum et quod eris usque ad occasum. Profecto fuit quod non eras. Postea, de vili materia factus, in utero matris de sanguine menstruali nutritus, tunica tua fuit pellis secundina. Deinde, in vilissimo panno involutus, progressus es ad nos, — sic indutus et ornatus! Et non memor es quæ sit origo tua. Nihil est aliud homo quam sperma fœtidum. saccus stercorum, cibus vermium. Scientia, sapientia, ratio, sine Deo sicut nubes transeunt.

Post hominem vermis; post vermem fœtor et horror. Sic, in non hominem, vertitur omnis homo.

Cur carnem tuam adornas et impinguas quam, post paucos dies, vermes devoraturi sunt in sepulchro, animam, vero, tuam non adornas, — quæ Deo et Angelis ejus præsentenda est in cœlis! SÃO BERNARDO (Meditações, t. II).

Bolandistas (Preparação para o Juízo Final).

Numa noite de Inverno em que, entre pessoas de pensamento, tomávamos chá, em redor de um bom fogo, em casa de um dos nossos amigos, o barão Xavier de la V*** (um jovem pálido a quem fadigas militares bastante longas, suportadas, quando ainda muito novo, em África, tinham deixado uma debilidade de temperamento e uma selvajaria de costumes pouco comuns), a conversa recaiu sobre um tema dos mais sombrios: versava-se a questão da **natureza** das coincidências extraordinárias, misteriosas, espantosas, que ocorrem na existência de algumas pessoas.

— Vou contar-vos uma história — disse-nos o dono da casa —, à qual não acrescentarei qualquer comentário. É verídica. Talvez a achem impressionante.

Acendemos cigarros e escutámos a seguinte narrativa:

— Em 1876, no solstício do Outono ([101]), pelo tempo em que o número, sempre crescente, de inumações levadas a cabo de ânimo leve — excessivamente precipitadas, enfim —, começava a revoltar a burguesia parisiense e a mergulhá-la em alarmes, uma certa noite, cerca das oito horas, à saída de uma sessão de espiritismo das mais curiosas, senti-me, ao regressar a casa, sob a influência do tédio hereditário cuja negra obsessão destrói e reduz a zero os esforços da Faculdade.

Foi em vão que, por instigação doutoral, tive que me embriagar, várias vezes, com a mistela de Avicenne ([102]); em vão assimilei, sob todas as fórmulas, alguns quintais de ferro e, em vão também, calcando aos pés todos os prazeres, fiz descer, como um novo Robert d'Arbrissel, o mercúrio das minhas paixões até à temperatura dos Samoyedes ([103]). Nada prevaleceu! — Enfim! Parece, decididamente, que eu sou uma personagem taciturna e morosa! Mas, também é preciso que, sob uma aparência nervosa, ou seja, como se costuma dizer, feito de pedra e cal, para ainda poder, depois de tantos tratamentos, continuar a contemplar as estrelas.

Nessa noite, portanto, uma vez no meu quarto, ao acender um charuto nas velas do espelho, apercebi-me de que estava mortalmente pálido! e enterrei-me numa ampla poltrona, um velho móvel forrado de veludo vermelho-escuro acolchoado, onde o voo das horas, durante as minhas longas meditações, me parece menos pesado. O acesso de tédio tornava-se penoso, até ao mal-estar, até à exaustão! E, achando impossível afastar as suas sombras através de qualquer distracção mundana — sobretudo por entre as terríveis preocupações da capital —, resolvi, para experimentar, afastar-me de Paris, ir apanhar um pouco de natureza, longe,

entregar-me a exercícios violentos, a umas saudáveis caçadas, por exemplo, para tentar uma diversão.

Mal me veio esta ideia, **no próprio instante** em que me decidi por esta linha de conduta, o nome de um velho amigo, esquecido havia anos, o padre Maucombe, passou-me pelo espírito.

— O padre Maucombe!... — disse eu, em voz baixa.

O meu último encontro com o sábio sacerdote datava da altura da sua partida para uma longa peregrinação à Palestina. A notícia do seu regresso chegara-me havia bastante tempo. Morava no humilde presbitério de uma pequena aldeia, na Baixa Bretanha.

Maucombe devia poder dispor de um quarto qualquer, de um cubículo. — Provàvelmente, reunira, no decorrer das suas viagens, alguns volumes antigos sobre as curiosidades do Líbano? As lagoas, junto aos solares vizinhos, serviam de refúgio, era de apostar, aos patos selvagens?... Nada mais oportuno!... E, se eu queria gozar, antes dos primeiros frios, a última quinzena do feérico mês de Outubro nos rochedos encarniçados, se ainda desejava ver resplandecer as longas tardes de Outono sobre as alturas arborizadas, devia apressar-me!

O relógio bateu nove horas.

Levantei-me; sacudi a cinza do meu charuto. Depois, como homem decidido, pus o chapéu, a capa e as luvas; agarrei na mala e na espingarda; apaguei as velas e saí — fechando, cuidadosamente e a três voltas, a velha fechadura de segredo que é o orgulho da minha porta.

Três quartos de hora mais tarde, o comboio da linha da Bretanha levava-me em direcção à pequena aldeia de Saint-Maur, onde o padre Maucombe exercia; tinha até tido tempo, na estação, para mandar uma carta rabiscada à pressa, na qual avisava o meu pai da minha partida.

No dia seguinte de manhã, estava em R***, de que Saint-Maur está aproximadamente distante de duas léguas ([104]).

Desejoso de conquistar uma boa noite (a fim de poder pegar na espingarda no dia seguinte, à alvorada) e, parecendo-me que qualquer sesta poderia alterar a perfeição do meu sono, ocupei o dia, para me manter acordado a despeito da fadiga, com diversas visitas a casa de antigos companheiros de estudos. — Pelas cinco horas da tarde, cumpridas estas obrigações, mandei aparelhar, no Sol de Oiro, onde descera, e, à luz do crepúsculo, encontrei-me à vista de um lugarejo.

Pelo caminho, recordara o padre em casa de quem tencionava demorar-me durante alguns dias. O lapso de tempo decorrido desde o nosso último encontro, as excursões, os acontecimentos intermédios e os hábitos de isolamento deviam ter modificado o seu carácter e a sua pessoa. Ia encontrá-lo com cabelos grisalhos. Porém, eu conhecia a conversação fortificante do douto reitor — e era com esperança que pensava nos serões que íamos passar juntos.

— O padre Maucombe! — não deixava eu de repetir, baixinho. — Excelente ideia!

Ao perguntar onde ele morava aos velhos que levavam a pastar os animais ao longo dos valados, tive de me convencer de que o pároco — como perfeito confessor de um Deus de misericórdia — conquistara a profunda afeição das suas ovelhas e, quando me indicaram exactamente qual o caminho para o presbitério, bastante afastado do aglomerado de casebres e choupanas que constitui a aldeia de Saint-Maur, dirigi-me para esse lado.

Cheguei.

O aspecto campestre daquela casa, as portas-janelas e as suas gelosias verdes, os três degraus de grés, as heras, as clematites e as rosas de chá que se entrelaçavam contra os muros até ao tecto, donde saía, através de um tubo de catavento, uma pequena nuvem de fumo, inspiraram-me ideias de recolhimento, de saúde e de paz profunda. As árvores de um pomar vizinho mostravam, através de um gradeamento de vedações, as suas folhas arruivadas pela enervante estação. As duas janelas do único andar brilhavam sob os

clarões do Ocidente; entre elas fora escavado um nicho onde havia uma imagem de um bem-aventurado (105). Apeei-me silenciosamente; prendi o cavalo ao taipal e levantei a aldraba da porta, deitando uma vista de olhos de viajante ao horizonte, atrás de mim.

Mas, o horizonte brilhava tanto contra as florestas de carvalhos e pinheiros bravos, onde os últimos pássaros esvoaçavam naquele fim de tarde, as águas de uma lagoa coberta de caniços, ao longe, reflectiam de uma forma tão solene o céu, a natureza apresentava-se tão bela, banhada por aqueles ares acalmados, naquele campo deserto, naquele momento em que cai o silêncio, que eu fiquei — sem largar a aldraba suspensa — que eu fiquei mudo.

Ó tu, pensei, que não tens o asilo dos teus sonhos, e para quem a terra de Canaã, com as suas palmeiras e as suas águas vivas, não surge, por entre as auroras, depois de tanto ter caminhado sob rudes estrelas, viajante, tão alegre à partida e agora entristecido (106) — coração feito para outros exílios que não aqueles cuja amargura partilhas com maus irmãos — olha! Aqui, podemos sentar-nos sobre a pedra da melancolia! — Aqui, os sonhos mortos ressuscitam, adiantando-se à altura do túmulo! Se queres sentir o verdadeiro desejo de morrer, aproxima-te: aqui, a vista do céu exalta até ao esquecimento.

Encontrava-me naquele estado de lassitude, em que os nervos sensibilizados vibram à mais pequena excitação. Uma folha caiu junto de mim; o seu rumor furtivo fez-me estremecer. E o mágico horizonte daquela região penetrou nos meus olhos! Sentei-me diante da porta, solitário.

Passados alguns instantes, como a tarde começasse a arrefecer, recuperei o sentido das realidades. Levantei-me ràpidamente e voltei a agarrar na aldraba da porta, olhando para a casa ridente.

Porém, mal lancei novamente sobre ela um olhar distraído, senti-me forçado a estacar mais uma vez, perguntando-me, desta vez, se não estava a ser vítima de uma alucinação.

Aquela casa seria realmente a mesma que eu tinha visto ainda havia pouco? Que antiguidade me denunciavam, **agora**, as longas fendas, entre as folhas pálidas? — Aquela construção tinha um ar estranho; as vidraças, iluminadas pelos raios de agonia da tarde, ardiam num clarão intenso; o portal hospitaleiro, com os seus três degraus, convidavam-me; mas, ao concentrar a minha atenção sobre as lajes cinzentas, vi que acabavam de ser polidas e que os traços das letras nelas gravadas ainda eram visíveis; vi bem que provinham do cemitério vizinho — cujas cruzes negras só agora avistava, de lado, a uma centena de passos. E a casa pareceu-me mudada, de modo a causar arrepios, e os ecos do lúgubre bater da aldraba, que eu tinha deixado cair, na minha surpresa, ressoaram, no interior daquela casa, como um dobre de finados.

Este tipo de **visões**, sendo mais morais do que físicas, apagam-se com rapidez. Sim, estava, sem disso duvidar um único segundo, a ser vítima daquele abatimento intelectual de que falei. Com a pressa de ver um rosto que me ajudasse, pela sua humanidade, a dissipar-lhe a recordação, empurrei o trinco, sem esperar mais. — Entrei.

A porta, movida por um peso de relógio, fechou-se sòzinha, atrás de mim.

Encontrei-me num corredor comprido, no extremo do qual Nanon, a governanta, velha e satisfeita, descia a escada, com uma candeia na mão.

— Senhor Xavier!... — exclamou, muito alegre, ao reconhecer-me.

— Boas-tardes, minha boa Nanon! — respondi, confiando-lhe, à pressa, a mala e a espingarda.

(Tinha-me esquecido da capa no meu quarto, no Sol de Oiro).

Subi. Um minuto mais tarde, apertava nos braços o meu velho amigo.

A afectuosa emoção das primeiras palavras e o sentimento de nostalgia do passado oprimiram-nos durante algum tempo ao padre e a mim. — Nanon veio trazer-nos uma lâmpada e anunciar-nos a ceia.

— Meu caro Maucombe, disse, dando-lhe o braço para descer — a amizade intelectual é algo de eterno e vejo que compartilhamos este sentimento.

— Há espíritos cristãos de um parentesco divino muito próximo, respondeu. — Sim. — O mundo tem crenças menos «razoáveis» pelas quais há partidários que sacrificam o seu sangue, a sua felicidade, o seu dever. São fanáticos!, concluiu, sorrindo. Escolhamos, como fé, a mais útil, pois que somos livres e que nos tornamos a nossa crença.

— Na realidade — respondi — já é bastante misterioso que dois e dois sejam quatro.

Passamos para a sala de jantar. Durante a refeição, o padre, depois de me ter censurado suavemente pelo esquecimento em que o deixara durante tanto tempo, pôs-me ao corrente do espírito da aldeia.

Falou-me da região, contou-me duas ou três anedotas respeitantes aos castelões dos arredores.

Referiu-se aos seus êxitos pessoais na caça e os seus triunfos na pesca: para dizer tudo, foi de uma afabilidade e de uma animação encantadoras.

Nanom, mensageiro rápido, apressava-se, multiplicava-se à nossa volta e a sua enorme touca tinha batimentos de asas.

Como eu estava a enrolar um cigarro, enquanto tomava café, Maucombe, que era um antigo oficial de dragões, imitou-me; aproveitando o facto de o silêncio das primeiras baforadas nos ter surpreendido os pensamentos, pus-me a observar o meu anfitrião atentamente.

Aquele padre era um homem de aproximadamente quarenta e cinco anos, de estatura elevada. Os longos cabelos cinzentos circundavam no seu anel revolto a fisionomia magra e forte. Os olhos brilhavam, iluminados por uma inteligência mística. Os seus traços eram regulares e austeros; o corpo, esbelto, resistia à passagem dos anos: ele sabia usar a sua longa sotaina. A suas palavras, marcadas pela ciência e pela doçura, eram sustentadas por uma voz bem timbrada, saída de excelentes pulmões. Parecia-me, finalmente, gozar

de uma saúde vigorosa: os anos muito pouco o tinham atingido.

Fez-me ir até à sua pequena sala-biblioteca.

A falta de sono, em viagem, predispõe ao estremecimento; a noite estava de um frio vivaz, prenunciador do Inverno. Por conseguinte, quando o feixe de pernadas começou a arder diante dos meus joelhos, entre dois ou três toros, senti um certo conforto.

Os pés de encontro às grades da chaminé e recostados nas duas poltronas de couro acastanhado, falamos naturalmente de Deus.

Eu estava cansado: ouvia, sem responder.

— Para concluir — disse Maucombe, levantando-se — estamos aqui para testemunhar — pelas nossas obras, pelos nossos pensamentos, pelas nossas palavras e pela nossa luta contra a Natureza — para testemunhar **se pesamos o peso.**

E terminou com uma citação de Joseph de Maistre: «Entre o Homem e Deus, não há senão o orgulho.»

— Apesar disso — disse-lhe eu — temos a honra de existir (nós, filhos mimados por essa Natureza) num século de luzes?

— Prefiramos-lhe a Luz dos séculos ([107]) — respondeu, sorrindo.

Tínhamos chegado ao patamar, com as velas na mão.

Um longo corredor, paralelo ao do andar inferior, separava do quarto do meu anfitrião daquele que me estava destinado: — ele insistiu em ser ele próprio a instalar-me. Entrámos; verificou se não faltava nada e, quando, próximos nos dávamos as mãos e as boas noites, um reflexo mais vivo da minha vela incidiu sobre o seu rosto. — Dessa vez, estremeci!

Era um agonizante que se mantinha de pé, ali, ao pé da cama? O rosto que tinha à minha frente não era, não podia ser, o da ceia! Ou, pelo menos, se o reconhecia vagamente, parecia-me que não o vira, na realidade, a não ser naquele momento. Uma única reflexão fará com que me compreendam: o padre dava-me, humanamente, a **segunda** sensação que, por qualquer

obscura correspondência, era igual àquela que a sua casa me fizera experimentar.

A cabeça que eu contemplava era grave, muito pálida, de uma palidez de morte, e as pálpebras estavam baixas. Teria esquecido a minha presença? Rezava? Porque se mantinha ele naquela atitude? — A sua pessoa tinha-se revestido de uma solenidade tão repentina que eu fechei os olhos. Quando os reabri, passado um segundo, o bom padre continuava ali — mas, agora, reconhecia-o! — Ainda bem! O seu sorriso amigável dissipava em mim todas as inquietações. A impressão não durara o tempo de formular uma pergunta. Tinha sido um espanto, uma espécie de alucinação.

Maucombe desejou-me, pela segunda vez, uma boa noite e retirou-se.

Uma vez só, pensei: «Um sono profundo, é o que eu preciso.»

Imediatamente, pensei na Morte; elevei a minha alma até Deus e fui para a cama.

Um das singularidades da fadiga extrema é a impossibilidade de um sono imediato. Todos os caçadores já sentiram isto. É notório.

Esperava adormecer depressa e profundamente. Fundamentara grandes esperanças numa boa noite. Mas, passados dez minutos, fui forçado a reconhecer que aquela perturbação nervosa não se decidia a deixar-se adormecer. Ouvia tique-taques, breves estalidos da madeira e das paredes. Indubitàvelmente, relógios-de-morte ([108]). A cada um destes ruídos imperceptíveis da noite respondia, em todo o meu ser, um choque eléctrico.

Os ramos negros entrechocavam-se, impulsionados pelo vento, no jardim. A cada instante, troços de hera batiam na vidraça. Tinha, sobretudo, o sentido do ouvido de uma acuidade semelhante à das pessoas que morrem de fome.

— Bebi duas chávenas de café — pensei. — É isso.

E, encostando-me ao travesseiro, pus-me a olhar, obstinadamente, a luz da vela, sobre a mesa, ao pé de mim. Olhei-a fixamente, por entre as pálpebras, com

aquela atenção intensa que dá ao olhar a absoluta distracção do pensamento.

Uma pequena pia de água benta, em porcelana colorida, com o seu ramo de buxo, estava suspensa à minha cabeceira. Molhei, sùbitamente, as pálpebras com água benta para as refrescar. A seguir, apaguei a vela e fechei os olhos. O sono aproximava-se: a febre acalmava.

Ia adormecer.

Três breves pancadas secas, imperiosas, foram batidas à minha porta.

— O quê? — disse para comigo, em sobressalto.

Então, apercebi-me de que o meu primeiro sono começara. Ignorava onde estava. Julgava-me em Paris. Certos repousos provocam esta espécie de esquecimentos visíveis. Tendo até, quase imediatamente, perdido de vista a causa principal do meu despertar, espreguicei-me voluptuosamente, numa completa inconsciência da situação.

— A propósito — reflecti de repente: — bateram? — Mas que visita pode...?

Nesta altura da minha frase, uma noção confusa e obscura de que já não estava em Paris, mas num presbitério da Bretanha, em casa do padre Maucombe, veio-me ao espírito.

Num esfregar de olhos, estava no centro do quarto.

A minha primeira impressão, simultâneamente com a de frio nos pés, foi a de uma luz forte. A lua cheia brilhava, diante da janela, por cima da igreja, e, através das cortinas brancas, recortava o seu ângulo de chama deserta e pálida sobre o soalho.

Já devia ser meia-noite.

As minhas ideias eram mórbidas. Que havia, então? A sombra era extraordinária.

Ao aproximar-me da porta, uma chama de carbúnculo, entrada pelo buraco da fechadura, veio vaguear pela minha mão e pelo meu pulso.

Estava alguém atrás da porta: tinham realmente batido.

Todavia, a dois passos do trinco, estaquei de repente.

Uma coisa me parecia surpreendente: a **natureza** da mancha que percorria a minha mão. Era um clarão gelado, sangrento, que não iluminava. — Por outro lado, como é que podia ser, se eu não via qualquer linha de luz por debaixo da porta, no corredor? — Mas, na verdade, aquilo que saía assim do buraco da fechadura causava-me a impressão de um olhar fosfórico de um mocho!

Naquele momento, lá fora, na igreja, soaram as horas contra o vento nocturno.

— Quem está aí? — perguntei em voz baixa.

O clarão apagou-se: eu ia aproximar-me...

Mas a porta abriu-se, largamente, lentamente, silenciosamente.

Diante de mim, no corredor, estava, de pé, uma forma alta e negra — um padre, com o tricórnio na cabeça. A lua iluminava-o por inteiro, exceptuando o rosto: eu só via a chama das suas duas pupilas que me observavam com uma fixidez solene.

O sopro do outro mundo envolvia aquele visitante, a sua atitude oprimia-me a alma. Paralisado por um terror que, instantâneamente, cresceu até ao paroxismo, eu contemplava a desoladora personagem, em silêncio.

De repente, o padre ergueu o braço, lentamente na minha direcção. Apresentava-me uma coisa pesada e vaga. Era uma capa. Uma grande capa negra, uma capa de viagem. Estendia-ma, como se quisesse oferecer-ma!...

Fechei os olhos para não ver aquilo. Oh! Não queria ver aquilo! Mas um pássaro nocturno, com um grito horroroso, passou entre nós, e o vento das suas asas, aflorando-me as pálpebras, forçou-me a abri-las. Senti que esvoaçava pelo quarto.

Então — com um estertor de angústia, porque as forças me traíam para gritar — empurrei a porta do quarto com as duas mãos crispadas e estendidas e dei uma violenta volta à chave, frenético e de cabelos hirtos!

Coisa singular, pareceu-me que tudo aquilo não provocara nenhum ruído.

Era mais do que o que o organismo podia suportar. Acordei. Estava sentado, na cama, com os braços estendidos para a frente; estava gelado; tinha a testa alagada em suor; o coração batia sombria e fortemente de encontro ao peito.

— Ah! — disse para comigo mesmo. — Que sonho horrível!

Contudo, a minha inultrapassável ansiedade subsistia. Precisei de mais de um minuto, antes de conseguir mexer o braço para procurar fósforos: temia sentir, na escuridão, uma mão fria a agarrar a minha e a apertá-la amigàvelmente.

Tive um gesto nervoso ao ouvir o ruído dos fósforos sob os meus dedos, contra o ferro do castiçal! Voltei a acender a vela.

Instantâneamente, senti-me melhor; a luz, essa vibração divina, modifica os ambientes fúnebres e consola dos terrores doentios.

Resolvi beber um copo de água fria para me recompor completamente e desci da cama.

Ao passar diante da janela, reparei numa coisa: a lua estava exactamente igual à do meu sonho, embora não a tivesse visto antes de me deitar; e, quando fui, com a vela na mão, examinar a fechadura, verifiquei que fora dada **por dentro** uma volta à chave, coisa que eu não tinha feito, de modo algum, antes de adormecer.

Perante tais descobertas, lancei um olhar à minha volta. Começava a achar que a coisa se revestia de características bastante insólitas. Voltei a deitar-me, recostei-me, procurei raciocinar, provar-me que tudo aquilo não passava de um acesso de sonambulismo muito lúcido, mas cada vez me sentia menos seguro. Todavia, a fadiga apanhou-me como uma onda, embalou os meus negros pensamentos e adormeceu-me bruscamente na minha angústia.

Quando despertei, um belo sol brincava no quarto. Era uma manhã feliz. O meu relógio, pendurado à cabeceira da cama, marcava dez horas. Ora, haverá

alguma coisa melhor para nos reconfortar do que um belo dia de sol?! Especialmente, quando se sente o que nos rodeia aromatizado e o campo cheio de um vento fresco nas árvores, a espessura frondosa, os valados cobertos de flores e ainda húmidos da aurora!

Vesti-me à pressa, totalmente esquecido do sombrio início da minha noitada.

Completamente reanimado por repetidas abluções de água fresca, desci.

O padre Maucombe estava na sala de jantar: sentado, a mesa já posta, lia o jornal, enquanto me esperava.

Apertamo-nos as mãos.

— Passou uma boa noite, meu caro Xavier? — perguntou.

— Excelente! — respondi, distraìdamente (por hábito e sem prestar a mínima atenção ao que dizia).

A verdade é que estava cheio de apetite: eis tudo.

Durante a refeição, a conversa foi, simultâneamente recolhida e alegre: só o homem que vive com santidade conhece a alegria e sabe comunicá-la.

Sùbitamente, lembrei-me do meu sonho.

—A propósito — exclamei — meu caro abade, lembro-me agora de que tive esta noite um sonho singular — e de uma certa estranheza... como poderei exprimir isto? Vejamos... surpreendente?, espantoso?, aterrador? — Como queira! Oiça e decida.

E, enquanto descascava uma maçã, comecei a contar-lhe, com todos os pormenores, a sombria alucinação que perturbara o meu primeiro sono.

No momento em que chegava ao **gesto** do padre, oferecendo-me a capa, e **antes que tivesse terminado a frase**, a porta da sala abriu-se. Nanon, com a familiaridade característica das governantas dos párocos, entrou, sob o raiar do sol, a meio da conversa e, interrompendo-me, estendeu-me um papel:

— Aqui está uma carta «muito urgente» que o carteiro acaba de trazer, neste instante, para o senhor! — disse.

— Uma carta! — Já! — exclamei, **esquecendo a minha história.** — É do meu pai. Mas como? — Meu caro padre, dá-me licença que leia, não dá?

— Com certeza! — disse o padre Maucombe, perdendo igualmente de vista a história e partilhando, magnèticamente, o interesse que eu tomava pela carta — Com certeza!

Abri.

Assim, o incidente com Nanon desviara a nossa atenção, pelo inesperado.

— Cá está — disse eu — uma viva contrariedade, meu hospedeiro: mal cheguei, e vejo-me obrigado a partir.

— O quê? — perguntou o padre Maucombe, poisando a chávena, sem beber.

— Escreveram-me para que volte a toda a pressa, por causa de um assunto, de um processo da mais grave importância. Esperava que fosse julgado apenas em Dezembro: ora, avisam-me de que será julgado esta quinzena e, como só eu estou em condições de pôr em ordem os últimos pormenores que nos deverão fazer ganhar a causa, é preciso que eu vá!... Oh, que aborrecimento!

— Realmente, é pena! — disse o padre. — Muita pena mesmo!... Pelo menos prometa-me que, logo que isso acabe... O assunto mais importante é a salvação: esperava poder ser útil para a sua — e eis que me vai fugir! Já pensava que Deus o tinha enviado...

— Meu caro padre — exclamei — deixo-lhe a minha espingarda. Antes de três semanas estarei de volta e, dessa vez, por algumas semanas, se assim o quiser...

— Vá então em paz — disse o padre Maucombe.

— Bem! É que se trata de quase toda a minha fortuna! — murmurei.

— A fortuna é Deus — disse simplesmente Maucombe.

— E amanhã, como viveria eu, se...

— Amanhã, já não se vive — respondeu.

Passado pouco tempo, levantamo-nos da mesa, um pouco consolados pela promessa formal do regresso.

Fomos passear pelo pomar, visitar as dependências do presbitério.

Durante todo o dia, o padre mostrou-me, não sem uma certa dose de complacência, os seus pobres tesouros campestres. Depois, enquanto lia o breviário, caminhei, sòzinho, pelas cercanias, respirando o ar puro com delícia. Ao regressar, Maucombe alargou-se um pouco sobre a sua viagem à terra santa; tudo isto, durou até ao pôr-do-sol.

Chegou a noite. Depois de uma ceia frugal, eu disse ao padre Maucombe:

— Meu amigo, o **rápido** parte às nove horas em ponto. Daqui até R*** tenho bem uma hora e meia de caminho. Preciso de mais meia hora para pagar na hospedaria e restituir o cavalo; total, duas horas. São sete: vou deixá-lo já.

— Acompanho-o um pouco — disse o padre: — **este passeio ser-me-á salutar.**

— A propósito — respondi-lhe, preocupado — aqui está o endereço do meu pai (onde moro em Paris), se tivermos que nos escrever.

Nanon pegou no cartão e entalou-o na moldura.

Três minutos depois, o padre e eu abandonávamos o presbitério e avançámos pela estrada principal. Eu levava o cavalo pela rédea, como necessário.

Éramos já duas sombras.

Cinco minutos depois da nossa partida, um chuvisco penetrante, uma chuva miudinha, fina e muito fria, trazida por um terrível golpe de vento, começou a bater nas nossas mãos e nos nossos rostos.

Estaquei:

— Meu velho amigo — disse ao padre — não! Decididamente não admitirei isso. A sua existência é preciosa e esta vaga glacial é doentia. Volte para casa. Esta chuva, repito, pode molhá-lo com perigo. Volte, peço-lhe.

O padre, ao fim de uns instantes, pensando nos seus fiéis, rendeu-se aos meus argumentos.

— Levo uma promessa, meu caro amigo? — perguntou.

E, como eu lhe estendesse a mão:

— Um momento! — acrescentou. — Estou a lembrar-me de que tem muito caminho a andar e este chuvisco é, de facto, penetrante!

Estremeceu. Estávamos próximos um do outro, imóveis, olhando-nos fixamente como dois viajantes apressados.

Naquela altura, a lua ergueu-se sobre os abetos, por detrás das colinas, iluminando as charnecas e os bosques no horizonte. Envolveu-nos espontâneamente com a sua luz tépida e pálida, com a sua chama deserta e pálida. As nossas silhuetas e a do cavalo desenharam-se, enormes, sobre o caminho. — E, vindo do lado das velhas cruzes de pedra, lá ao longe — do lado das velhas cruzes em ruínas que se erguem naquela região da Bretanha, nos cruzeiros (109) onde poisam as aves funestas vindas do bosque dos Agonizantes — ouvi, ao longe, um **grito** horroroso, o ácido e alarmante falsete da gralha. Uma coruja de olhar fosfórico cujo clarão tremia no ramo maior de uma árvore, levantou voo e passou por nós, prolongando aquele grito.

— Vamos! — prosseguiu o padre Maucombe. — Eu, dentro de minutos estarei em minha casa; portanto, **tome, tome esta capa!** — Faço muito empenho nisso!... muito! — acrescentou num tom inesquecível. Restituir-ma-á através do criado da hospedaria, que vem à aldeia todos os dias... **Peço-lhe.**

Ao pronunciar estas palavras, o abade estendia-me a sua capa negra. — Eu não lhe via o rosto, por causa da sombra projectada pelo grande tricórnio; mas distinguia-lhe os olhos, **que me observavam com uma solene fixidez.**

Lançou-me a capa sobre os ombros, abotoou-ma, com um ar terno e inquieto, enquanto eu, sem forças, cerrava os olhos. E, aproveitando o meu silêncio, dirigiu-se apressadamente para o seu domicílio. Na curva da estrada, desapareceu.

Com uns restos de presença de espírito — e também um pouco maquinalmente — saltei para cima do cavalo. Depois, fiquei imóvel.

Estava agora só, na grande estrada. Ouvia os milhares de ruídos do campo. Ao reabrir os olhos, vi o imenso céu lívido sobre o qual deslizavam nuvens preguiçosas, ocultando a lua — a natureza solitária. Todavia, mantive-me erecto e firme, apesar de estar branco como um sudário.

— Ora! — disse para comigo. — Calma! — Tenho febre e estou sonâmbulo. É o que é.

Esforcei-me por encolher os ombros: um peso secreto impediu-me de o fazer.

E eis que, vindo do fundo do horizonte, do fundo daqueles bosques ignorados, um bando de gaivotas, com grande rumor de asas, passou, gritando horríveis sílabas desconhecidas, por cima da minha cabeça. Foram abater-se sobre o telhado do presbitério e sobre o campanário, na distância; e o vento trouxe-me tristes clamores. Na verdade, tive medo. Porquê? Quem mo explicará alguma vez? Vi o fogo, toquei com a minha várias espadas, os meus nervos estão mais batidos, talvez, do que os dos mais fleumáticos e experimentados: contudo, afirmo humildemente que tive medo — e a sério. Concebi mesmo, para mim próprio, um valor comparativo de ordem intelectual. Não tem medo destas coisas quem quer.

Então, em silêncio, ensanguentei os flancos do pobre cavalo e, de olhos fechados, as rédeas lassas, os dedos crispados sobre as crinas, a capa flutuando nas minhas costas, senti que o galope do meu animal era tão violento quanto possível; corria rente ao solo: de quando em quando, as minhas surdas ameaças, murmuradas ao seu ouvido, comunicavam-lhe certamente, instintivamente, o horror supersticioso devido ao qual eu tremia contra vontade. Chegámos, assim, em menos de meia--hora. O ruído da calçada dos arredores fez-me levantar a cabeça — e respirar.

— Finalmente! via casas! lojas iluminadas! as figuras dos meus semelhantes atrás das vidraças! Via transeuntes!... Tinha saído do país dos pesadelos.

Na hospedaria, instalei-me diante do bom fogo. A conversa dos correteiros atirou-me para um estado

próximo do êxtase. Tinha saído da Morte. Olhava as chamas, entre os meus dedos. Sorvi um copo de rum. Retomava, finalmente, o domínio das minhas faculdades.

Sentia-me de regresso à vida real.

Estava mesmo — digamos — um tanto envergonhado do meu pânico.

Como me senti bem mais tranquilo, quando cumpri o recado do padre Maucombe! Com que sorriso mundano examinei a capa negra, ao entregá-la ao dono da hospedaria! A alucinação dissipara-se. Ter-me-ia comportado, de boa vontade, como diz Rabelais, tal como um «bom companheiro».

A capa em questão não me pareceu oferecer nada de extraordinário, nem sequer de particular — era apenas muito velha, coçada até, cosida, remendada com uma espécie de ternura bizarra. Uma profunda caridade, provàvelmente, levava o padre Maucombe a dar em esmolas o preço de uma capa nova: pelo menos, foi desta maneira que expliquei a mim próprio o facto.

— Vem a propósito! — disse o dono da estalagem — o rapaz tem que ir, daqui a pouco, até à aldeia: está quase a partir. De passagem, restituirá a capa ao padre Maucombe, antes das dez horas.

Uma hora mais tarde, na carruagem, com os pés colados à botija, envolto na minha capa recuperada, dizia para comigo, acendendo um bom charuto e ouvindo o apito da locomotiva:

— Decididamente, gosto ainda mais deste grito que do dos mochos.

Lamentava um pouco, devo confessar, ter prometido voltar.

Finalmente, adormeci num sono reparador, esquecendo por completo aquilo que, daí em diante, eu deveria encarar como uma insignificante coincidência.

Tive que me demorar seis dias em Chartres, para reunir os documentos que, mais tarde, trouxeram uma conclusão favorável ao nosso processo.

Enfim, com o espírito obsecado por ideias de papeladas e chicanices — e abatido pelo meu doentio abor-

recimento — regressei a Paris, exactamente na noite do sétimo dia após a minha partida do presbitério.

Fui directamente para casa, cerca das nove horas. Subi. Encontrei o meu pai no salão. Estava sentado, junto a uma mesinha, iluminada por uma lâmpada. Tinha uma carta aberta na mão.

Após algumas palavras, disse:

— Não sabes, estou certo, que notícia me traz esta carta. O nosso bom velho Maucombe morreu depois da tua partida.

Ao ouvir estas palavras, senti uma forte comoção.

— O quê? — respondi.

— Sim, morreu — anteontem, cerca da meia-noite — — três dias depois da tua partida do presbitério — com um resfriamento apanhado na estrada. Esta carta é da velha Nanon. A pobre mulher parece ter a cabeça tão perdida que até repete por duas vezes a mesma frase... singular... a propósito de uma capa... Lê tu mesmo!

Estendeu-me a carta em que a morte do santo sacerdote nos era anunciada, de facto — e onde li estas linhas simples:

— «Ele sentia-se muito feliz — dizia ele nas palavras derradeiras — por estar envolvido, no seu último suspiro, e ser enterrado com a capa que trouxera da sua peregrinação à terra santa, **e que tocara O TÚMULO.**» (110).

O ANUNCIADOR (111)

Ao Senhor Marquês de Salisbury (112).

> Habal, habalim, vêk hol habal! (113)
> Schelomo.
>
> **Ohéleth.**

No topo das torres tutelares da cidade de Jebus (114) vigiam os guerreiros de Judá, com os olhos fixos nas colinas.

Aos pés das muralhas estendem-se, interiormente, as construções asmoneanas, as grutas reais, os vinhedos pejados de colmeias, as terras de suplício, o bairro dos necromantes, as avenidas desiguais que conduzem a Ir-David.

É noite.

Confinando com as fossas de animais ferozes, os cenáculos de justiça, construídos sob o reinado de Schauol (115), surgem, brancos e quadrados, nos ângulos dos caminhos, como sepúlcros.

Próximo dos canais de Siloe, o espelho das piscinas probáticas reflecte as hospedarias chãs com pátios plantados de figueiras: esperam as caravanas de Elamm (116) e da Fenícia.

Do lado do oriente, sob as áleas de sicómoros, ficam as residências dos príncipes da Judeia — nas extremidades das estradas centrais, copas de palmeiras agitam as suas largas folhas por cima das cisternas, os bebedouros dos elefantes.

Do lado do Hebron, entrada daqueles que vêm do Jordão, fumegam as chaminés de tijolos dos armeiros, dos fabricantes de perfumes e dos ourives. — Mais adiante, as habitações com cinturas de vinha, casas natais de ricos de Israel, sobrepõem os seus terraços,

os seus banhos contíguos a frescos pomares. Do lado do setentrião estende-se o bairro dos tecelões, onde os dromedários, montados pelos mercadores da Ásia, e carregados de rolos de cetim, de púrpura e de linho fino, vêm dobrar, maquinalmente, os joelhos.

Aí, vivem os mercadores estrangeiros que acompanharam os ídolos. Arrastam e conservam a moleza das povoações de Magdala, de Naim, de Schumen e apropriam-se do sul da cidade.

Vendem os vinhos espessos e doirados, os escravos hábeis na arte do adorno, o amargo licor das mandrágoras do Carmelo para as ilusões do desejo, os cofres de madeira de cânfora para arrumar os presentes, os bálsamos de Guilëad, os macacos, espanto de Israel e divertimento das suas virgens, importados das margens do Indo pelas frotas de Tadmor — as especiarias subtis, as vidrarias de Akkô, os objectos de sândalo trabalhado, as cativas, as pérolas, as essências de flores para os banhos, o bedollah para embalsamar os mortos, os cremes de pedras esmagadas para polir a pele, os legumes raros, os sombrios cavalos de raça iraniana, os cintos bordados com sentenças profanas, as aves da Ásia com plumagens de safira, as serpentes de luxo completamente enfeitiçadas, vindas de Suse, os leitos de prazer, e os grandes espelhos de metal enquadrados em ramos de ébano.

Para lá das fortificações, cercada de túmulos e valas, muito acima do circuito de Jair ou das Iluminações, estende-se, imensa, a cidade de David. Mil e duzentos carros de guerra guardam as suas doze portas. Jerusalém, sob as sombras do céu, ilumina os milhares de arcos dos seus aquedutos, entrecruza as suas ruas circulares, eleva até às nuvens as abóbadas de bronze dos seus edifícios.

Nas praças públicas brilha o avermelhado dos capacetes da milícia da noite. Aqui e além, fogos, ainda acesos, assinalam albergues das caravanas, alojamentos de pitonisas, mercados de escravos. Depois, tudo se perde na obscuridão. E o sopro sagrado dos profetas,

passa, arrastado pelo vento, através das ruínas dos muros cananeus.

Assim está, adormecida, sob a solenidade dos séculos, no rumorejar próximo das torrentes, a cidadela de Deus, Sião a Predestinada.

*

* *

No horizonte, sobre as colinas de Millô, inteiramente envolvido por uma bruma luminosa, um estranho palácio sobrepõe os seus jardins suspensos, as suas galerias, as suas câmaras sacerdotais com vigamentos de madeiras preciosas, os seus pavilhões cercados de olivais, as suas coudelarias de basalto com terrenos cultivados para a criação dos garanhões de guerra, as suas torres com cúpulas de cobre. Recorta-se confusamente acima dos vales da Betsaida, sob o silêncio estrelado.

Ali, é noite de festa! Os escravos da Etiópia, esbeltos nas suas túnicas de prata, balançam turíbulos nos degraus de mármore que conduzem dos jardins de Etham ao cimo do cercado: os eunucos transportam ânforas e rosas; os mudos, através das árvores, avivam carvões acesos para os altares de perfumes.

Contra os arcos dos vestíbulos, anões cor de açafrão, os gamaddim, esvoaçando nas suas vestes amarelas, erguem, por momentos, os cortinados antigos.

Então, os trezentos escudos de oiro, pregados aos cedros entre os machados medianitas, reflectem as luzes bruscas das lâmpadas surgidas, as maravilhas, as claridades!

Nas esplanadas, próximo dos pórticos, cavaleiros com lanças de fogo, guerreiros nómadas das praias do mar Morto, contêm os seus pesados cavalos gomorreus, com arneses de pedras preciosas, que se empinam, poderosamente entre as faíscas!...

Acima deles, à altura da folhagem exterior, a misteriosa Sala dos Encantamentos, obra dos Caldeus, a Sala onde mil estátuas de jaspe fazem arder uma floresta de tochas de aloés, a alta Sala dos festins, com

colunatas místicas, exposta a todos os ventos do espaço, prolonga no meio do céu, a vertigem das suas profundezas triangulares: os dois lados do ângulo inicial abrem-se, frente ao Moria, sobre a cidade mergulhada na sombra do Templo, tiara luminosa do Sião.

*
* *

No fundo da Sala, sobre um assento de cipreste apoiado nas pontas das asas recurvas de quatro querubins de oiro, o rei Salomão perdido em devaneios sublimes, parece escutar os cânticos longínquos dos levitas, As Nebiim, no monte do Escândalo, exaltam os versículos do Sépher, que descrevem a criação do mundo.

Sobre a mitra do Rei, separando as fitas da justiça, resplandece a Estrela-de-seis-pontas, signo de poder e de luz. O Eclesiasta, usa o racional, sobre a sua túnica de bisso, porque pode oferecer os holocautos expiatórios, o éphod, porque é ele o Pontífice, e sobre os seus pés pacíficos cruza-se o entrançado de bronze das sandálias de batalha, porque ele é o Guerreiro.

Celebra o Aniversário pascal, em memória de seus pais, guiados por Moisés ao sair de Misraim, a Casa da servidão; o aniversário da grande noite em que, desafiando os carros furiosos e os exércitos, fugiram para a terra prometida; ao aniversário do sinistro levantar da lua em que IAHVÉ, o Ser-dos-deuses, confundiu, por entre as ondas do mar Vermelho, o cavalo e o cavaleiro.

Sim, o Rei consagra o festim da noite!... A sua dextra apoia-se no ombro secular do mediador Helcias, intérprete dos símbolos, o ministro dos poderes ocultos.

Helcias, filho de Schellum e de Holda, a profetisa ([117]), é semelhante ao deserto, mais estéril ainda depois da queda do maná. Passou as provas e abençoou-as como a árvore do Líbano que perfuma o machado que a atinge; mas tem, sobre as suas largas

órbitas, a marca da obra realizada: o tempo desnudou-lhe as sobrancelhas, as sobrancelhas concedidas ao Homem apenas para que o suor que deve correr da sua testa não deslize até aos olhos e não o cegue.

*
* *

A água lustral cai, resplandecente, nas bacias de oiro. As reais cativas, carregadas de anéis e de pulseiras de âmbar, e as saras, princesas de perfumes ajoelhadas no meio das almofadas, queimam, com gestos sabáticos, os pós de mirra e de sândalo vermelho, os aromas árabes, os grãos de incenso másculo, em defumadores esmaltados com pedras de Tharsis.

De cada lado do trono, os Sars-de-exércitos, pensando sempre na glória de David, vêem, por instantes, à sua volta, os herrebes dos antigos de Israel que, durante as batalhas, carregavam a arca do Sabaoth — a Barca-de-Aliança ([118]), onde se entrecruzam as duas tábuas da Lei sob o rolo da Tora escrito pela própria mão de Bar-Ikobed, o condutor sublime, o Libertador.

Em volta do estrado, os negros, vestidos de escarlate, fazem oscilar os leques de avestruz, incrustados por sardónicas nos cabos de compridas canas de oiro; invocam, baixinho, o seu deus Baal-Zéboud, o Senhor das Moscas.

Sobre os degraus, linces ferozes, saltando presos às suas correntes, vigiam o pesado tripé de ónix, obra de Adoniram e dos seus cinzeladores, onde repousa o espectro do Oriente. Ninguém conseguiria seduzir com carícias, nem subjugar com ofertas, os cães misteriosos do Rei.

Entre as estátuas laterais, sob os candelabros de sete braços, as flores e os frutos do Hermon derramam-se nos pórfiros. A mesa, carregada com os presentes da rainha Makedeia, a feiticeira vinda da sábia Líbia para propor similitudes ao rei da Judeia, dobra-se

ao peso das taças preciosas, dos **pannags** da Samaria, das ervas amargas, das gazelas, dos pavões, das cidras, dos pães de proposição, das aves e das ânforas de vinhos de Canaã.

Num banco de cedro, aos pés dos querubins luminosos do Trono e rodeado pelos seus rudes guibborim, está sentado, curvado, pálido e sem beber, com a espada sobre os joelhos, o Sar dos guardas Ben-Jehu. É o antigo executor do rebelde Adonia, esse irmão do Mestre, favorito de Abischag a Salumita — é o grande servidor militar, o assassino de Ebyathar e do Sar Simeil e de Joab, o velho Pontífice! — É o herrebe vivo do Rei, aquele que abate as vítimas designadas, mesmo suspensas, de mãos suplicantes, nos cantos do Altar.

Junto dele, de pé, a fronte iluminada pela tocha de uma estátua, mantém-se mudo, com as mãos crispadas, nos braços e como que esperando qualquer momento obscuro, o herdeiro de Israel, o impolítico filho de Naema, a princesa amonita, o funesto Roboão, que não deve reinar senão em Judá.

Ao longe, sobre os tapetes do trono, estão estendidas duas virgens de Millô muito jovens, duas schochanas, destinadas aos incensos nas criptas subterrâneas do Templo diante da Pedra fundamental, a Ebën-Schëtiya, que não tocaram as águas do Dilúvio. Entre elas está sentado, vestido de púrpura negra florida a oiro, o príncipe Hayem, adolescente cor de azeitona, o baalkida de cabelos entrançados, o enigmático rebento que a rainha do Sul, logo após o seu regresso à Líbia, enviara ao belo Sábio, senhor dos Hebreus, acompanhando este filho de um séquito de elefantes carregados de arbustos, de fazendas, de essências, de perfumes, e de pedras brilhantes. Hayem, em voz muito grave, entoa um canto desconhecido! E quando as sílabas descobrem, entre os seus lábios vermelhos, os dentes, estes são inteiramente semelhantes aos da pálida esposa do Sir-Hasirim, brancos como ovelhas ao sair do banho.

À volta da mesa mantém-se de pé, comendo como

os peregrinos, a brilhante assembleia dos Sophetim, patriarcas da Sabedoria.

Atrás deles fulguram os Industriais do oiro de Ophir, os Negociantes das Vinte-cidades de Schabul, os Embaixadores da descontente Idumeia — os enviados de Zour e o Colégio dos doutores de Saddoc.

Todas as tribos, todas as montanhas de Israel entregaram as suas riquezas. As granadas do monte Sanir, os bolos de uvas de Chipre, os bagos de ligustro de Galaad, as tâmaras e as mandrágoras de En-gaddi extravazam dos gomis.

Lá em baixo, junto à estacaria deste terraço até onde sobem as folhagens de Etham — no meio de um grupo de guerreiros do país de Ezion-Guéber, com os quais ele bebe, rindo, o vinho de Hebron — um esbelto jovem com armadura de couro perfumado, com um rosto de mulher e vestido de Sar-das-cavalarias, fala, estendendo a mão para o horizonte. É o favorito do palácio de Millô — aquele que no futuro dividirá o reino de Deus, o súbtil Iarobeam que deve reinar sobre Israel e que desde já se informa, sem se deixar distrair pela festa, sobre as fronteiras de Ephraim.

Mas, eis que as Intérpretes dos Cantos proibidos, perjuras do amor, invioladas como o lírio dos seus seios, avançam, pálidas sob as pedrarias, ao som dos quinores, dos tamborins e dos címbalos. Sùbitamente cessam os cânticos das cantoras da tribo de Issadar e os acordes das harpas.

Enfeitadas com tecidos escuros e com o diadema de pérolas na testa, as Mulheres-de-segunda-casta recostam-se, em atitudes abandonadas, nos leitos de púrpura — e quando aspiram os saquinhos de besham, tocam as campainhas de prata que ornam a fanja dos seus síndonos.

Ao longe, as Feiticeiras — neftalianas — de tranças ruivas, as virgens da Palestina, as Hebreias, brancas como os narcisos de Scharons, as cortesãs sagradas vindas da Babilónia, nadadoras doiradas do Eufrates, as Salamitas, mais morenas que as tendas do Cedar, as Tebaidas, de traços soltos, com o tom de pele aver-

melhado e escuro — outrora sequazes da esposa morta do rei Mago, da filha de Psousenés, o faraó — por fim as Idumeias, jovens de delícias, flores vivas da região selvagem das brumas irisadas em que mal pode penetrar, à noite, a luz das estrelas, dançam, em número de três mil, agitando véus tírios, herrebim, répteis e guirlandas, perante o Eleito magnífico da Judeia, o Construtor do Senhor.

*

* *

Mas o terceiro lado da Sala dá para a Noite. Mergulha na treva as suas esplanadas desertas por cima das regiões de Josephat.

E eis que o ombro do Mediador estremeceu sob a mão do Rei, pois as sombras da plataforma solitária estão a tornar-se de momento a momento, cada vez mais solenes: adensam-se e movem-se como que sob a acção de um repentino prodígio.

Ao ver o aspecto dos turbilhões percursores dos espantos, o Grande Ministro desvia o seu rosto de mármore em direcção às mulheres aterrorizadas e aos guerreiros pálidos; e exclama:

— Sacerdotes, reavivai a chama septanária dos Candelabros de oiro! Que se acendam os Sete-Candelabros dos esconjuros fúnebres! — Vapores fúteis, agora, vão surgir; dissipar-se-ão por si mesmos se não forem interrogados. Que as nuvens dos vossos turíbulos, ó filhas da Judeia, vos evitem as obsessões inquietas dos Espíritos do eterno Limite! Exultai, antes que a Hora vos chame ao seio da terra.

Disse. E a festa retoma a sua alegria: desafiam-se os sortilégios da Assíria! Teriam os seus magos negros conseguido libertar, antes da hora, Nebou-Kudurri-Ousour, seu rei — seu rei visionário de baalim de oiro com pés de barro — que, marcado pela reprovação de

ELOHIM, errou, sete anos, sob o pelo bestial, longe da sua opulência, através das florestas diluvianas que encerram o imenso Scheunaar-dos-quatro-rios? — As danças de Maha-Naim agitam as suas palmas floridas, as taças cintilam; as Neftalianas entrelaçam os clarões das suas azagaias reunidas, fazem assobiar os seus colares de serpentes; as tochas lançam reflexos de sangue sobre as cabeleiras; gritos de amor, hinos idólatras ressoam em direcção ao Pacífico!... Sùbitamente, em memória de Jericó, os Capitães dos cavaleiros de Sodoma fazem soar sete vezes as suas tubas de ferro, e os Rhoims coroados de hissopo, os Cohenes da soberana-Sacrificação, em longos trajos brancos, aparecem, precedendo, o Cordeiro-pascal.

Então, o fogo da embriaguez invade a multidão resplandescente! Amaldiçoa-se o nome da horrível estátua que, batida pelo sol, chamava, para os trabalhos dos Faraós, os antepassados — quando, cedendo à ameaça, sempre erguida sobre eles, das canas ardentes que devoraram o bastão do Salvo-das-águas, se resignavam a escavar, no granito rosa das pirâmides, apesar da proibição do Levítico! — os simulacros de íbis, das crioesfinges, das fénix e dos licórnios, seres horrorosos ao Santo-dos-santos, ou, em duros hieróglifos, os altos feitos, (numerosos como a areia, desvanecidos como ela) e os nomes abomináveis das dinastias esquecidas, filhas de Menés o Tenebroso. Maldisseram-se as cebolas do salário, os fermentos do pão de Memfis. Apesar da aliança com o rei Nechao, as Pragas são evocadas entre aclamações.

Martelam-se os címbalos sagrados, retirados do tesouro do Templo, os címbalos de triunfo que transportava a velha irmã de Aarão, quando, com os seus cabelos grisalhos, dançava, embriagada pela cólera de Deus, diante do exército, na orla do mar. Punhados de rosas são lançados pelos gamaddim à face dos ídolos abjurados. Os eunucos simulam ameaças irrisórias contra os egípcios; um rugido de libertação e de alegria, semelhante ao murmúrio longínquo do trovão, passa nas nuvens, por cima de Jerusalém.

*
* *

Todavia, o Grande-Iniciado, tendo pela segunda vez erguido a cabeça e considerado, mais atento, o carácter das sombras, inquietou-se.

A chama dos Sete-Candelabros que ardem, espaçados, em frente da esplanada, voltou-se contra a assembleia: as sete línguas de fogo, torcidas para trás sobre os seus caules de oiro, palpitam, alongadas e anelantes, com um ruído de malhos.

As serpentes das Neftalianas desenrolaram-se e escondem-se nos caracóis das cabeleiras. Os linoes, agora agachados em redor do temido ancião, olham-no inquietos e cheios de rosnidos.

Mas ele esforça-se por penetrar o sentido dos presságios: cruzando os seus filacteres sacerdotais sobre as dobras do seu pallah de jacinto, delibera. Em vão consultou, com um olhar, os terafim misteriosos: com o som do oiro virgem as lâminas reveladoras quebraram-se.

Sobre o ombro do Mediador permaneceu a mão radiosa do Rei. Os olhos de Helcias encontram-na: vê o Anel, a jóia-da-aliança, onde flameja a primeira clavícula, a chave-crucial, figura do Abismo dividido em quatro vias.

O poderoso pentáculo ([119]) está rodeado pela própria forma do Anel. Está encerrado no clarão do Anel, figura do Círculo-universal.

A alma de Salomão, germe divino, mistura-se com os reflexos deste signo vitorioso em que se purifica, suavemente, a claridade das estrelas.

A clavícula é a expressão em que o Mago concentrou uma parte dos esforços do seu pensamento, uma súmula dos poderes conquistados no triunfo das provas, a fim de agir mais directamente sobre as forças íntimas do Universo.

Este Talismã da Cruz-estelar ([120]) que Helcias contempla está penetrado de uma energia capaz de dominar a violência dos elementos. Diluído, por miríades,

sobre a terra, este Signo, no seu peso espiritual, exprime e consagra o valor dos homens, a ciência profética dos números, a majestade das coroas, a beleza das dores. É um emblema da autoridade com que o Espírito reveste, secretamente, um ser ou uma coisa. Determina, resgata, lança de joelhos, ilumina!... Os próprios profanadores se curvam diante dele. Quem lhe resiste é seu escravo. Quem o menospreza irreflectidamente sofre para sempre desse desdém. Por toda a parte se ergue, ignorado pelos filhos do século, mas inevitável.

A Cruz é a forma do Homem quando ele estende os braços para o seu desejo ou quando se resigna ao seu destino. É o próprio símbolo do Amor, sem o qual todo o acto permanece estéril. Pois é na exaltação do coração que se verifica toda a natureza predestinada. Quando só a fronte contém a existência de um homem, esse homem não está iluminado senão acima da cabeça: então a sua sombra ciumenta, deitada e erecta sob a sua cabeça atrai-o pelos pés, para o arrastar até ao Invisível. De modo que o rebaixamento lascivo das suas paixões só é, estritamente, o reverso da altura gelada do seu espírito. Por isso disse o Senhor: Conheço os pensamentos dos sábios e sei até que ponto são vãos.

*
* *

Mal o Grande-Mediador considerou o infalível, o celeste Anel, logo, imediatamente, à sua frente, as sete chamas dos Candelabros de oiro se estendem e prolongam, imóveis, semelhantes a sete espadas faiscantes.

O conjurador reconhece, enfim, as concordâncias denunciadoras de um Ser do mais alto céu. O seu rosto, mais impassível que o dos ídolos, toma, silenciosamente, a cor dos sepulcros. Ele sente que o mandatário de uma ordem imutável se aproxima, no **interior** dos ares, ultrapassando e afastando as profundezas: a tempestade do seu voo provoca a acumulação das sombras.

Uma coluna abate-se, sùbitamente, junto à esplanada; o flamejar de uma assinatura oculta sulca as ruínas...

Helcias recobrou a intrepidez da sua alma. Com um estremecimento de augusta alegria, constatou o salem de Deus, o signo de ELOHIM, o pentáculo da Morte. — O que vem, é Azrael.

E a multidão lívida exclama, na Sala:

— Um clarão!

— O relâmpago acaba de cair no vale!...

— É uma tempestade que passa.

*

* *

As vozes calaram-se no monte das Ofensas; é a décima segunda hora da noite: uma brisa muito fria percorre, de todos os lados, o calor da alegria pascal. A multidão quer aproximar-se dos terraços: o mal--estar transforma-se em suplício.

O aspecto da Sala muda com a rapidez das visões: ondas vivas afluem para o Trono e clamores sem número, em desordem:

— Desperta, Forte de Israel!

— Pomo de oiro!

— Altíssimo!

E as esposas da tribo de Ruben, as companheiras de Bath-Scheba, a mãe real, tomadas de pânico:

— Rei, eis a lepra que vem do deserto!

E as companheiras da rainha Naema, as radiosas Amonitas, acrescentam, em dialecto jebuseu:

— Filho do amor! Um sinal da tua dextra poderosa em direcção à região do flagelo!

Logo às primeiras ordens de Helcias, Iarobeam, saltando para um dos cavalos do rei, precipitou-se através das lajes dos terraços e desapareceu em direcção a Ir-David.

A atmosfera parece adquirir um peso real enorme: deixa lentamente de ser daquelas que a Humanidade pode respirar.

Como nas noites do Dilúvio, uma chuva desconhecida, caía lá fora em fortes gotas rápidas: a noite, todavia, continua clara acima das sombras dos céus.

Os Médicos da baixa cidade que permaneceram sentados, sorrindo, erguem-se bruscamente e, tartamudeando em memória do Legislador, apontam, com a ponta dos cajados de oliveira, as dançarinas de Neftali:

— São as violadoras dos estrangeiros. Trazem o fermento dos contágios, aceso pelos antigos adultérios! — É destas mulheres que provêm as imanações mortais! Consultai o livro dos Sophetim! À cruz, estas leprosas! Envenenaram as urnas do palácio, as velhas taças de David.

Ao ouvir esta acusação, as Necromantes do país de Moab, reconhecíveis pela asa de corvo que trazem na fronte como único ornamento e, à noite, nos campos de batalha, como único vestuário:

— Helcias! Pronuncia-te contra elas diante dos grandes de Israel e que a progenitura de Khamôs invoque o seu pai!

Mas o Ministro observa fixamente as nuvens por cima de Josaphat.

O príncipe Rehabeam, não ousando dizer «Meu pai!» ao Rei-dos-Magos, olha também, mas com tremor, o temível aspecto do espaço:

— Que nova fisionomia a Noite toma! — exclama.

Os de Levi — os sectários do **Que se deve fazer? Faço-o!** — tropeçando de medo nas suas vestes sagradas, esforçam-se por arengar aos convivas; gritos interrompem-nos; são os Industrias do oiro de Ophir, homens cheios de manhas, muito acima das superstições, mas que apreciam a ciência do Rei:

— Cem talentos para quem despertar o Mestre!

Não dizem se os cem talentos são de prata ou de oiro, e a prata, sob o reinado de Salomão não tem, como as pedras, qualquer valor.

Em toda a parte, os peitos estão mais oprimidos.

As pálidas cantoras de Sidon, presente do rei Hiram, abraçam-se, na escuridão, em demoradas despedidas: entoam ao ouvido umas das outras, num ritmo monó-

tono, o seu canto de morte em que se repete continuamente o nome de Astarté.

Os saras torcem os braços e, contemplando Eclesiasta:

— Reabre os olhos, filho de David!

— Abandona-nos! Está perdido diante da própria face de Adônn-ai! — exclamam as Amorreias, mais amargas que a Morte.

E os Sars-dos-exércitos:

— IAHVÉ cede à oração indignada dos rabis, que, perdidos no fundo das cavernas da Idumeia ou sobre os montes, te ameaçam!

— Uma ordem contra os velhos rebeldes, Schelomo!

— Pensa que David, o triunfador do Seir, ao expirar, te dizia: «Que os teus cabelos brancos, ensanguentados, desçam ao Scheol!»

E os negociantes das Vinte-Cidades:

— Yoschua, nesta noite, teria apressado o regresso do Astro, ele, que conseguiu prolongar a sua luz nos combates!... Já não existe, o Pastor de Israel!

A este nome, os Capitães dos cavaleiros de Sodoma exaltam-se em vociferações horríveis: recordam as vitórias! As suas vozes dominam, por um instante, todos os rumores da Sala:

— Era ele, o Percursor!

— Que caminhou em Canaã!

— Que matou trinta e dois reis, incendiou duzentas e três cidades!

— E que, por instigação do SER-DOS-DEUSES, fez passar a fio de espada as mulheres, os guerreiros, as mulas, os velhos, os embaixadores, as crianças e os reféns!

— Depois adormeceu, com seus pais, em Efraim, saciado de dias e satisfeito!

Um silêncio doloroso sucede a estes pesados clamores militares; diante do trono, só se ouve a pacífica respiração do príncipe Hayem, que adormeceu sobre almofadas, entre as schoschannas também ensonadas e que, ingénuas, a fronte sobre o peito, seguram ainda,

como ele, ossinhos de ébano entre seus dedos de crianças surpreendidas pelo natural repouso.

— Rasguemos as nossas vestes! — gritam as hebreias amedrontadas. — Cinza, escravos!...

Como o vento da tempestade que dobra as plantas, e lhes sussurra palavras sem sequência.

*
* *

Mas o rei Salomão não está, essencialmente, nem na Sala, nem na Judeia, nem nos mundos sensíveis — nem, sequer, no Mundo.

Desde há muito que a sua alma se libertou; — já não é uma alma do mundo dos homens; — habita lugares inacessíveis, para além das esferas reveladas.

Viver, Morrer?... Estas palavras já não atingem o seu espírito, passado para o Eterno.

O Mago, apenas por acidente, está onde parece estar. Já não conhece os desejos, os terrores, os prazeres, as cóleras, as tristezas. Vê; penetra. Disperso nas formas infinitas, só ele é livre. Chegado a este supremo grau de impersonalidade que o identifica com o que contempla, ele vibra e irradia-se na totalidade das coisas.

Salomão só está no Universo como o dia está num edifício.

*
* *

Onde estão, agora, as dansas do Burgo-de-Volúpia? os estrépitos dos címbalos? o sussurrar das liras? Um sopro dissipou este sonho.

Abafa-se, tropeça-se nos tapetes, cerca-se o Trono.

Ben-Jehu, o Sar-dos-guardas, fez um sinal: os seus guibborim vão apontar as suas lanças de bronze contra a multidão...

Mas os linces invulneráveis rosnam; as suas trinta

e três cabeças formam uma hidra semelhante à cauda de um pavão que se abre em leque: a multidão recua; o medo distende todas as pupilas.

Cegos pela embriaguez das consternações súbitas, os convivas não deram pelo que se passou à sua volta. No entanto, pesa sobre eles uma influência soberana.

Insensìvelmente, as tochas empalideceram; as espadas perderam os reflexos; os perfumes dos turíbulos tornaram-se amargos; a água do Tempo mortal deixou de correr nos relógios; os rumores já não encontram no ar nem vibrações nem ecos. — Eis que milhares de murmúrios, todavia muito distintos, se respondem: a multidão ululante parece falar em voz baixa.

Uma crescente intensidade de escuridão sufocou as lâmpadas, as tochas, as luzes; as pessoas chocam nas ondas de neblina: o palácio de Salomão, da base até ao topo, parece envolvido nessa bruma que, junto ao calcário (121) Nebo, cobre o Mar Morto.

E as formas humanas apagam-se sob as estátuas.

*

* *

Sùbitamente, na rede crepuscular do espaço, transparece o Violador da Vida, o Visitante-das-mãos-extintas!... Está de pé sobre a esplanada diante dos Sete-Candelabros; estremece e flameja. Os seus braços fluidos estão carregados de águas de tempestade. Seus olhos de auroras boreais descem sobre a festa; a sua cabeleira, que o vento não ousa aflorar, cobre os seus ombros sobrenaturais, como a folhagem dos choupos sobre as águas prateadas, à noite; — e já as lajes se fendem sob o gelo dos pés descalços do melancólico Azrael! — E, através do negrume das seis asas que estremecem ainda no horizonte, os astros não passam de pontos vermelhos, brasas fumegando aqui e além nos abismos.

Instantâneamente, o forro de marfim das paredes torna-se baço, como que sob o peso dos séculos.

As aberturas dos cortinados estendidos entre as colunas pelas espirais de bronze deixam passar tristemente, para a Sala, um longo triângulo de claridade.

O crescente desliza entre as nuvens do céu, iluminando, entre grupos confusos, a face pálida de um sofeta, deitado nas suas vestes sacerdotais.

Por momentos, um carbúnculo lança o seu clarão lívido; cabeleiras, címbalos de oiro, véus, brancuras dispersas, cintilam; são as cantoras entrelaçadas, que não se lamentaram.

Aos pés dos leitos de púrpura, contra a glande das almofadas, sobre os tapetes, ardem pedrarias, isoladas.

E lá em baixo, perdido sob a escuridão das colunatas, um lince, trazendo ao pescoço um pedaço da sua corrente, uiva, vacilante, sobre os ombros de uma estátua. — Cai; a sua queda ressoa por um momento, depois apaga-se... É o último ruído.

Tudo fica sepulto na solenidade dos negros silêncios, no sono sem sonhos.

Sob a sombra de Azrael, a Sala tornou-se imemorial.

Apenas, nos três ângulos, sob as lâmpadas de argila consagradas ao Nome, as esfinges do Egipto ergueram lentamente as pálpebras e, movimentando as retinas de granito, deslizam em direcção ao Mensageiro o seu olhar eterno.

*

* *

Tal como um relâmpago radioso que atravessou torrentes de vapores fumegantes, esta noite, modelando na densidade dos nossos ares mortais a sua forma nebulosa, o fatal Cheroub aqui está, de pé; neste terraço do palácio de Salomão.

Impenetrável a olhos de argila, a face do Mensageiro apenas pode ser apercebida pelo espírito. As criaturas experimentam apenas as influências que são inerentes à entidade arcangélica.

Nenhum espaço poderia conter um único destes espíritos proferidos pelo IRREVELADO para aquém dos tempos e dos dias. Eflúvios eternizados da Necessidade divina, os Anjos não **são,** em substância, senão na livre sublimidade dos Céus-absolutos, onde a realidade se unifica com o ideal. São pensamentos de Deus, divididos em seres distintos pela efectividade da Potência-Total. — Reflexos, não se exteriorizam senão no êxtase que suscitam e **que faz parte d'Eles mesmos.**

Contudo, da mesma maneira que num espelho de bronze, deitado no chão, se reproduzem, na sua ilusão, as profundas solidões da noite e seus mundos de estrelas, assim, também os Anjos, através dos véus translúcidos da visão, podem impressionar as retinas dos predestinados, dos santos, dos magos! É apenas a terra, névoa esquecida, que tais retinas eleitas já não distinguem; só repercutem a infinita-Claridade.

É por isso que, no seu olhar sagrado, o rei Salomão tem o poder de reflectir a própria face de Azrael.

*

* *

Com a sensação da aproximação do Exterminador, Helcias estremeceu de esperança. Abismado em si mesmo, pensa que o último elo que o prende ainda à vida se vai romper dentro de momentos.

Não conquistou ele, na hierarquia suprema das inteligências purificadas, o nível preciso e legítimo a que poderia chegar? Não atingiu ele o seu limite glorioso e que bastou para os seus destinos futuros?

Eis portanto o momento da sua vocação para mais altas naturezas! O círculo foi finalmente percorrido. Novos esforços, aliás estéreis, apenas o tornariam semelhante àquelas grandes aves solitárias que, desejosas de elevações cada vez mais radiosas, batem inùtilmente as asas nas alturas irrespiráveis, tornadas demasiado etéreas para suportar o seu peso e que o seu voo já não transpõe.

Ele espera pelo sopro libertador de Azrael.

*

* *

Espera!

Tudo lhe prova a visitação de Deus.

Sofreu, piedosamente, os últimos minutos de angústias benditas que precedem a salvação.

Vai, portanto, receber o prémio das suas privações!... Saboreia já, provàvelmente, as alegrias supremas da Eleição!

A esperança da evasão próxima transfigura-o a tal panto que o longo clarão das suas pupilas, atravessando a profundidade das sombras, sob os arcos, suspende, por um instante, o sono fúnebre da multidão.

Aqui e além, na bruma, olhos quase ressuscitados contemplam-no com um terror religioso.

Um segundo ainda e o termo de toda a servidão estará passado!...

— Mas como acontece que, tendo decorrido o segundo, não tenha podido desvanecer-se na Visão divina?

Por que motivo, apenas reanimada, a multidão daqueles seres mudos de novo desfalece, entristece e se imobiliza e se confunde com a noite?

É que o velho Iniciado perdeu, sùbitamente, o esplendor da serenidade. Emociona-se, realmente — e a estranha indecisão do seu olhar denuncia a vertigem das suas sensações.

— Ah! É que ainda se sente palpitar nos embaraços da Vida!... É que o divino aniquilamento **não se** realizou.

Já as dúvidas o assaltam; já, semelhantes ao fumo das tochas, as hordas inquietas dos samaels, que importunam os acessores do Átrio-Oculto, se movem, tentadores de sugestões desoladoras, à volta dele: a sua fronte anuvia-se pelo roçar das asas mortas. Recorda, num desespero cioso, que eternidades o separam daquele estado de pureza sublime a que, neste mundo e através de todas as alegrias, chegou Salomão.

O sentimento desta diferença entre a sua consa-

gração e a do Real-Inspirado suscita nele novos terrores cuja intensidade aumenta a cada pulsação das suas têmporas geladas.

Porque lhe é infligido o horror de tais instantes, se ele mereceu a Luz?!...

Suporta um intervalo desconhecido.

Encontra-se semelhante a uma pedra vulcânica que, animada por um impulso terrível, ficaria retida à beira da cratera em virtude de uma lei milagrosa e se consumiria pela sua velocidade interior, sem se desagregar nem dissolver.

A hora passa, vaga, pesada, incontrolável!...

Interroga-se. Estará a produzir-se uma perturbação, por sua causa, ao fundo das leis divinas?

Aterrorizada com a hesitação do Céu, a sua inteligência recai e revolve-se num delírio de inquietações sobrenaturais. Um imenso pavor neutraliza a virtude dos seus pensamentos.

Assim, a influência de Azrael imóvel manifesta-se para Helcias sob a forma destas terríveis ansiedades.

O ancião, agora desvairado, parece-se com um sacerdote que tivesse sobrevivido aos seus deuses mortos. Não pode desertar o habitáculo carnal em que está surpreendido e preso pelo olhar de um Ser cuja concepção total ultrapassa a altura do seu espírito. Ei-lo, ofegante como uma vítima. O que o precipita da Entrada da Dominação e o torna a mergulhar na velha poeira esquecida das sensações humanas, não é a presença do Exterminador em si, é a impenetrável inacção, em seu atributo essencial, de um Ser de tal origem.

Inconsciente dos seus actos, agita à sua volta o temível feixe de esconjuros, esquecendo a sua inutilidade perante aquele Mensageiro! Mas a voz dele já não é aquela que sempre obtém sem nunca suplicar.

Os seus actos mágicos, recusados pelas Sete-Chamas da esplanada, retombam em seu redor, povoando o ar, tristemente, de larvas e de fantasmas! O seu aspecto presente anuncia que nasceu em idades mais antigas que a hora do seu nascimento terrestre. Coloca sobre

a fronte uma aba do manto do Rei de Israel e, abandonando a sua vontade ao sombrio Destino:

— Ellel! — invoca-se o relâmpago, ao atingir-te os olhos, neles se transforma apenas em mais um clarão, ergue, com os teus dedos imperecíveis, as pálpebras do Rei!...

Tal como outrora, sob os arcos de Endor, sua mãe Holda, sobre o tripé das evocações, uivara fórmulas que fizeram surgir, diante da muralha, a sombra de Schemouel (122).

*

* *

Entretanto, Salomão, tendo finalmente erguido as suas longas pálpebras, observava em silêncio o Génio dos Vales futuros.

Mas não era para o rosto do Rei que os olhos do Anjo se dirigiam, faiscantes como flechas que voam ao sol.

O Enviado olhava para Helcias com o ansioso estremecimento de uma misteriosa surpresa: parecia que o Misael, hesitando em se aproximar do ancião, meditasse, pela primeira vez, desde os tempos, sobre a ordem que ALGUÉM lhe dera.

Por esse motivo, a fronte do Rei-divino cobriu-se de nuvens acima do velho Iniciado, tal como, mil anos mais tarde e a essa mesma hora, a estrela de Efrata sobre a Judeia sangrenta, na noite dos Inocentes.

Sem forças, mesmo para se posternar, perdido sob o olhar invisivelmente tórrido que lhe queimava a vida sem lhe libertar a alma, o Grande Mediador exclamou:

— Posteridade de David, esconde-me dos seus dois olhos!

E, como o silêncio do Mestre-dos-Prodígios, pudesse significar

— Para onde pode o Homem fugir à presença de Azrael?

Helcias, reunindo as suas mais antigas recordações, estendeu as mãos para o Rei e murmurou suplicante:

— Há, nos bosques vastos e sombrios, à beira do Eufrates, uma clareira devastada onde, durante a primeira noite do mundo, se recolheu a Serpente.

O Rei, adivinhando o pensamento obscuro do ancião, tocou-lhe na testa com o Anel constelado:

— Vai!... — disse.

Helcias desapareceu numa fulguração.

*

* *

Então, Salomão desceu do trono e caminhou para Azrael.

E a sua túnica de pedrarias arrastava-se sobre o pelo matizado dos linces sonolentos, sobre as espadas sem reflexos dos guerreiros estendidos. Através dos grupos das brancas esposas de outrora e das negras hábeis na ciência dos prestígios, esmagando as flores emurchecidas pelas chamas das tochas, que mal sustentavam os braços caídos das estátuas, ele avançava na Sala desmedida onde pareciam sonolentar agora recordações de séculos passados.

E a alta estátua do Rei-profeta, do Esposo do Cântico dos Cânticos, aparecia, fulgurante e azulada, no meio dos odores amargos que fumegavam em torno dos turíbulos.

Quando Rei chegou, por fim, aos limites da Sala, entrou no átrio solitário onde brilhava, com o sorriso das crianças, o Cheroub taciturno.

O Rei veio encostar-se, na sua tristeza, às ruínas da coluna partida pelo relâmpago; contemplou longamente Azrael. Por baixo das duas presenças, o vento, vindo apressadamente dos mares e das montanhas, fazia entrechocar convulsivamente os ramos fatídicos do Jardim das Oliveiras.

E Salomão:

— Inefável Azrael! Os meus olhos estão cansados dos universos! A minha alma tem sede da sombra das tuas asas!

A voz do Arcanjo moroso, mil vezes mais melodiosa

que a das virgens do céu, vibrou no espírito de Salomão:

— Em nome d'Aquele que foi gerado antes da Luz e será as premissas dos que dormem, recupera a tua alma! A Hora de Deus não chegou para ti.

*

* *

Então, a preocupação deste prolongamento de exílio onde, cativo da Razão, o Mago, antes de se unir à Rei dos Seres, ainda tinha que destruir a sombra que projectava sobre a Vida, passou pela alma do Rei.

A Estrela dos pastores, através dos cabelos do Eclesiasta, cintilava no infinito. Silencioso, baixou o olhar para as colinas da filha de Sião, adormecida a seus pés...

— Que sopro amargo te trouxe então até nós?... — disse o Predestinado.

A forma da Visão apagava-se já no espaço; uma voz perdida chegou até Salomão; e ele ouviu estas palavras terríveis, onde transparecia a Presciência-Divina:

— Ó Rei! — cantava do fundo das noites o melancólico Azrael — através da duração e das esferas, senti o piedoso abandono do teu pensamento e, no misterioso esquecimento de uma Ordem do Altíssimo, quis saudar-te, ó tu, Bem-Amado do Céu... Mas, sob a tua mão pacífica, abrigava-se ainda o antigo confidente da tua obra de luz, Helcias, o Intercessor. Conheci então o Inesperado. Não era **aqui** que eu recebera a missão de o libertar do Universo! Compreendi que o Todo Poderoso me advertia que recordasse melhor, por graça deste primeiro espanto, que fosse, enfim, — segundo a Ordem já prescrita — segundo a Ordem de que a minha santa visitação diferira o cumprimento — chamar este homem pelo seu nome verdadeiro, **nos bosques vastos e sombrios, à beira do Eufrates, na clareira devastada onde, durante a primeira noite do mundo, se ocultou a Serpente** ([123]).

NOTAS

VERA

([1]) «E os fisiologistas, não são forçados a afirmar que a **forma** do corpo lhe é mais essencial do que a sua **matéria?».** Esta frase já se lia em **Claire Lenoir** (O. C. III, 120). Drougard encontrou esta mesma frase na **Introdução à filosofia de Hegel** pelo seu tradutor... Vera atribui-a a Cuvier **(Villiers de l'Isle-Adam. Os três primeiros contos,** edição crítica, II, 100). Villiers proclama em **Isis** que «a teoria do idealismo hegeliano parece sem apelo» (O. C. IX, 117) e é realmente sob o signo de Hegel que ele começou por conceber **Vera.**

([2]) Num artigo de **La Grande Revue** consagrado a **Vera** (Julho 1933), Drougard assinala que este célebre passo do **Cântico dos Cânticos** já tem sido transcrita sob esta mesma forma (e não sob a forma mais corrente: «o Amor é tão forte como a Morte») em **La Morte amoureuse,** de Théophile Gautier; Drougard crê poder indicar a este propósito uma provável filiação entre as duas narrativas, que, com efeito, comportam determinados dados análogos. Mas a heroína de **La Morte amoureuse** é uma cortesã, cujo fantasma vem tentar um padre. A filiação surge-nos muito mais nítida em **Spirite,** a última novela de Gautier: ver, nas notas seguintes, várias observações sobre este pormenor.

([3]) O nome de Athol era usado por uma ilustre família escocesa. Este nome agradava a Villiers que também o utilizou no conto inacabado **Maison à louer** (publicado em apêndice na edição José Corti dos **Contos cruéis)** e num esboço de **Sylvabel.**

([4]) Em **Isis** (O. C. IX, 90), Villiers indigna-se, na sua condição de espiritualista, pelo facto de «o nome

de Deus (...) parecer estar tàcitamente riscado das conversas e da filosofia».

([5]) Em **Spirite,** de Théophile Gautier, o herói, Guy de Malivert, «na tarde da visita ao cemitério» onde repousa a sua bem-amada Lavínia, medita, como de Athol, «encostado à porta do monumento»; depois, ainda como de Athol, espera em casa «uma manifestação que todas as forças da sua vontade pediam». Quando essa manifestação se produziu, entregou-se «sem reservas ao estranho da situação, não discutindo nada, admitindo tudo, decidido a achar natural o sobrenatural» (capítulo XIII).

([6]) Para Guy de Malivert, Spirite, por vezes, «como uma amante de visita, parecia estar sentada na poltrona grande» **(ibid.).**

([7]) «Um véu mais fino que os mais delicados tecidos, feito de fios de vento» acariciava a face de Guy **(ibid.,** cap. V).

([8]) «Alguns acordes (...) tocados de maneira a monopolizar a atenção e a despertar a curiosidade da alma» anunciam a Guy a presença de Spirite **(ibid.,** cap. XIII).

([9]) Guy de Malivert abisma-se no «perfume ténue e delicioso» de Spirite **(ibid.).**

([10]) «Transtornado, fascinado, palpitante de amor, esquecendo que não tinha diante de si senão uma sombra, Guy avançou... mas os seus dedos fecharam-se sobre si mesmos, sem nada terem agarrado, como se tivessem passado através de uma nuvem de vapor» **(ibid.).**

([11]) Villiers, contràriamente ao que se passou com Gautier, geralmente mostrava-se hostil em relação ao espiritismo: «a morte é uma coisa definitiva e impenetrável», escreveu a este respeito em **Conte de fin d'été,** uma das suas **Histoires insolites.** No entanto, mostrou interesse pelas teorias e experiências fundamentadas na hipótese de um magnetismo humano que se exercia através de uma concentração extrema da vontade. Numa das suas crónicas, acabaria por exaltar **(O. C.** V, 173) a «força psíquica» invocada pelo Dr. Crookes como explicação dos fenómenos colocados pela superstição ao nível da feitiçaria, do vampirismo ou da magia.

([12]) Um «espelho» que parecia «de um negro azulado» reflecte, miraculosamente, o rosto de Spirite (cap. V).

([13]) Villiers já utilizara este adjectivo em **Hermosa (O. C.** XI, 78): «esplendores liliais».

([14]) Spirite, num anseio de além-túmulo idêntico a este e provocado pelo amor «arrancava-se às profundezas do infinito para descer até à esfera habitada por Guy» (cap. XIII).

([15]) Villiers dá largas à sua fantasia sobre a tese hegeliana professada em **Claire Lenoir:** «Se as coisas **são,** se o Aparecimento do universo **se produziu,** não pode ter sido senão em virtude de uma **Necessidade** absoluta... A Ideia é, portanto, a mais elevada forma da própria Realidade, dada que ela participa da natureza das leis sobrenaturais e penetra os elementos das coisas **(O. C.** III, 123). O mesmo idealismo afirma-se ainda em **L'Ève future (O. C.,** I, 136 e 384).

([16]) Guy e Spirite elevam-se da mesma forma até ao êxtase supremo, no qual se realiza a fusão total dos amantes: «Depressa se aproximaram cada vez mais, como duas gotas de orvalho deslizando sobre a mesma folha de lis, e acabaram por se confundir numa pérola única» **(Spirite,** cap. XIII). Villiers cita exemplos idênticos em **Claire Lenoir (O. C.** II, 106) e em **L'Ève future (ibid.,** 278).

([17]) O texto primitivo terminava com a frase: **«Então,** aperceberam-se de que eram, realmente, apenas um único ser.» O episódio final, acrescentado, modifica o sentido do texto: as considerações precedentes sobre a realidade viva das ideias e sobre o poder da vontade pareciam ser desmentidas; em contrapartida, somos convidados a admitir que houve efectivamente uma intervenção sobrenatural e que a morte se manifestou ao depositar no quarto a chave do túmulo. Este pormenor, realmente fantástico, assume o valor de um símbolo: a passagem do **Cântico dos Cânticos** não faria sentido aqui, como o pretendia o conde de Athol, mas apenas no início, pois se os corpos estão destinados a perecer, as almas são imortais. Às fórmulas do idealismo absoluto sucede-se assim a afirmação implícita de uma fé espiritual.

([18]) Villiers conheceu vários. Não tem qualquer motivo para se sentir satisfeito com Villemessant, que se recusou a vir em seu auxílio quando iniciou a sua carreira em Paris, nem com Arthur Meyer, que suspendeu, sem qualquer explicação, em 1880, em **Le Gaulois,** depois de ter publicado catorze episódios, a publicação de **L'Ève nouvelle,** nem com Francis Magnard, que, a partir de 1870, o atacava em **Le Figaro,** em especial, por causa do seu wagnerismo. Todas estas personagens tinham maneiras bastante cínicas ou brutais; o de **Dois Augúrios** é apenas uma mistura de todos eles, um tipo. Os pormenores mais precisos do retrato, contudo, parecem ter sido inspirados em Emile de Girardin, falecido em 1881, de quem o seu biógrafo, Maurice Reclus, evocou a «brusquidão crónica», a «falta de amenidade» e «a linguagem agressiva de **self made man** transformado, pela sua sábia audácia, em magnate do jornalismo».

([19]) A expressão é de Buloz; Musset cita-a em **Songe d'un reviewer.** Outros directores acabaram por a adoptar.

([20]) Girardin criou em 1836, em **La Presse,** a fórmula do folhetim, que viria a dar fortunas: pode-se portanto torná-lo indirectamente responsável pela ineficácia que mais tarde atingiram os «Montépin», os «du Terrail», citados com ênfase irónica e condenados por Victor Hugo. Em **Claire Lenoir** (cap. VII), Tribulat Bonhomet dá provas da sua admiração por du Terrail, que coloca muito acima de Hugo e de Edgar Poe; associa, numa enumeração divertidamente confusa, o nome de Chapelain com os de Orfeu, Homero, Virgílio e Dante. Descobre-se o mesmo processo em **La Machine à Gloire**. A intenção é idêntica nos três textos, destinados a pôr em destaque as aberrações do gosto moderno.

([21]) Esta vaidade desportiva é do próprio Villiers. Victor-Emile Michelet, que o conheceu bem, escreveu a este respeito: «Villiers tinha a pretensão de ser um bom atleta, de manejar sàbiamente a espada e de lançar um **swing** segundo as mais clássicas regras do boxe inglês.» (**Villiers de l'Isle-Adam**, p. 18). Vários dos seus contemporâneos (Henri Lavedan, **Avant l'oubli;** Léon Bloy, **Correspondence avec Montchal**; Remy de Gourmont, **Promenades littéraires**, II, 32) asseguraram mesmo, que quase no fim da vida, Villiers teria sido monitor numa escola de pugilismo.

([22]) Em **Les Débuts littéraires de Thinghum Bob**, de Edgar Poe, um director de um jornal troça da ingenuidade de um principiante que pretende ser pago pelo seu artigo: «Senhor Bob, disse-me (tinha-lhe mandado um cartão de visita antes de subir), o senhor é muito novo, presumo — muito novo, não é verdade?» Villiers por certo leu este conto, traduzido para o francês em 1862.

([23]) A alusão autobiográfica é evidente e precisa: Viliers está por certo a pensar nas suas «obras dramáticas», em **Elen,** em **Morgane,** em **La Révolte,** no **Nouveau Monde** em especial, visto ter sido premiada em 1876 por um júri presidido por Victor Hugo. Na introdução da edição do **Nouveau Monde,** em 1880, o autor lamenta-se por ter sido aquela, entre «centenas de outras obras apresentadas» a escolhida. No entanto, a obra de Dartois, premiada ex-æquo com a sua, mas citada em segundo plano pela crítica, foi representada, graças ao patrocínio de Sarcey, «de preferência à sua». O **Nouveau Monde** foi representado no Théâtre des Nations, em 19 de Fevereiro de 1883, apenas dez dias depois da publicação dos **Contos cruéis**.

([24]) A luneta de Girardin era célebre.

([25]) Numa fantasia satírica de Edgar Poe, **Como se escreve um artigo em Blackwood**, um cínico director de um jornal aconselha uma jovem cândida, para conquistar a simpatia do chefe de redacção, a aplicar-se, em sentido real e em sentido figurado, em escrever mal: «Pode ter a certeza de que um manuscrito legível nunca é lido.» Pensamos que Villiers não deve ter lido estas páginas, traduzidas apenas em 1888; no no entanto, a sua experiência coincidia com a de Edgar Poe. Lembrava-se por certo de qualquer observação relativa aos seus escritos feitos à pressa, descuidados, mas cuidadosamente revistos quando os passava a limpo, antes da impressão.

([26]) Os originais de Villiers testemunham o incansável zelo que ele punha nas suas correcções.

([27]) Villiers d'Isle-Adam, apesar da sua pobreza, sempre conseguiu poder dispor dos recursos necessários para mandar copiar os seus textos. Existem cópias manuscritas de várias das suas obras de teatro.

No original «pipelet», termo familiar utilizado para designar um porteiro (derivado do nome de uma personagem de **Mystères de Paris**, de Eugène Sue). — (N. do T.)

(28) No original «malvat». Não encontramos nunca esta palavra em qualquer outro texto. Parece-nos ser uma corrupção de «mauvais».

(29) O director, torna-se aqui, paradoxalmente, o porta-voz de Villiers. É o próprio escritor que evoca, no preâmbulo de **La Machine à gloire** (**Contos cruéis**, edição francesa), o prestígio decisivo e misterioso que emana de toda a obra verdadeiramente bela.

(30) Villiers, ao abrigo da sua ficção, procura dar a si próprio o prazer de exaltar as suas obras e justifica-se de por vezes se ter «nivelado» ao gosto do público.

(31) Em 26 de Junho de 1869, os leitores de **La Liberté**, jornal dirigido por Girardin, puderam ler como folhetim **Azrael**, que depois seria integrado em **Contos cruéis**, sob o título de **L'Annonciateur** (edição francesa). Esta prosa poética repleta de nomes próprios deve ter desconcertado um grande número de pessoas: a colaboração de Villiers no jornal não teve futuro. A aventura que ele conheceu em 1880 no **Gaulois** foi ainda mais cruel.

(32) A ambição política de Girardin era notória. «Girardin foi, durante toda a sua vida, um candidato a ministro», escreveu Reclus; e Félicien Champsaur: «O senhor de Girardin é um homem feliz. Contudo, a todos os seus trabalhos faltou a recompensa desejada, a todas as suas prosperidades terá faltado a coroação almejada (...) o jornalista triunfante terá visto sempre fugir, diante de si a imagem de uma pasta de ministro. (**Les Hommes d'aujour-d'hui**, de 22 de Novembro de 1878).

(33) Uma nota manuscrita de Rodolphe Darzens dá-nos a saber que Villiers projectava a fundação de um jornal diário intitulado **L'Éclaireur**.

(34) As duas últimas réplicas são desconcertantes: a do director é mal preparada pelas linhas que a precedem; a do autor não vem a propósito da situação, visto que aquele a quem é dirigida não é apresentado como um imbecil. Porém, Villiers conservava a recordação de uma circunstância em que lançara a um interlocutor de acaso um insulto semelhante. Segundo Robert du Pontavice (**Villiers de l'Isle-Adam**, pp. 139-140), a cena desenrolou-se em casa de Victor Hugo; a vítima do apóstrofo foi um venerável e obscuro compatriota do memoralista, designado pela inicial L.; Villiers evocava a degradação dos costumes literários e L. terá lançado: «A probidade não tem idade», ao que Villiers retorquira: «A imbelicidade também não.» No entanto, segundo Jean-Marie Bellefroid, a frase teria sido dita por um tal Lucas e a réplica por Jean Marras.

(35) Em **O Banquete** de Platão (elogio de Sócrates por Alcibíades), lê-se: «...chegou a expedição de Potideu: juntamo-nos a ela os dois e aconteceu que comemos juntos (...). Na batalha no seguimento da qual os estrategas me atribuíram o prémio da coragem, apenas a ele devo a minha salvação. Eu tinha sido ferido, ele não quis abandonar-me, e salvou ao mesmo tempo as minhas armas e a minha pessoa. Para mim, Sócrates, naquela mesma altura supliquei aos estrategas que te dessem o prémio (...) tu próprio insististe mais do que eles próprios para que o prémio me fosse dado antes a mim.»

(36) Este longo subtítulo faz lembrar o da revista «franco-russa, política, literária, artística e financeira» chamada **Le Spectateur**, dirigida por Godefroy d'Herpent. Villiers colaborou nela em 1876 e dedicou a d'Herpent uma versão pré-original de **Demoiselles de Bienfilâtre**. Porém, depressa ficou de más relações com aquela personagem.

O CONVIVA DAS ÚLTIMAS FESTAS

(37) Nina de Villard, que frequentemente recebeu Villiers em sua casa, amava os prazeres parisienses, em especial os bailes de máscaras. A homenagem que este conto constitui é particularmente beneficiada pelo facto de toda a acção se desenrolar numa «noite de Carnaval».

(38) Não conseguimos descobrir qual a origem exacta desta frase, mas é curioso notar que Etienne Arago, irmão do célebre astrónomo, publicou em **Le Livre des Cent-et-Un** (tomo XIV) algumas páginas intituladas **L'Amateur d'executions,** cujo tema é idêntico ao de **O Conviva das Últimas Festas.**

([39]) Sabemos, através de uma carta dirigida a Mallarmé, que desde 1866, Villiers pensava nas três personagens femininas do **Conviva.** Um pouco mais adiante, veremos que a aventura pode ser datada de 1864.

([40]) O segundo Johann Strauss fez algumas temporadas em Paris com os seus músicos e conduziu a orquestra da Ópera.

([41]) No seu livro **Le Demi-Monde sous le Second Empire,** publicado sob o pseudónimo de Zed, o conde de Maugny evoca uma «plêiade de jovens e belas pessoas que pertenciam, ao mesmo tempo, ao teatro e à vida mundana, que estiveram na moda mais pela sua condição de mulheres que pela de actrizes — embora algumas tivessem conseguido fazer uma carreira brilhante». Recorda, em particular, «três comediantes, três mulheres realizadas e deliciosas, pela eclosão do seu prestígio e pela sua beleza radiosa, Blanche Pierson, Léonide Leblanc e Celina Montaland. «Este trio de feiticeiras», resume aos seus olhos, toda uma época: «Formavam um grupo encantador e alegre que se salientava de uma forma luminosa do conjunto do quadro e que deixava em quem as visse uma impressão indestrutível (...) não posso evocar a recordação de uma delas sem que imediatamente as outras duas me venham à memória.» Ora Villiers, ao iniciar a sua vida parisiense frequentou bastante os bastidores do teatro. Frequentemente, tinha por companhia de diversões Catulle Mendès, neste conto designado pela inicial C***. Não podemos assegurar que ele tenha pretendido descrever o trio que gozava das preferências do conde de Maugny; no entanto a atmosfera é bastante idêntica e nós baseamo-nos em coincidências sugestivas.

([42]) «(Villiers) fazia entradas de grande senhor na Casa doirada», escreveu Florian Le Roy (**Des Enfances de Villiers,** número especial de **Bretagne**, Agosto de 1938). Zed (**op. cit.**) evoca este restaurante da moda, situado na avenida que faz ângulo com a Rua Laffitte, e ao seu chefe de mesa, o oficioso Joseph, mencionado neste conto.

([43]) O célebre n.º 6, procurado pelos fregueses habituais, cuja cor está de harmonia com toda a narrativa.

([44]) Depois de **As Flores do Mal,** os **Poemas saturnianos** de Verlaine («Jette ce livre saturnien...»), transformaram, de certo modo, em moda o signo maldito de Saturno. No primeiro capítulo de **Claire Lenoir,** Bonhomet define-se a si próprio como um saturniano. Para um visionário como Villiers, além disso atraído pelas curiosidades da astronomia, o planeta Saturno, com a sua esfera prisioneira de um anel, podia evocar a cabeça de um condenado decapitado na guilhotina.

([45]) Em **Les Lions du jour** (1877) Alfred Delvau dedica um capítulo a este criminoso, procurado em vão, Glatigny conta em **Le Jour de l'an d'un vagabond** a forma como foi preso por Jud, na Córsega, no dia 1 de Janeiro de 1869...

([46]) Esta reflexão amarga não figurava, em 1874, na primeira versão do conto. Mas Villiers sentia-se cada vez mais chocado com o aumento das promiscuidades na vida parisiense e a experiência eleitoral de 1880-81 exasperou a sua hostilidade pelos costumes democráticos.

([47]) Este aspecto dos costumes figura já em **L'Avare aux gants jaunes,** de Labiche (I, 4). A cena passa-se precisamente na Casa doirada, numa noite de uma terça-feira gorda, depois do baile da Ópera. Para evitar ter à mesa o número de treze pessoas, Potfleury convida um desconhecido, que será o décimo quarto comensal; adverte-o, porém: «Se eu não achar que você tem graça... porque, enfim, você pode ser aborrecido... amanhã já não o conheço!...» A analogia da situação é demasiado notória para que se possa pensar numa possível reminiscência; **L'Avare aux gants jaunes** esteve aliás em cena no Palais-Royal, em 1858, quando o jovem Villiers frequentava assìduamente os teatros parisienses.

([48]) Émile Goudeau, que Villiers conheceu bem, consagrou aos **Gregos** um poema célebre. A palavra era correntemente utilizada, na época, para designar os jogadores demasiado felizes. Este costume tinha origem na aventura de Théodore Apoulos, recebido em Versailles durante o reinado de Luís XIV, e desmascarado como batoteiro no decorrer de uma partida de «lansquenet» em casa do marechal de Villeroi.

([49]) Desde 1866, Villiers pensava pôr a esta personagem o nome de Isolda que, aliás se pode encontrar diversas vezes na versão pré-original da narrativa (carta a Mallarmé, já referida).

(50) Trata-se de um gracejo clássico e associado à Casa doirada. De uma mesa para a outra, Barbey d'Aurevilly teria perguntado ao seu inimigo íntimo, o crítico Pontmartin, que se preparava para comer sòzinho uma dúzia de ostras, se ele não achava desagradável estarem treze à mesa (**Le Neuvième Arrondissement. Paris d'hier et d'aujour-d'hui**, 1939, pp. 58-59).

(51) Esta personagem aparecia já em **Sigefroid l'impertinent,** conto não recolhido, publicado por **Le Diable** em 1870. Em **O Conviva das últimas festas**, Villiers vai mais longe, celebrando-o como «Príncipe da Ciência» e como professor de «fisiologia comparada». Talvez tenha existido um modelo real; no entanto, não conseguimos descobrir quem tenha sido.

(52) Catulle Mendès era loiro e de cabelo encaracolado como Apolo. O cognome de Sminteu foi dado a este deus pelos frígios.

(53) Segundo a lenda, a instituição dos **Quinze-Vingts,** fundada por S. Luís, acolheu, à data da sua origem, trezentos cavaleiros que tinham voltado cegos da Cruzada.

(54) O último dos reis anteriores ao Dilúvio.

(55) O célebre orientalista, que na época em que foi escrito **O Conviva** leccionava no Collège de France, tinha-se distinguido nomeadamente pelos seus trabalhos sobre a escrita cuneiforme.

(56) Raitt, que estudou pormenorizadamente Villiers e Wagner, pensa, como nós, que este adjectivo inesperado evoca a mistura revolucionária de tonalidades da música wagneriana, em particular no prelúdio e duo nocturno de **Tristão.** No entanto, sugere ainda uma outra explicação possível. Villiers tinha uma acentuada predilecção por **O anel do Nibelung,** em que Siegmund e Sieglinde se amam com um amor incestuoso antes de saberem que são irmão e irmã; pode ter pensado vagamente neste episódio que lhe era familiar e servir-se de uma palavra que traduzisse uma impressão geralmente por ele sentida durante a audição dos dramas musicais de Wagner.

(57) Trata-se, sem dúvida, do príncipe Soltykov, bastante conhecido nos locais de diversão. Zed (**op. cit.**, p. 143) escreveu que Cèlina Montaland teve uma ligação «com um senhor moscovita bastante famoso em

Paris e assaz folgazão, que, por certo, contribui para a sua celebridade, mas que passava por nem sempre a tratar segundo as regras da galanteria que ela teria merecido».

(58) Blanche Pierson interpretou em 1863, em Vaudeville, em **L'Homme de rien**, o papel de uma Susannah O'Donnor com um êxito que consagrou a sua reputação e que lhe valeu um contrato para o Ginásio.

(59) Cf. **L'Ève future** (**O. C.** I, 226): «Todos os seres têm a sua **correspondência** num reino inferior da natureza. Essa correspondência, que em certa medida é uma representação da sua realidade, torna a sua própria figura mais clara aos olhos dos metafísicos.» Em **Claire Lenoir** (**O. C.** III, 159) o escritor manifestava já a sua crença, bastante bem aceite pelos ocultistas, segundo a qual em todo o ser humano continua secretamente presente uma determinada natureza animal: «O quê? nunca observou a predominância de um determinado tipo de animal — por vezes, de diversos tipos, numa fisionomia? Então, observe com atenção os movimentos familiares, os instintos, as tendências do indivíduo em cujo carácter predomina o tipo do **urso,** por exemplo, ou do **tigre** e terá a sensação de estar a ver qualquer outro ser, disfarçado por um aspecto físico que não lhe pertence.»

(60) Através das indicações discretas e profundas do narrador, adivinha-se a personalidade de Villiers. Sob uma fachada por vezes frívola encontra-se disfarçada, passados os ímpetos da primeira juventude, uma incurável melancolia. Villiers considerava-se fàcilmente um exilado na terra e fingia suportar da melhor maneira possível, como um gentil-homem, as condições da sua estada terrestre.

(61) No original «selam». «Selam» é um pequeno ramo de flores cujo arranjo, para os orientais, constitui uma linguagem secreta.

(62) Trata-se de uma referência ao quadro «A saída do baile de máscaras ou o duelo de Pierrot», exposto em 1857: nele pode ver-se Pierrot estendido, morto, no solo, sob os olhares de Columbina, depois de um duelo com Arlequim.

(63) A palavra («miraudant») é utilizada por M.me de Sévigné, precisamente a propósito de uma execução capital.

([64]) O doutor de la Pommerais, que foi executado em 1864 (não no dia a seguir ao Carnaval, mas em 25 de Junho), por ter envenenado a sogra, M.me Dubisy, e seguidamente a sua amante, M.me de Pauw. Esta personagem, frequentemente evocada e, desta vez, expressamente nomeada em **Le Secret de l'échafaud,** tinha travado relações com o pai de Villiers, que tinha estabelecido a sua árvore genealógica: no decorrer do processo, segundo conta Robert du Pontavice (**Villiers d'Isle-Adam**, p. 70), o advogado do médico criminoso «apresentou ao tribunal um pomposo certificado assinado pelo marquês Joseph Villiers de l'Isle-Adam, membro da Ordem dos Cavaleiros de Malta, atestando que o acusado pertencia à boa nobreza e possuía direitos incontestáveis ao título de conde...»

Em **Les Mémoires de Monsieur Claude,** o narrador, antigo funcionário da Polícia, declara ter reconhecido nas mãos de la Pommerais «as influências de Marte, de Vénus e de Saturno e, por acção desta última, a promessa de uma decapitação». Pierre Reboul, que cita este passo, observa: «O homem das mãos saturnianas foi executado pelo barão Saturno.» (**Autour du Secret de l'échafaud**, em **Revue d'Histoire littéraire de la France**, Julho-Setembro 1949).

([65]) «La Pommerais demonstrou todo o vigor do seu temperamento, defendendo-se com infinita habilidade e energia. Apostrofou violentamente um advogado que encolhia os ombros, enquanto escutava as razões que pretendia fazer valer.» (Conde Fleury e Louis Sonolet, **L'Affaire La Pommerais**, em **Historia,** Novembro 1959).

([66]) Villiers confunde o Código Penal com o Código Civil, mas recorda uma indicação fornecida pelo próprio Stendhal na sua resposta ao artigo de Balzac sobre **La Chartreuse de Parme**: «para adquirir o tom, lia todas as manhãs duas ou três páginas do Código Civil».

([67]) Entre os papéis de Villiers, encontrámos, escrita a lápis, a seguinte nota, que continuou inédita: «a narrativa de R... na Casa doirada». Teria o escritor transcrito uma história que lhe foi contada naquele cenário?

([68]) Este xá da Pérsia morreu em 1834. Nasser-Eddin sucedeu, em 1848, a Méhemed-Xá.

([69]) Nasser-Eddin reprimiu duramente as revoltas dos príncipes asiáticos dirigidas contra o seu poder. Em Julho de 1873, no decorrer de uma grande viagem através da Europa, foi magnificamente recebido em Paris e celebrado como um príncipe esclarecido, desejoso de se iniciar nos costumes da Europa Ocidental. Na data em que se localiza a narrativa, o acontecimento ainda não se tinha produzido e o narrador antecipa-se a uma realidade de que Villiers foi testemunha: sòmente quando da edição dos **Contos cruéis** este passo foi introduzido.

Numa crónica inédita inspirada pelo pavilhão persa patente na Exposição de 1867, o escritor evocava este soberano com bastante reverência: «É ao governo do glorioso Nasser-Eddin que nós devemos o thalar persa da Exposição e todas as riquezas que o rodeiam (...) o primeiro passo do reino para a unidade civilizadora dos povos acaba de ser dado no reinado do xá Nasser-Eddin.» No mesmo artigo, Villiers indicava «o retrato de Fet-Ali-Xá, pintado com um talento real por uma bastante recomendável artista francesa (M.elle Hannah Guyard)».

([70]) Esta queixa é semelhante àquela que o carrasco chinês formula em **Le Jardin des supplices** (II, 6): «O nosso ofício (...) perde-se cada vez mais... Hoje em dia, não sabemos o que é realmente o suplício... Embora me esforce por conservar as tradições verdadeiras... sinto-me ultrapassado... e não posso, eu sòzinho, fazer parar a decadência...» É possível que Mirbeau se recorde de Villiers.

([71]) Encontramos, num caderno de apontamentos de Villiers, a seguinte frase: «Convencido do crime de ter abolido a tortura, Luís XVI foi condenado à morte.»

([72]) Já em **Claire Lenoir,** Villiers mencionava «os suplícios chineses cuja simplicidade nomenclatural daria matéria para um dicionário sobre a capacidade dos nossos carrascos».

([73]) Estes nomes foram acrescentados em 1883. Torquemada será o herói dos **Amants de Tolède** (**Histoires Insolites**) e Arbuez surgirá em **La Torture par l'espérance** (**Nouveaux Contes cruels**).

([74]) Na realidade, o braço secular constituía o poder temporal que tomava a seu cargo a execução das sentenças pronunciadas pelo tribunal da Inquisição.

(75) O tema da decapitação é aqui descrito pela primeira vez por Villiers. Podemos encontrá-lo, não apenas em **Le Secret de l'échafaud,** mas ainda em **Ce Mahoin** e em **Les Phantasmes de M. Redoux** (**Histoires insolites**), em **L'Etrange Couple Moutonnet** (**Chez les Passants**). Villiers consagrou, por outro lado, diversas crónicas ao tema das execuções: **Le Réalisme dans la peine de mort** (em **Chez les Passants**); **L'Instant de Dieu** (em **L'Amour suprême**). Desta forma pode considerar-se a existência, na sua obra, de um ciclo da guilhotina, no qual se manifesta uma atracção profunda e mórbida pelas cenas de crueldade. A este respeito, Robert Laulan escreveu em **La Presse médicale** (25 e 26 de Dezembro de 1959), um artigo intitulado **La Hantise de l'échafaud chez Villiers de l'Isle-Adam.**

IMPACIÊNCIA DA MULTIDÃO

(76) Segundo Baude de Maurceleu, Flaubert gostava particularmente deste conto e afirmava que ele era «comparável aos melhores capítulos de **Salammbô**» (**La Vérité sur le Salon de Nina de Villard**, em **Le Figaro**, 2 de Abril de 1929).

(77) Villiers inseriu esta dedicatória em 1876. Tinha acabado de consolidar as suas relações com Victor Hugo, depois do concurso, organizado pela agência de arte dramática Michaëlis e entregue ao patrocínio do glorioso poeta. Villiers tinha ido falar com ele e tinha-lhe escrito (**C. G.** I, 206). Victor Hugo preparava a nova série de **La Légende des siècles**, que depois seria publicada por Calmann Lévy, em 1877. Nesta antologia iria figurar o poema **Les Trois Cents**, concluído em 1873. Villiers teria conhecido o poema antes da sua publicação? A ideia do conto poder-lhe-ia ter ocorrido nessa ocasião e talvez a dedicatória tenha sido inspirada por uma atenção particular.

(78) Esta frase figura efectivamente entre os fragmentos de Simonidas.

(79) Heródoto narra os comentários insultuosos que se tinham seguido ao regresso a Esparta de um membro do exército dos Trezentos, chamado Aristodemos. Alguns contam que ele foi mandado para fora do campo de combate para levar uma mensagem e que

voltou demasiado tarde para poder participar no combate: «De volta à Lacedemónia, Aristodemos apenas ali encontrou o opróbrio e a desonra; desonra de que podemos ter uma ideia pelo seguinte: nenhum espartano lhe quis acender o fogo, ninguém lhe dirigiu a palavra e sofreu a vergonha de se ver tratado por **Aristodemos o trémulo.**» Heródoto acrescenta que um outro mensageiro, chamado Pantiteu, conseguiu sobreviver e que, «ao regressar a Esparta se viu desonrado e se enforcou». Villiers pode ter tomado esta narrativa tradicional como ponto de partida. No entanto, tal facto apenas esclarece um aspecto da sua narrativa.

(80) Trata-se aqui do soldado de Maratona. Na realidade, «o Enviado de Leónidas» tinha uma distância ainda mais longa a percorrer, a despeito das «suas feridas mortais», e a sua expulsão surge-nos como perfeitamente inconcebível. No entanto, é claro pelo menos que Villiers associa duas lendas célebres: a do desertor espartano e a do glorioso maratoniano. Uma mesma personagem assume o duplo papel do cobarde e do herói; o escritor francês imaginou o trágico mal-entendido que fez passar um herói por um cobarde.

OS SALTEADORES

(81) Cunhado de Jean Marras e excelente amigo de Villiers. Sob o pseudónimo de Henry Laujol, Henry Roujon foi secretário de redacção de **La République des Lettres**, onde foram publicados em versão pré-original seis **Contos cruéis**. Mais tarde, entrou para a administração das Belas-Artes, de que depois se tornou director.

(82) A acção situa-se no «Midi», na região da pasta de fígado e das localidades com o nome terminado em -ac. Uma subprefeitura de Lot-et-Garonne tem o nome de Nérac. Uma localidade da Haute-Garonne chama-se Pibrac. Mas não existem quaisquer «subprefeituras gémeas» chamadas Pibrac e Nayrac. Villiers recorda aqui uma engraçada ressonância que se encontra em **Sur Catherine de Médicis,** de Balzac. Joseph Lecamus, mostra um bilhete assinado por Pibrac, chanceler de Navarra, e que a seguir à assinatura, tem a indicação da cidade de Nérac; Babette Lallier, noiva de Christophe Lecamus, exclama ao ler o bilhete: «Nérac, Pibrac!» (**La Comédie humaine**).

(83) Esta canção, que foi o hino da Revolução de Julho, foi composta por Romagnoni para um poema de Casimir Delavigne e começava assim:

«Peuple français, peuple de braves,
La liberté rouvre ses bras.»

Segundo Balzac (**Lettres sur Paris,** nas suas **Œuvres diverses,** II, 116), Rossini considerava-a como «a maior cavatina da época».

(84) Villiers recorda a ferocidade burguesa de Maio de 1871. Convém sublinhar a este propósito que o conto **Os Salteadores** foi oferecido a um jornal de opiniões democráticas avançadas, **Le Radical** (**C. G.** II, 16).

85. Desde 1866 que Villiers pensava escrever uma irónica **Reabilitação do Terceiro Estado em França,** «uma coisa que faça saltar os burgueses de raiva e de espanto», que iria surgir em **Le Nain jaune** (carta a Mallarmé, 11 de Setembro de 1866, **C. G.** I, 99).

NARRATIVA SOMBRIA, MAIS SOMBRIO NARRADOR

(86) O diferendo de Villiers com Coquelin Júnior a propósito do **Secret de l'Ancienne Musique** (**Contos cruéis,** edição francesa) não durou muito. Se é verdade que Villiers retirou a dedicatória deste conto o intérprete que o tinha deturpado pelas suas iniciativas, também é verdade que continuou a manter relações com ele. Sabe-se que Coquelin Júnior intercedeu pessoalmente junto do editor Charpentier, em 28 de Outubro de 1880, para tentar que ele publicasse uma antologia de contos do escritor, que como agradecimento lhe dedicou **Narrativa sombria, mais sombrio narrador.** Talvez, na sua origem, estas páginas fossem apenas um daqueles monólogos de que Coquelin se servia para arrancar aplausos nos diversos salões.

(87) São realmente estas três palavras que se encontram em epígrafe no texto pré-original. Foram tiradas de uma sátira de Junéval, **Les Vœux.** Denunciando a loucura da maior parte dos votos humanos, o poeta exclamava: «Vai, insensato, vai desafiar os temíveis Alpes, para agradar às crianças e para te transformares num tema para declamação, ut... **declamatio fias.**» (**Sátiras**).

(88) Brébant, em Montmartre.

(89) Villiers refere-se aqui a Dennery, cuja habilidade para conquistar êxitos, verificou tristemente. Em Janeiro de 1874, tinha apresentado sem êxito **Morgane** em Porte Saint-Martin. No mesmo palco, iriam ser aplaudidas **Le Deus Orphelines,** de Dennery e **A Volta ao Mundo em Oitenta Dias,** adaptação teatral de Dennery do romance de Júlio Verne.
A reputação de Dennery estava sòlidamente estabelecida havia muito.
Villiers denunciou sistemàticamente a facilidade rotineira e vulgar dos autores dramáticos de renome. «Hoje em dia», pode ler-se no prefácio de **La Révolte,** «o Teatro cujas regras foram lançadas por homens de ânimo leve (...) está prestes a cair sobre as suas próprias ruínas».

(90) Agente geral da Sociedade de autores e compositores dramáticos. Este intermediário tinha adiantado, em 1874, algum dinheiro a Villiers sobre os seus direitos e o autor de **Morgane** manteve-se de boas relações com ele: em 1876, Villiers voltou a recorrer aos seus préstimos, quando da sua tentativa de fazer representar **Le Nouveau Monde.** Péragallo era a providência dos homens de teatro.

(91) Antigo actor do Théâtre de la Gaîté.

(92) Conforme sugere Badesco, Villiers parece recordar-se de um passo de uma peça de Théodore Barrière, **Les Parisiens,** que obteve grande êxito. Forçado a bater-se em duelo, Jules de Préval hesita, mas Desgenais estimula a sua coragem: «Ainda há pouco, ali, naquele lugar, o senhor de Grandchamp dizia que Maxime era o amante da vossa mãe. Isto é motivo suficiente para deixardes de tremer, não é verdade?» E Jules respondeu ardentemente: «Oh! não! não! — é pela minha mãe...»

(93) Título de um melodrama célebre de Frédérich Soulié, reposto em cena na Porte Saint-Martin em 1875.

(94) Nos anos 1860-1865, o actor Maurice Coste tinha-se especializado em papéis de grandes senhores.

(95) Este célebre romance de Alexandre Dumas filho deu lugar a uma adaptação dramática que foi levada à cena no Teatro de Vaudeville. O herói, Pierre

Clémenceau, é um artista que mata a sua mulher para escapar à desonra.

(96) No começo do Segundo Império, Bocage tinha perdido a direcção do Odéon. Foi forçado a organizar **tournées** pela província, e só voltou ao bairro em 1861, no papel de Guardião de **La Tour de Nesle.**

(97) Landrol era um dos elementos mais sólidos do grupo do Ginásio.

(98) «Paisagens azuladas, raiadas de cor-de-rosa, templos soalheiros, sebes em flor, colunas a perder de vista, vinhas resplandescentes sob o sol da Grécia, nuvens transparentes, auroras de diamante, que mais posso acrescentar? E tudo isto assinado por nomes como Cambon, Despléchin, Lavastre, Fromont, Chéret, os mestres da arte da perspectiva e do colorido» (Georges Duval, **L'Année théâtrale,** 1875, p. 57).

(99) Frédérick Lemaître.

O INTERSIGNO

(100) Ver nas **Mémoires de la Société d'émulation des Côtes-du-Nord**, t. LXXXIII, 1956, o artigo do cónego J. Raison du Cleuziou **Le Chanoine Yves-Marie-Victor Villiers de l'Isle-Adam et le conte de «L'Intersigne».** Conservamos algumas cartas do padre, cuja memória os habitantes de Ploumilliau (Côtes-du-Nord) veneraram. Denunciam uma certa secura de tom e de sentimentos. Não nos parece que se deva ver nele o modelo do herói de **O Intersigno:** as suas relações com o escritor foram bastante distantes e a sua carreira eclesiástica é totalmente diferente da do padre Maucombe. Por outro lado, nada nos autoriza a pensar que o conto tenha sido escrito em Ploumiliau, como pretendeu Robert du Pontavice. No entanto, é natural que Villiers tenha associado a recordação do seu tio à sua personagem do padre bretão.

(101) Erro bizarro, assinalado por Drougard na sua edição crítica de **O Intersigno:** não há solstício de Outono. Mais adiante poderá ler-se que «estamos na última quinzena do feérico mês de Outubro».

(102) **Le Séné (Avicéné)**. (Hist.) (**Nota de Villiers**).

(103) Os samoiadas são um povo nómada das regiões árcticas. O teólogo bretão Robert d'Arbrissel, que, em 1100, fundou a abadia de Fontevrault, teria partilhado o leito das suas religiosas «a fim de se habituar a resistir à tentação» (Baldric, **Vie de Robert d'Arbrissel**).

(104) Parece estar excluída a possibilidade de a inicial R*** designar Rennes, visto que nos encontramos na «Baixa Bretanha»; por outro lado nenhuma das localidades próximas desta cidade se chama Saint-Maur. No entanto, Draugard faz notar a existência de um cabeço de Saint-Maur nas Costas do Norte, a seis quilómetros de Callac.

(105) Drougard acentuou firmemente que a casa do padre Maucombe não se assemelha em nada ao presbitério de Ploumilliau. O modelo não foi encontrado, apesar das pesquisas deste estudioso e de Jean Dorval. Talvez Villiers tenha criado um lugar tipo, associando recordações de origens diversas.

(106) «O coração naturalmente alegre», lia-se em **Duke of Portland** (**Contos cruéis**, edição francesa). Mais uma vez, Villiers retrata-se na personagem vibrante e desencantada do **Intersigno.**

(107) Já **Claire Lenoir** dizia: «Eu não poderia hesitar, eu cristã e pecadora, entre o vosso século de luzes e a Luz dos séculos.» (**O. C.** III, 145). O seu interlocutor, Bonhomet, declarava-se impermeável «às insignificantes mentiras dos intersignos» e às «frívolas histórias de mortos» (**ibid.**, pp. 55-56). Por seu turno, o barão Xavier faz lembrar Césaire Lenoir, marido de Claire: um espírilto claro que odeia a ideia de um mistério associado à morte.

(108) Nome vulgar de insectos que se encontram nos bosques e que fazem um barulho semelhante ao tique-taque de um relógio.

(109) No Sul, no departamento da Sarthe, nota Drougard, devido à pronúncia da expressão que Villiers transcreve.

(110) O escritor bretão Anatole Le Braz consagrou aos **Intersignos** o primeiro capítulo de **La Légende de la Mort:** «Os intersignos anunciam a morte. No entanto,

a pessoa a quem o intersigno se manifesta, raramente é ela própria quem está ameaçada pela Morte (...). Ninguém morre, sem que alguém que lhe esteja próximo, um dos seus amigos, tenha sido prevenido por um intersigno. Os intersignos são como uma sombra, projectada para diante, daquilo que vai acontecer.

Anatole Le Braz, quando criança, recebeu lições de latim em Ploumilliau, do tio de Villiers. Numa das suas peças, evocou o seu encontro com o futuro autor dos **Contos cruéis.** Por certo, **o Intersigno** não deve ter deixado de lhe interessar. Mas a noção e o termo estavam bastante difundidos na Bretanha, mesmo antes de Villiers ter nascido. A mais antiga utilização da palavra **intersigno** que nós conhecemos foi-nos assinalada por Raison du Cleuziou, que a encontrou num **Essai sur les Antiquités du département du Morbihan,** publicado em 1825 pelo cónego Mahé, originário da ilha de Arz.

As histórias de intersignos figuram nos Contos bretões do padre François Cadic. Uma das narrativas desta antologia chama-se **Le Revenant du presbytère** e a história ter-se-ia passado em 1825 no presbitério de Saint-Jean-Brévelay. O conto de Villiers situa-se numa linha de lendas tìpicamente bretãs, em geral difundidas por via oral.

O ANUNCIADOR

(111) Em **O Anunciador,** Villiers, influenciado pela estética parnasiana, procura o brilho e a cor multiplicando os nomes próprios, as palavras raras, as fórmulas precisas pseudo-sábias. O texto mereceria um comentário enciclopédico aprofundado, estranho ao espírito do nosso volume, e que poderá encontrar-se na esplêndida edição crítica de Emile Drougard. Este comentador indicou, por outro lado, as fontes do escritor, que se inspira numa tradição talmúdica retranscrita por Collin de Plancy em **Les Légendes de l'Ancien Testament** (1861).

(112) Villiers tinha dedicado a primeira versão do conto (**Azrael**) a Wagner, «príncipe da música profunda». Posteriormente talvez tenha achado mais apropriado dedicar-lhe um outro conto (**Secret de l'ancienne musique**).

(113) Em hebreu, a célebre «Vaidade das vaidades» do Eclesiasta.

(114) Antigo nome de Jerusalém.

(115) Saul. A ortografia é de Flaubert, segundo nota Drougard. Villiers pretende por vezes, reconstituir ele próprio, as grafias originais.

(116) Não de Élan, cidade de Israel, mas da Pérsia, como o testemunha uma variante. «O reino do Irão, a antiga Élan da Bíblia», pode ler-se no início de uma crónica inédita sobre a Pérsia.

(117) Villiers, ao longe de toda a narrativa, joga sem escrúpulos com os diversos dados da Bíblia. Temos aqui o melhor exemplo. Helcias foi sacerdote supremo do Templo no tempo de Josias, que reinou cerca de quatrocentos anos depois de Salomão; Schelum e a profetisa Helda foram seus contemporâneos e não seus parentes.

(118) Ao referir-se à Arca da Aliança, o escritor comete um estranho erro, talvez por ter pensado remotamente na Arca de Noé, que flutuou sobre as águas do Dilúvio.

(119) Villiers escreve sempre «pantacle» em lugar de «pentacle», que designa uma estrela de cinco pontas.

(120) «A ideia de colocar a Cruz no anel de Salomão é realmente uma ideia de Villiers.» (E. Drougard.)

(121) Na edição original pode ler-se «granítico». O escritor corrigiu posteriormente, num exemplar pessoal. Esta correcção é justificada pelo facto de não existir granito na Palestina, mas calcário.

(122) Nova extravagância cronológica de alguns séculos: Villiers transforma a profetisa Helda, que viveu no tempo de Josias, em evocadora (não mencionada na Bíblia) da sombra de Samuel.

(123) Transcrevemos a seguir a história de Azrael, tal como Villiers a poderia ter lido em **Les Légendes de l'Ancien Testament,** recolhidas por Collin de Plancy:

«Quando (Salomão) ia dar início à sessão, Azrael, o Anjo da morte, passou diante dele de uma forma visível. Parou de repente e olhou fixamente um príncipe que estava ao lado do rei. Esse príncipe perguntou quem era aquela personagem que o olhava assim; Salomão respondeu-lhe que era o Anjo da morte. — Parece

querer levar-me, disse o príncipe, empalidecendo. Ordenai, suplico-vos, aos ventos que vos são submissos que me levem para a Índia.

Salomão colocou o seu anel sobre a cabeça do príncipe e os ventos imediatamente cumpriram aquilo que pedia o príncipe assustado.

Então, o Anjo disse a Salomão: — «Não fiques espantado, profeta de Deus, por eu ter considerado aquele homem com tanta atenção. Tenho ordem para ir buscar a sua alma à Índia e fiquei surpreendido por o ver junto de ti, na Palestina.»

LIVRO B

PUBLICADOS

1. **O ARRANCA CORAÇÕES/BORIS VIAN**
2. **O ELEFANTE/MROZECK**
3. **DO ASSASSÍNIO COMO UMA DAS BELAS--ARTES/THOMAS DE QUINCEY**
4. **A CASA DOS MIL ANDARES/JAN WEISS**
5. **FÁBULAS FANTÁSTICAS/AMBROSE BIERCE**
6. **MANUSCRITO ENCONTRADO EM SARAGOÇA/JEAN POTOCKI**
7. **ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO/LEWIS CARROLL**
8. **OS CONTOS CRUÉIS/VILLIERS DE L'ISLE-ADAM**

A PUBLICAR

9. **A EMBRUXADA/BARBEY D'AUREVILLY**

EDITORIAL ESTAMPA

Rua da Escola do Exército, 9, r/c.-D.to
Tel. 55 56 63 Lisboa-1 — Portugal